

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**A AIDS E A CONSTITUIÇÃO DO FEMININO**

**Autora:**

**Maria da Graça Barsanti Camargo**

**Orientadora:**

**Profa. Dra. Ana Maria Faccioli de Camargo)**

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida por Maria da Graça Barsanti camargo e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ (em branco)

Assinatura do orientador:

\_\_\_\_\_  
Comissão Julgadora:

.....  
.....  
.....  
.....

*À Lena, paciente de AIDS, que provocou o lançamento da dúvida...*

*À minha mãe e ao meu pai tão longe e tão perto na lembrança*

*À Marina e  
Giuliano*

## *Agradecimentos*

*Às mulheres que possibilitaram este trabalho.*

*À Prof<sup>ta</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Maria Faccioli de Camargo, que partilhou comigo os desenhos da vida e me orientou nas trilhas das dúvidas e desafios tornando possível pensar e experimentar de outro modo, este trabalho, a vida...*

*Ao Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Joaquim Brasil Fontes Júnior, membro da banca desde a qualificação e professor que muito contribuiu para minha formação.*

*Ao Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Marcos Villela Pereira, membro da banca desde a qualificação, companheiro de conversas pela estrada, muito auxiliou com discussões e sugestões de leituras, filmes, músicas e textos.*

*À Prof<sup>ta</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Helena Pereira Dias pelas trocas teóricas e competente revisão do trabalho.*

*Aos professores da UNICAMP e aos membros do GEISH pelo compartilhamento das articulações e discussões teóricas constantes que suavizam o ato solitário de escrever.*

*Às contribuições da Prof<sup>ta</sup> Walkíria Helena Grant e (in memoria) do Prof<sup>o</sup> Luís Carlos Nogueira.*

*A equipe da UBS Paulo Eiró e em especial à Dr<sup>a</sup> Sonia Sbarra, Marlene e Dr<sup>a</sup> Carmem que possibilitaram o espaço de interlocução com as mulheres e pelo carinho com que fui tratada.*

*Aos colegas do CRAIDS Sto Amaro e em especial à Angélica e Dr<sup>a</sup> Suzi pela atualização de informações e carinho constante.*

*Ao Irineu pela acolhida não só em sua casa mas também nos embates desafiadores que me instigaram a finalizar este trabalho.*

*Ao apoio e incentivo de minha família, tias, primos, irmãos, cunhadas, sobrinhos.*

*À solidariedade da Manoela, Marta, Luciana, Ângela, Irene, Satian.*

*A todos que em momentos diversos tiveram participação no trajeto da pesquisa e foram substanciais para que o trabalho tomasse forma, gostaria de saber dizer belas palavras como as de Viviane Mose*

*Clarice diz, que sua função é cuidar do mundo.  
E eu, que não sou Clarice nem nada, fui mal forjada,  
não tenho bons modos nem berço.*

*Que escrevo num tempo onde tudo já foi falado, cantado, escrito.*

*O que o silêncio pode me dizer que já não tenha sido dito?*

## RESUMO

Estudos epidemiológicos têm revelado um aumento considerável da disseminação do HIV entre mulheres com parceiro estável. A pesquisa desenvolvida na dissertação “A AIDS e a Constituição do Feminino” pretendeu refletir e analisar sobre o imaginário dessa mulher, dividida entre os paradoxos de forças da vida moderna e a percepção de risco de adquirir o HIV em seu relacionamento amoroso. Para desenvolver o trabalho escolhi a técnica da história oral, entrevistando mulheres com parceiro fixo, sem sintomas do HIV que freqüentavam um ambulatório em São Paulo. Para a análise das entrevistas apoiei-me no referencial teórico de Foucault, em outros autores pós-estruturalistas, na apreciação de filmes e em textos literários. Pesquisar a relação amorosa das entrevistadas com parceiro fixo foi também investigar a questão do amor, com seus emblemas vinculados aos padrões do amor romantizado, apesar das transformações voláteis capturadas pela vida moderna. No relacionamento amoroso parece não existir espaço para desconfianças sobre a fidelidade dos parceiros. Apesar dos pactos do casal serem fluidos e passíveis de mudanças a mulher procura dar um significado ao seu território amoroso acreditando e confiando na fidelidade do parceiro e isto, parece ocorrer, porque a confiança e a crença na fidelidade do companheiro são para estas mulheres “regimes de verdade”. Esta análise pode não só ajudar a entender o aumento de casos de AIDS na população feminina, como também contribuir para levantar alternativas e possibilidades na prevenção do HIV entre parceiros estáveis.

## **ABSTRACT**

Epidemiological studies demonstrate a considerable increase of HIV among women in solid relationships. This paper “AIDS and the feminine constitution” contemplates the woman imaginary, divided by the power of modern life paradoxes and awareness of risk of contamination by the HIV in solid relationships. I chose the oral history technique to develop this work, I interviewed women in steady relationships, without HIV symptoms witch frequented an outpatient clinic in Sao Paulo. I have based the analysis of the interviews in Foucault’s theoryc works, in other Post-structuralists authors, in movies appreciations and in the literary texts. Research the love relationship of the interviewed woman with fixed partner was also researched the love question, with its emblems associated to the patterns of romantic love, besides the volatile transformations captured by modern life. It seems that does not have space for unconfidence about the partners fidelity in the love relationship. Besides the fluidity and possibility of changes in the couple pact, woman looks for significance in her love territory, believing on partner’s fidelity, and this seems to happen because the confidence and belief on partner’s fidelity are for those women “regimen of truth”. This analysis can not only help the understanding of the increase incidences of AIDS on feminine population but also contribute for alternatives and possibilities of HIV prevention between stable partners.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
OCORRÊNCIA DO HIV/AIDS ENTRE MULHERES: algumas constatações.....	7
<i>Em busca de outro caminho: fidelidade, confiança, crença.....</i>	<i>19</i>
CONVERSANDO COM AS MULHERES.....	23
<i>Delineando as trilhas: fidelidade, confiança, crença.....</i>	<i>35</i>
GÊNERO, SEXUALIDADE E AIDS: questões do feminino.....	39
<i>Percorrendo as trilhas: fidelidade, confiança, crença.....</i>	<i>61</i>
OCORRÊNCIA DO HIV/AIDS ENTRE MULHERES: “verdades” do discurso amoroso.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	99

## INTRODUÇÃO

O projeto de estudo sobre Mulheres e AIDS teve início há algum tempo, enquanto exercia a coordenação no Centro de Referência em AIDS na Secretaria Municipal de São Paulo, onde, durante a organização e implantação do serviço de apoio ao usuário, minhas preocupações sobre o tema começaram a tomar forma. O serviço de apoio prevê o atendimento do paciente desde o primeiro momento em que é acolhido no Centro de Referência até a comunicação de resultados de seus exames, quando ele é encaminhado para as diversas especialidades clínicas. Nesta etapa do trabalho, entrevistando e dando suporte a algumas mulheres soropositivas, com parceiros fixos que, justamente, por essa razão se mostravam perplexas com sua condição de portadoras do vírus, me perguntava: o que acontece conosco, mulheres com parceiro fixo, em nossa subjetividade que não nos percebemos como alvo de risco em nossas relações sexuais e conseqüentemente como Sujeitos alvo de prevenção? O que subjaz a esta lógica?

Examinando os dados quantitativos sobre a difusão da doença verificamos que os relatórios da 15ª Conferência Mundial de AIDS, realizada em Bancoc em 2004, apontam que, embora o número de casos da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS no Brasil e no mundo esteja em declínio, em alguns países da África sub Saariana, este cenário é assustador. (Folha de SP, 2004). Estudo realizado pelo Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para as Mulheres - Unifem - informa que a principal forma de transmissão do HIV é a heterossexual. Entre os portadores do vírus da AIDS no mundo com idade entre 15 a 24 anos, 60% são mulheres e nesse mapa, a proporção de mulheres com idade entre 15 e 49 anos, em meio às pessoas infectadas pelo vírus HIV, aumenta conforme o grau de pobreza. Os especialistas alertam ainda para a tendência de novos casos – quando a pessoa tem o vírus e às vezes, nem sabe - estarem crescendo em velocidade muito maior entre mulheres.

Entre os fatores decisivos para a disseminação da epidemia entre as mulheres estão aqueles ligados à anatomia do corpo feminino, à relutância masculina em aceitar o uso do preservativo, à falta de escolaridade e à dependência econômica que colocam a mulher em desvantagem na hora de negociar o uso do preservativo com o parceiro e fatores ligados à infidelidade masculina, socialmente aceita, em que mulheres são infectadas pelo seu

parceiro único. Muitos dos enfrentamentos realizados, anteriormente, pelas políticas públicas de prevenção ao HIV foram eficazes ao tomar como alvo características de comportamentos, mas acabaram por contribuir para dar falsa segurança às mulheres em relação ao HIV, por estas se imaginarem fora das características de risco. No panorama evidenciado pela 15ª Conferência Internacional de AIDS se demarcou fronteiras onde se instaura um alerta de risco nas relações heterossexuais e se estabeleceu a associação entre pobreza e a disseminação da AIDS sobre a população feminina.

Se, por um lado, considero importantes as intervenções na área da prevenção, em que são utilizadas medidas quantitativas, como estratégias úteis para auxiliar o enfrentamento da epidemia pelo HIV, neste trabalho privilegiei a pesquisa qualitativa, por acreditar que ela possibilita um espaço alternativo de compreensão do feminino contemporâneo nas questões da sexualidade, assunto de natureza subjetiva que envolve relações da intimidade.

Como fonte desse estudo, utilizei entrevistas realizadas segundo a perspectiva da história oral, formuladas a mulheres de baixa renda e pouca escolaridade, com parceiro fixo, supostamente, soronegativas e que procuravam atendimento numa Unidade Básica de Saúde na periferia de São Paulo. Vale dizer que tais mulheres têm um universo circunscrito àquilo que podemos denominar lar. Elas possuem um horizonte ligado ao cotidiano em que a presença do companheiro é fator delimitante e referencial.

As histórias das depoentes foram tão ricas que optei por partilhar com o leitor alguns trechos de suas falas em que o cotidiano das relações amorosas, inseridas naquelas do mundo contemporâneo foram delineando este trabalho, possibilitando um campo de diálogo com o referencial teórico. Ao problematizar as questões da prevenção relacionando-as ao risco de adquirir o HIV e ao captar dados subjetivos do imaginário dessas mulheres em suas relações amorosas procurei recuperar, através da análise das entrevistas, sinais, gestos, indícios, manifestações que pudessem revelar como se inscreve essa vivência amorosa no cotidiano, em meio a outras práticas da modernidade. Durante o processo de investigação pôde-se delinear as fronteiras desta pesquisa sobre a mulher contemporânea na sua relação amorosa e na sua percepção de risco de contrair o HIV, através do desenho das certezas, dúvidas e contradições que convivem com ela no cotidiano.

A pesquisa sobre a prevenção ao HIV/AIDS em mulheres com parceiros fixos me levou a investigar, inicialmente, as questões sobre a sexualidade feminina. No entanto, os estudos sobre o tema não foram suficientes para compreender a constituição do pensamento feminino frente ao HIV, quando, então, dirigi meus passos investigativos para a questão de gênero e em meio a essas trilhas percebi a necessidade de me debruçar sobre as circunstâncias em que o amor e as formas do envolvimento amoroso, entre parceiros fixos, são produzidas na contemporaneidade, guardando ainda algumas características e padrões do amor romântico.

O presente trabalho pretende, pois, refletir sobre o imaginário dessa mulher com parceiro fixo e que convive com emblemas produzidos pela modernidade entre eles as liberdades sexuais, a libertação da mulher, a busca do prazer, os relacionamentos abertos, os contatos virtuais pela internet, procurando responder como a mulher vislumbra seu sentimento amoroso e seu comportamento na relação com o parceiro de trocas amorosas – onde parece não existir espaço que permita a percepção do risco de contrair o HIV. Tais reflexões buscam revelar como se deram os deslocamentos daquilo que foi produzido em relação ao cotidiano das mulheres na modernidade e como desvendá-los, sinalizando caminhos alternativos que permitam entendê-la, colaborando assim, para a prevenção da AIDS. Este trabalho é uma tentativa de deslocar as concepções tradicionais que assumem a naturalidade da fidelidade da mulher e da infidelidade do homem. Nessa perspectiva busquei compreender, através das falas das entrevistadas, como se constitui o imaginário feminino nas circunstâncias do relacionamento amoroso.

No trabalho, não foram coletadas nem analisadas as opiniões masculinas sobre intimidades amorosas e a prevenção ao HIV, mesmo considerando que os pactos amorosos acontecem num universo relacional entre os pares. Entendo que ambos são capturados nos pactos estabelecidos entre homem-mulher, amado-amante na constituição do imaginário amoroso, tanto no universo feminino quanto no masculino, vivido e entendido de maneira singular pelos pares. Nas análises sobre as formas de relacionamento estabelecidas ao longo do trabalho estão implicados tantos os universos do feminino como do masculino, embora este último não seja destacado, por não ser o objeto de pesquisa.

Ao lado das falas das entrevistadas, inseri opiniões de colegas, alunos e professores sobre assuntos relacionados ao tema da dissertação. Também tomei como analisadores as linguagens literária e cinematográfica.

As análises foucaultianas que problematizam as relações interpessoais me auxiliaram nessa incursão, como ferramentas e lanternas que me permitiram perturbar a noção simplista e reduzida de homem dominante, machista, versus mulher dominada, freqüentemente abordada por outras correntes de estudo. Assim, ao invés de dedicar minha atenção na relação entre o homem e a mulher, quem governa e quem é governado, quem domina e quem é dominado, quem é fiel e quem é infiel privilegiei pensar, como ocorrem as práticas preventivas em relação ao HIV/AIDS, problematizando a forma como foi produzido o regime de verdade<sup>1</sup> sobre a fidelidade ou seja como as maneiras de conceber o sexo, a sexualidade entre os gêneros constrói a mulher e o homem na intimidade e na circunstância dos relacionamentos na modernidade. Que relações existem entre a constituição histórica da subjetividade feminina, que envolve poder, prazer, sedução, identidade, desejo, erotismo, vergonha, medo, e a dificuldade no uso de práticas seguras no relacionamento com o seu parceiro?

Tomando a obra de Foucault como referência, procurei entender as redes explicativas articuladas a discursos, saberes e práticas que se formaram em torno da palavra sexualidade na sociedade contemporânea e o sentido do discurso amoroso que aconchega a sexualidade entre os parceiros, nos moldes do amor romântico em confronto com símbolos da modernidade. Essa forma de amor idealizada com raízes nos fins do século XVIII, pode colocar em risco a vida das mulheres que hoje vivem em um mundo onde a AIDS perpassa as relações afetivas.

A formulação romântica inclui, assim, a sexualidade na relação conjugal, articulando-a ao amor. É, através da inclusão da individualidade, da sexualidade e da promessa de duração do relacionamento, que o amor romântico, de uma certa forma, parece superar os limites do amor-paixão. O importante é perceber que a distinção do “apaixonamento” do “amor pacífico

---

<sup>1</sup> Regime de verdade: expressão cunhada por Michel Foucault, para quem “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos; a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro”.Foucault, 1985: 12, apud Silva, 2000, p.96)

e sensato” foi e continua sendo uma forma de cultivar o romantismo. Chillemi (2003, p.19)

Para entender estas voltas do amor romântico originado no século XVIII e ainda atuante na contemporaneidade, procurei fazer uma relação entre a maneira de entender as dimensões do tempo na relação amorosa, na perspectiva de Deleuze, que trata esta questão na constituição do sujeito, como um percurso de aprendizagem, um modo de subjetivação, como uma forma de aprendizado de signos e dos signos do amor e as diferentes dimensões do tempo presentes no imaginário das entrevistadas. Assim quando elas, em seu relato se referem a suas raízes, recuperam um tempo do passado que é trazido para o presente, como uma forma de se organizar no mundo atual. Esta procura do tempo é uma forma de aprendizado, é uma forma de subjetivação. Sinais, gestos, risos, circulam entre os signos do amor romântico, são sinais que procuramos quando estamos investidos para entender o mundo do amado, que é um mundo desconhecido e que contem esconderijos, ardis e segredos.

Ao analisar os dados encontrados, numa perspectiva foucaultiana, entendi que este trabalho sobre prevenção ao HIV, trata de exercícios de regimes de verdade produzidos nas práticas discursivas, nas campanhas de prevenção, no interior dos relacionamentos, nas juras, nos pactos do amor romântico com seus padrões disciplinares. Para nós, as práticas discursivas não são apenas mediadoras dos saberes produzidos pela mulher, mas sim constitutivas e produtoras de sua identidade e subjetividade. Procuramos relacionar os caminhos que a mulher percorre ao desenhar a sua identidade e principalmente como essa mulher moderna se inscreve na linguagem, ao entrar em contato com o risco de contrair o HIV com seu parceiro de trocas amorosas.

Esta foi uma questão importante na tecitura das análises deste trabalho, porque as verdades estabelecidas pela ciência, tal como entendidas no racionalismo, em sua missão de ordenar a natureza incrementaram uma prática dicotômica nas nossas relações com o cotidiano, que não deixaram de estar presentes, nas falas das entrevistadas através dos pares fidelidade-infidelidade, confiança-desconfiança, certezas-incertezas. Estas são três palavras que mapeiam a constituição dos relacionamentos contemporâneos através dos pactos entre o casal. Desterritorializar o lugar como a mulher vivência o relacionamento amoroso, no

contexto das entrevistas, significa que a dúvida pode ser incorporada à incerteza, à possibilidade de infidelidade do parceiro.

Assim fui em busca das dinâmicas presentes nos discursos das mulheres para entender como se constrói a realidade no exercício da linguagem, e nesta empreitada me deparei com algo que foge e escapa, espaço do indizível, onde a linguagem não tem acesso, território da intimidade. Pode-se dizer que a realização afetiva na atualidade carrega ainda a herança da moralidade cristã que prega a crença e confiança na fidelidade do parceiro. O preço a pagar por essa maneira de renunciar a uma forma mais livre e espontânea de realizar as trocas amorosas com o parceiro nos dias de hoje, é o risco de nesta cegueira nem se perceber em vulnerabilidade para contrair o HIV. Este pretende ser um espaço de análise do universo feminino, no que diz respeito às relações sexuais, para compreender que dinâmicas estão presentes na constituição da subjetividade feminina e como tais dinâmicas dificultam à mulher praticar medidas preventivas para evitar a contaminação com o HIV em suas relações afetivas. Dessa forma espero poder contribuir para a elaboração de intervenções mais significativas no campo da prevenção.

## **OCORRÊNCIA DO HIV/AIDS ENTRE MULHERES**

### **algumas constatações**

A partir do momento em que a ciência caracterizou a AIDS como uma doença epidêmica, as organizações e os programas mundiais de saúde elegeram, como uma de suas prioridades as ações direcionadas para o campo da prevenção entendendo que elas deveriam se difundir entre a população em velocidade maior do que a da transmissão do vírus. As estratégias de enfrentamento da epidemia foram, então, elaboradas e reelaboradas seguindo o perfil epidemiológico da doença e as intervenções terminaram por se dirigir às populações específicas, acompanhando as tendências de propagação da epidemia. Assim, nos anos 80, logo após os primeiros casos do HIV/AIDS notificados, a prevenção se dirigiu prioritariamente para homossexuais e transfundidos, extratos da população mais atingida no início da epidemia, migrando a seguir para jovens e adolescentes de diferentes camadas sociais e, mais recentemente, para mulheres.

No que diz respeito às medidas de prevenção, muito se tem investido em campanhas periódicas de informações sobre a doença e formas de prevenção, acreditando-se que o conhecimento e as ações educativas desenvolvidas e implementadas por ONGs e pelo Estado e divulgadas pela mídia possam garantir a adoção de práticas e comportamentos seguros, tanto dos indivíduos como de grupos sociais que se encontram em situações de risco. Com efeito, as organizações de saúde preconizam, através de políticas e campanhas, por vezes polêmicas, o uso do condom como uma forma de evitar a propagação do HIV através das relações sexuais, a utilização de seringas descartáveis para os usuários de drogas, medidas sanitárias para o controle dos bancos de sangue utilizado nas transfusões, cuidados no aleitamento materno de recém nascidos para evitar a contaminação vertical e outras prescrições destinadas a setores e segmentos específicos que se fizeram necessárias à medida que a epidemia se disseminou na sociedade.

Tais ações trouxeram respostas satisfatórias para alguns segmentos da população, como demonstram as estatísticas em relação à contaminação de homossexuais, que expressaram significativa diminuição de novas infecções pelo HIV a partir do momento em que se estabeleceram políticas de prevenção direcionadas a essa categoria. Estratégias de

prevenção também se mostram eficientes, quando concretizadas por ações governamentais de países como o Brasil, que adotou políticas de afrontamento ao vírus HIV/AIDS, através de campanhas de esclarecimento público, obtendo desta forma respostas mais eficazes do que aquelas desenvolvidas nos continentes Africano e Asiático, onde os governos subestimaram o poder de difusão do vírus, não esclarecendo a população como se prevenir, contribuindo, dessa forma, para a rápida disseminação do vírus e a crescente letalidade dos infectados (UNAIDS 1998).

Os dados epidemiológicos a respeito do HIV/AIDS nos mostram como é heterogênea e diversa a população infectada pelo vírus e nos faz pensar como são inúmeros e variáveis os enfrentamentos no campo da prevenção da doença, desafios resultantes, principalmente, da diversidade cultural presente na sociedade contemporânea, nas relações entre os diferentes atores – crianças, bissexuais, mulheres, heterossexuais, prostitutas, homens, homossexuais, usuárias/os de droga, donas de casa, e as estruturas sociais de que fazem parte – família, igreja, local de trabalho, sindicatos, ONGs, instituições governamentais, escolas, clubes, prisões. Para Brito (1998, p.9) “trata-se portanto, de pensar essas relações como fios de uma complexa teia, cujos significados são parte de um processo de construção de identidades sociais”.

Os levantamentos epidemiológicos procuram caracterizar as categorias de exposição ao HIV levando em conta o conjunto dos casos existentes a partir de uma rede complexa de questões entrelaçadas em que estão envolvidas e diferentes estruturas sociais. No entanto, ao elaborar as categorias a partir de diferentes caracterizações, inúmeras pessoas correm o risco de se colocarem em grupos imaginariamente imunes de risco de contaminação. Este é o caso, por exemplo, das donas de casa com parceiro fixo, nosso campo de pesquisa. Estas mulheres, por suporem estar livre de contaminação, não adotam atitudes e práticas sexuais seguras. (Boletim Epidemiológico, março-maio/1998).

Estas informações podem ser visualizadas na Tabela I onde consta que no Brasil a razão de casos de AIDS entre homens e mulheres de 1985 a 2002 reduziu de 25,3 para 1,7 respectivamente (Boletim Epidemiológico, Ano XVI, nº 1, 2002).

Tabela I Casos de AIDS em indivíduos com 13 anos de idade ou mais, segundo sexo, razão de sexo e ano de diagnóstico. Brasil, 1980-2002\*

Ano	Casos			
	Masc.	Fem.	Total	M/ F
80	1	-	1	-
82	10	-	10	-
83	36	2	38	18,0
84	126	7	133	18,0
85	532	21	553	25,3
86	1089	67	1156	16,3
87	2387	256	2643	9,3
88	3780	528	4308	7,2
89	5198	797	5995	6,5
90	7373	1277	8650	5,8
91	9456	1884	11340	5,0
92	11572	2742	14314	4,2
93	12547	3421	15968	3,7
94	13388	3962	17350	3,4
95	14729	4944	19673	3,0
96	15983	6197	22180	2,6
97	16137	7242	23379	2,2
98	16738	8079	24817	2,1
99	15590	7940	23530	2,0
00	14806	8134	22940	1,8
01	13096	7669	20765	1,7
02	5957	3359	9316	1,8
<b>Total</b>	<b>180531</b>	<b>68528</b>	<b>249059</b>	<b>2,6</b>

Fonte: Boletim Epidemiológico-AIDS, Ano XVI, nº1

Desde o início da década de 80 até Dezembro de 2002 o Ministério da Saúde notificou 249.059 casos de AIDS no Brasil. Desse total, 180.531 foram verificados em homens e 68.528 em mulheres (Boletim Epidemiológico – AIDS ano XVI número 1). Considerando-se a razão entre o número de casos entre homens e mulheres em todas as faixas etárias, infectados pelo HIV no Brasil verifica-se que foram notificados 6,5 casos entre homens para um caso entre mulheres (6.5/1) no ano de 1989, alterando-se essa razão para 2/1 em 1999, 1.8/1 em 2000 e 1.7/1 em 2001. Estes dados revelam a tendência de feminização da epidemia, constatada pela redução do número de casos no sexo masculino e aumento do número de casos entre mulheres. Contribui, também, para a constatação da

feminização da doença o aumento da incidência de casos entre meninas menores de 13 anos mostrado na Tabela II.

Tabela II - Casos de AIDS, informada em indivíduos menores de 13 anos de idade, segundo sexo, razão de sexo e ano de diagnóstico. Brasil, 1983-2002

Ano	Casos (nº)			
	Masc.	Fem.	Total	M/ F
83	1	-	1	-
84	8	-	8	-
85	18	3	21	6,0
86	16	8	24	2,0
87	68	23	91	3,0
88	85	63	148	1,3
89	108	77	185	1,4
90	172	118	290	1,5
91	232	187	419	1,2
92	276	228	504	1,2
93	297	246	543	1,2
94	384	327	711	1,2
95	398	437	835	0,9
96	492	498	990	1,0
97	512	523	1035	1,0
98	474	442	916	1,1
99	341	362	703	0,9
00	346	314	660	1,1
01	228	230	458	1,0
02	74	105	179	0,7
<b>Total</b>	<b>4530</b>	<b>4191</b>	<b>8721</b>	<b>1,1</b>

Fonte: Boletim Epidemiológico – AIDS, Ano XVI, nº1

A Tabela II mostra que no período de 1999 a 2002 a proporção entre pessoas do sexo masculino/feminino atinge, respectivamente, 0,9/1, 1,1/1, 1/1 e 0,7/1, revelando a crescente incidência da AIDS no sexo feminino e sinais de inversão da proporção da infecção pelo HIV entre os dois sexos – maior número de jovens do sexo feminino do que de jovens do sexo masculino. Tal fato pode ser explicado pela iniciação precoce da atividade sexual feminina compartilhada, geralmente, com homens com maior experiência sexual e, portanto, mais expostos à transmissão de DST e AIDS.

Ao compararmos os dados das Tabelas I e II percebemos que a diminuição da epidemia, a partir de 1997/1998, se expressa em velocidade menor entre pessoas do sexo feminino.

Os dados sobre a distribuição dos casos de AIDS no Brasil e no mundo revelam um aumento considerável na disseminação do HIV entre heterossexuais, que passaram a ser a principal modalidade de exposição ao HIV desde 1993 e explicam o aumento do número de mulheres infectadas com o HIV. No Estado de São Paulo, os dados epidemiológicos são semelhantes àqueles coletados no Brasil e mostram que no início da epidemia (1984) a razão entre homens e mulheres infectados era de 39/1. Dez anos depois esta razão passou para 3/1 e 2/1 nos anos de 1997, 1998 e 1999 como podemos verificar na Tabela III.

Tabela III Casos Notificados de AIDS no Estado de São Paulo e Relação Proporcional Masculino/Feminino por ano de diagnóstico e sexo, período de 1980- 1999.

Anos	Homens	Mulheres	Relação M/F	Total
1980	1	-	-	1
1981	-	-	-	-
1982	8	-	-	8
1983	23	2	11/1	25
1984	78	2	39/1	80
1985	321	11	29/1	332
1986	568	28	20/1	596
1987	1.347	157	9/1	1.504
1988	2.145	366	6/1	2.511
1989	2.904	502	6/1	3.406
1990	4.197	771	5,5/1	4.968
1991	5.324	1.152	5/1	6.476
1992	6.430	1.649	4/1	8.079
1993	6.713	1.916	3,5/1	8.629
1994	6.783	2.068	3,5/1	8.851
1995	7.288	2.560	3/1	9.848
1996	7.294	2.917	3/1	10.211
1997	6.476	3.046	2/1	9.522
1998	5.930	2.980	2/1	8.910
1999	3417	1.699	2/1	5.116

Fonte-Boletim Epidemiológico, abril, 2000.

O pano de fundo estatístico evidencia a crescente e preocupante incidência do HIV entre as mulheres e reforça a necessidade de uma investigação aprofundada dirigida para esta categoria de exposição ao vírus. Levando-se em conta os 20 anos passados desde que a AIDS foi identificada como sendo causada por um vírus, seus efeitos analisados e muitos de seus nexos desvendados, e um grande volume de informações a respeito das formas de prevenção da doença divulgadas pela mídia é imperativo que se questione a crescente disseminação da doença entre mulheres. É premente que se pergunte e se compreenda que mecanismos sócio-culturais estão envolvidos na feminização da epidemia.

As diferenças apontadas no perfil epidemiológico entre homens e mulheres se fazem presentes, também, quando se trata de índices de mortalidade. Com o surgimento de novas alternativas de tratamento a partir de 1995, o número de óbitos por AIDS na população em geral vem diminuindo e, apesar da adesão ao tratamento ter sido semelhante para os dois sexos, a redução do índice de mortalidade é maior entre os homens do que entre as mulheres.

As causas para esta menor diminuição no índice de mortalidade entre mulheres tem sido atribuídas à dinâmica da epidemia no corpo feminino cuja conformação dos órgãos genitais possibilitam atingir uma maior área e período de contato de exposição ao vírus e conseqüente favorecimento da aquisição da doença. Somado a isso se devem considerar as relações estabelecidas entre as mulheres e as diferentes estruturas sociais em que estão envolvidas. Segundo o sistema de informação do CRDST/AIDS Sto Amaro, em geral, os homens procuram o Centro de Referência quando apresentam pruridos no pênis, coceiras e outros sintomas de DST sendo a doença prontamente diagnosticada e tratada, enquanto que as mulheres só buscam atendimento no CRDST/AIDS quando o parceiro morre com o diagnóstico da doença.

É plausível supor que nas condições de pobreza e desigualdade social em que se encontram as mulheres - particularmente as que habitam os países periféricos - a AIDS se configure como um dos mais graves problemas tanto de saúde como no campo social que afetam a vida das mulheres. (Unaid, 1998). Os dados fornecidos pelo sistema de informação da UBS, onde realizei esta pesquisa, reforçam a idéia da gravidade das doenças sexualmente transmissíveis entre as mulheres, quando mostram que do universo das mulheres atendidas pela clínica de ginecologia que se submetem a exames pré-natais, 70%

delas apresentam o Vírus do Papiloma Humano (HPV), 50% são portadoras de sífilis e 10% são portadoras de HIV/AIDS. Esses dados confirmam as estatísticas, sobre vias de transmissão (Boletim Epidemiológico AIDS; 2002) que indicam ser as relações sexuais responsáveis 61,6% dos casos de transmissão de AIDS entre a população masculina, enquanto que entre as mulheres, 85,5% dos casos notificados se deram pela via sexual, evidenciando a medida da importância das relações sexuais na transmissão do HIV, quando diz respeito a pessoas do sexo feminino.

Outra questão, que contribui no retardo do diagnóstico diz respeito às dificuldades de atendimento da população feminina e de baixa renda. Tal dificuldade pode ser constatada na fala de Rita, uma de minhas entrevistadas, que expressa os percalços pelos quais passa para ser atendida ao tomar várias conduções para chegar em um serviço de saúde. Somado a esses contratemplos Rita, sente não ter conseguido falar sobre seus problemas de saúde com mais detalhes em vista do grande número de pacientes que aguardavam atendimento.

- Você está bem?

*Estou bem, assim entre aspas, eu estou com muita dor, e fui atendida rapidamente. A fila lá fora está enorme e eu peguei três conduções para vir aqui.*

- O que você sente?

*Tenho cólica e acho que quando a gente está assim precisa de muito carinho. Estou tão indisposta que nem lembrei de comentar com ela o negócio do tegretol que eu tomei.*

*Outro problema é que eu não consigo amamentar porque os meus seios estouram todinhos. Esqueci de comentar com ela porque é tudo muito rápido. Lá onde eu moro tem um posto de saúde e vou fazer lá o pré-natal. Eu vou marcar, vou fazer lá e vou fazer aqui. Eu conheço a enfermeira lá, ela é super legal. Vou ter mais tempo para conversar.*

A fala de protesto da entrevistada reflete a forma como a população vê o atendimento oferecido pelas instituições governamentais, que apesar de ser gratuito e de qualidade, convive com um serviço moroso, decorrente do grande volume de pessoas que procuram o ambulatório.

As pesquisas também indicam que as mulheres em situação de risco mais explícito como, por exemplo, as prostitutas e usuárias de droga endovenosa (UDEV), parecem fazer uso mais eficaz tanto de práticas preventivas quanto de práticas que possibilitam maior

sobrevida após a infecção. Situação inversa ocorre com as mulheres que têm um parceiro estável, que por não se perceberem em risco, não têm atitudes e práticas sexuais seguras e quando procuram os serviços de saúde já estão em fase avançada da doença. Este aparente paradoxo é melhor entendido quando analisamos o depoimento de uma funcionária do CRDST/AIDS ao relatar que os cuidados das profissionais do sexo relativos a prevenção de doenças sexuais são muito mais eficazes com os clientes ocasionais do que aqueles tomados com o seu parceiro fixo. O sentimento amoroso que elas devotam ao parceiro impede que nessa situação elas se percebam em risco, mesmo que possa ser um homem com várias outras parceiras. O amor romantizado cobre o companheiro com um véu de pureza e proteção livre de qualquer risco.

Tabela IV. Principais ocupações dentre os casos de AIDS. Município de São Paulo, 1980-2003\*.

Posição/ Período	Período			
	1980-1990	1991/1995	1996/2000	2001-2003
1º	Ocup. ignorada	Ocup. Ignorada	Ocup. ignorada	Ocup. Ignorada
2º	Aux. escritório	Dona de casa	Dona de casa	Dona de casa
3º	Comerciante	Aux. Escritório	Aux. escritório	Aux. Escritório
4º	Contador	Repres. Comercial	Repres. comercial	Comerciante
5º	Dona de casa	Comerciante	Comerciante	Doméstico
6º	Cabeleireiro	Motorista	Motorista	Motorista
7º	Repres. comercial	Cabeleireiro	Doméstico	Cabeleireiro
8º	Motorista	Contador	Cabeleireiro	Repres. Comercial
9º	Professor	Doméstico	Segurança	Vendedor
10º	Doméstico	Segurança	Contador	Pedreiro
11º	Segurança	Professor	Pedreiro	Segurança
12º	Estudante	Pedreiro	Vendedor	Trab. Braçal
13º	Advogado	Mecânico	Professor	Cozinheiro
14º	Mecânico	Estudante	Cozinheiro	Pintor
15º	Pintor	Pintor	Costureiro	Autônomo
16º	Cozinheiro	Vendedor	Mecânico	Estudante
17º	Médico	Cozinheiro	Pintor	Costureiro
18º	Garçom	Metalúrgico	Estudante	Contador
19º	Pedreiro	Costureiro	Garçom	Garçom
20º	Vendedor	Garçom	Cobrador	Aposentado

Fonte: DST/AIDS Cidade de São Paulo – SMS. Dados preliminares até 30/09/2003

Como podemos verificar na Tabela IV, se levarmos em conta as principais ocupações de pessoas com AIDS, as donas de casas estão em quinto lugar, entre os anos 1980 e 1990 e em segundo lugar no período de 1991 a 2003, no Município de São Paulo, ultrapassadas apenas pelas ocupações ignoradas. Os dados são assustadores quanto à evolução da doença na população feminina. Em uma reportagem da Folha de S. Paulo (2001), as explicações para a pergunta: “quem são aqueles que estão morrendo de AIDS e porque estão morrendo?” mostra dados reveladores da predominância da profissão dona de casa. Os possíveis contaminadores estariam dentro de seus lares e seriam seus próprios companheiros. Estas mulheres têm acesso mais restrito aos contatos intrapessoais, tendo o marido como principal fonte de informação, além da TV. Mesmo aquelas que desejam usar preservativo não se sentem confortáveis para negociar com os companheiros os quais são, geralmente, os provedores da casa e têm sempre a última palavra nas decisões do casal.

Uma de minhas entrevistadas procurou o ambulatório porque estava com suspeita de gravidez do terceiro filho e desejava fazer uma intervenção contraceptiva definitiva. Casada há 10 anos, não usa costumeiramente preservativo em suas relações com seu companheiro e quando indagada sobre a possibilidade do parceiro vir a usar preservativo apresenta um discurso controverso. Fica claro neste diálogo que ela aceita o discurso de prevenção, através de métodos contraceptivos, mas ignora o discurso da prevenção de DST/AIDS através do uso do condom, por não se julgar em situação de risco.

- Vocês conversam sobre o uso de preservativo?

*Sim!*

- Se você solicitar ele vai usar camisinha?

*Vai!*

*E se você não conseguir fazer a laqueadura, ele faz a vasectomia?*

*Ele disse que sim*

*E depois da laqueadura, ele vai usar a camisinha?*

*Ele vai me dizer, usar camisinha para quê? Você já fez laqueadura. Ontem ele falou. Porque você fez exame de HIV? Você não precisa.*

Nesse diálogo sobre o uso do preservativo verifica-se que o casal não se percebe em risco de contaminação pelo HIV em suas práticas sexuais. Contudo, o confronto entre a adoção de medidas de prevenção baseadas apenas na divulgação de conhecimentos cientificamente produzidos sobre a AIDS e o atual perfil epidemiológico da doença no

Brasil – pauperização, feminilização -, nos faz pensar que o conhecimento adquirido não está garantindo práticas seguras de prevenção, e que as medidas propostas pelas campanhas não têm sido eficazes para a diminuição do impacto da epidemia em mulheres e, particularmente, em mulheres pauperizadas, conforme o esperado pelas campanhas preventivas desenvolvidas por ONGs e pelo Estado.

Os indicadores quantitativos sobre a disseminação da AIDS são importantes como dados de superfície a respeito da epidemia, uma vez que podem ser generalizados para o conjunto da população indicando os alvos de prevenção. Por exemplo, a partir de 1998 os dados epidemiológicos vêm sinalizando uma pauperização e feminização da AIDS. Este dado é importante para indicar os caminhos da contaminação e mostrar a importância de se adotar uma estratégia de prevenção. No entanto, não se constitui num indicador da forma como deve e pode ser pensada a prevenção. Onde então encontrar possíveis caminhos para a prevenção? Acredito que as informações qualitativas embora percam em generalização, ganham em profundidade, quando se buscam respostas para questões de natureza mais subjetiva, como parecem ser aquelas vinculadas à mudança do comportamento em relação à sexualidade.

Neste contexto, apesar das inúmeras campanhas de prevenção assistimos o aumento de casos de AIDS em mulheres. Isto me levou então a perguntar: que relações existem entre a constituição histórica da subjetividade feminina, que envolve poder, prazer, sedução, identidade, desejo, erotismo, vergonha, medo, confiança no parceiro fixo e a dificuldade no uso de práticas seguras no relacionamento com seu parceiro? Tal questão remeteu meu olhar para além da superfície dos dados e para o desenvolvimento deste trabalho que demandou uma pesquisa de campo e estudos que permitissem analisar a fala das mulheres no sentido de estabelecer possíveis conexões entre as relações sexuais e a produção da subjetividade feminina. Dessa forma acredito que a partir das falas das entrevistadas pude entender as construções culturais que estão embasando sua maneira de viver a sexualidade e seu valor representativo para a mulher. Assim, examino sob uma ótica distinta, daquela fixada pelos frios dados estatísticos, procurando conhecer a dinâmica presente nas relações das mulheres em situação de risco com as diferentes estruturas sociais nas quais estão inseridas. No presente trabalho, analiso como se tem dado a constituição da mulher, buscando compreender melhor o que dificulta às mulheres com parceiro estável, praticar

medidas preventivas para evitar a contaminação com o HIV. Através desse prisma acredito estar contribuindo com os programas de prevenção voltados para as mulheres, buscando tornar mais eficazes as estratégias de intervenção no processo de difusão da doença.

Guimarães (1996), em sua pesquisa cita que não se trata de discutir a questão da mulher, enquanto categoria monolítica e subordinada, mas sobretudo de precisar quem são as mulheres sobre as quais se fala, as diferentes estruturas sociais onde se inserem e como elas fazem a representação da AIDS. Nessa pesquisa, com mulheres que se diziam casadas ou com um parceiro fixo, Guimarães pôde perceber que mulheres infectadas e mulheres supostamente não infectadas guardavam muitas semelhanças diante da vida e o que as aproximava era a visão de mundo com que construía sua identidade de mulheres. A autora ainda observa que para as mulheres pesquisadas, a possibilidade de se pensarem em risco, praticamente, inexistia. Fato que, observa Guimarães, não pode ser atribuído à desinformação, mas pode ter como justificativa a forma de conhecimento que a mulher tem do outro para não tomar maiores cuidados. Frequentemente estas mulheres usavam como explicação para não se protegerem a frase: “*mas eu conheço ele!*” Esta forma de referir-se ao parceiro afetivo-sexual parece ter a intenção de distanciá-lo dos, então, considerados grupos de risco. Este imaginário sexual e social da AIDS distorce a realidade da doença, invocando diferentes imagens e interpretações ao mesmo tempo em que estigmatizam o “desconhecido” e parecem fornecer ao parceiro conhecido, um manto de proteção.



*Em busca de outro caminho*  
*fidelidade, confiança, crença*

Os dados levantados sobre o aumento da doença entre mulheres me instigaram a buscar compreender a constituição do feminino e o imaginário social da AIDS, perguntando o que leva mulheres com parceiro estável não se perceberem em risco de contrair o HIV. Tal pergunta está relacionada ao trabalho de atendimento, informação e apoio bio-psico-social que desenvolvi com mulheres num centro de referência de AIDS. Se, no cotidiano da prática profissional conseguia das pacientes alguns avanços como aceitarem o fato de estarem infectadas pelo HIV, freqüentarem sistematicamente o serviço de saúde, aderirem ao tratamento medicamentoso, revelarem sua condição de HIV positivo e procurarem apoio de familiares e amigos, por outro lado, conviviam com fatos que me fugiam à compreensão e requeriam conhecimentos ou estudos aprofundados que contribuíssem para o entendimento daquela realidade para nela poder intervir. Por exemplo, como compreender mulheres que mesmo suspeitando que o marido tinha outra/as parceira/as ao se descobrirem HIV positivas ficavam perplexas com a possibilidade de terem contraído o vírus do parceiro.

Ouvindo a fala das mulheres procurei abrir um canal de escuta, construindo um espaço de reflexão e análise sobre o universo feminino no que diz respeito às relações sexuais, ao que é sexo, ao que é prazer e como tais mulheres negociam suas relações afetivas, por entender que a prevenção deve estar voltada não apenas para a AIDS “real” (conhecimento científico sobre o vírus, prevenção, aumento do número de casos em mulheres), mas, fundamentalmente para a AIDS simbolizada no imaginário feminino.

No cotidiano do trabalho que desenvolvi no Centro de Referência de AIDS da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo pude observar que tanto as mulheres desinformadas sobre o que é a AIDS como as informadas, nada faziam para se proteger da infecção com seus parceiros e que, ironicamente, quanto mais estável o relacionamento amoroso - casamento oficial, aparente harmonia familiar, presença de filhos - mais ausentes eram os cuidados na prática sexual dessas mulheres. Ao mesmo tempo percebi um

componente cultural ou estrutural em que poucas mulheres abandonam seus parceiros HIV positivos, assumindo o encargo de cuidá-los e muitas vezes de continuar o relacionamento sem o uso de preservativos. Ao contrário, os parceiros masculinos em geral esperam ser assistidos pelas mulheres e quando descobrem a soropositividade das parceiras, na maioria das vezes, acusam-nas de infidelidade, chegando a abandoná-las. Também era freqüente na clínica a presença de mulheres, que apesar de terem adquirido a AIDS dos parceiros sentiam-se culpadas, trazendo para si a responsabilidade da doença. Esta maneira da mulher decidir sobre o próprio destino permite supor que existe uma vivência de gozo e de entrega que predomina sobre as informações preconizadas pela prevenção, em que as decisões são tomadas mais por razões subjetivas do que por circunstâncias externas. Poderia dizer que existe uma espécie de prazer ao colocar-se em risco de contrair o HIV. Existe na constituição do feminino algo muito além e profundo do que o conhecimento ofertado pela ciência, que permite a mulher se colocar em risco de contrair HIV de seu companheiro de práticas sexuais?

Minha leitura do filme NOITES FELINAS, história de Jean, um fotógrafo voltando a França de uma viagem de trabalho ao Marrocos descobre ser portador do HIV, indica-me uma experiência de entrega. Em Paris, durante a produção de um comercial conhece Laura, uma jovem atriz por quem se sente imediatamente atraído, no que é correspondido. Numa conversa Jean revela que gosta também de rapazes, mas Laura diz não se importar com isso e antes de transarem, ele tenta, em vão, expor a Laura aquilo que nem ele sabe nomear, pois sente o vírus como se tratasse de algo externo a ele e que não fizesse parte de seu corpo. Os dois vivenciam esse relacionamento amoroso sem o uso de preservativos. Jean quase num processo de negação de sua soropositividade imagina que nada irá acontecer a ela porque se amam e imagina que esse amor o purifica, deixando-o livre do vírus. Quando Jean confia a sua soropositividade, Laura se revolta pelo fato dele não ter confiado nela desde o primeiro encontro, fica transtornada mas em seguida transam e ela decide não usar preservativo. A partir deste dia, Laura não só não o abandona, como diz já nem pensar nela mesma e que só teme por ele e só consegue pensar nele. Passa a controlá-lo num crescente ciúme obsessivo, impossibilitando a convivência entre eles e num total descontrole acaba por ser internada numa clínica para se recuperar do abalo emocional. Através das cenas do filme a personagem vai nos desvelando uma espécie de gozo na maneira de decidir sobre o

próprio destino ao lidar com o risco de contrair o HIV de seu companheiro amoroso, não pensando em nenhum momento em se resguardar desta possibilidade, quer seja usando preservativo, quer seja abandonando o parceiro. Porque após saber que seu companheiro sexual está contaminado com o vírus do HIV Laura impede que Jean use camisinha? E porque não o repudia, ao contrário, se agarra ainda mais a esse relacionamento?

Pommier (1992) nos fala do equívoco sobre o amor, considerando esse sentimento uma mentira, um mal entendido na nossa vida cotidiana que orienta a relação entre a mulher e o homem e acaba por levar mais a um desencontro amoroso e a um tormento do que a um desenlace harmonioso. Nesta relação assimétrica masculino- feminino, Freud ao investigar o querer de uma mulher lança a sua pergunta famosa: “afinal, o que deseja uma mulher?” Lacan (1992), posteriormente, coloca o desejo da mulher mais próximo do místico, da paixão, como se o homem representasse uma devastação para a mulher, ou um campo onde não nascesse mais nada. Assim a mulher se anula como Sujeito fazendo um pacto de morte e se oferece, se mostra adormecida em seu desejo para que apareça como um objeto ao seu homem.



## CONVERSANDO COM AS MULHERES

... que entre o que fala e o que escuta se cria um círculo de proximidade, uma sensação de terna cumplicidade, um vínculo pessoal. Ao mesmo tempo em que escuta a confissão, sente a ilusão de ser ele mesmo, tem a impressão de ser alguém e não apenas um a mais, de ter algo que permite ajuntar os pedaços da sua existência fragmentada.(Pardo, 1996, p.26)<sup>2</sup>

Com o propósito de realizar este trabalho entrevistei dez mulheres que tinham relacionamento amoroso com um parceiro estável e se julgavam não reagentes para o HIV. As entrevistas foram realizadas na Unidade Básica de Saúde Santo Amaro da cidade de São Paulo que atende população de baixa renda. Essa instituição de saúde existe há trinta anos na região Sul de São Paulo e no princípio pertencia aos quadros de atendimento do INAMPS. Em 1988, como reflexo da Conferência Nacional de Saúde e da implantação do SUS, a referida Unidade passou a ser gerenciada pelo governo estadual e atualmente está integrada à rede de serviços municipalizados da cidade de São Paulo, sob a coordenadoria de Santo Amaro. Como esta é uma região onde se concentra um grande número de trabalhadores ambulantes - os camelôs - ao lado de uma população de idosos, a administração municipal priorizou nessa unidade a criação de um núcleo para o idoso que serve de referência para a população da região, conjuntamente com as clínicas de odontologia, ginecologia, pediatria, endocrinologia enfim, várias especialidades de saúde. A UBS localiza-se num prédio de cinco andares no centro de Santo Amaro. Em seus corredores e escadas circulam, diariamente, centenas de pessoas provenientes de bairros distantes à procura de atendimento de saúde mais especializado e dinâmico, como pude verificar no relato de minhas entrevistadas, que apontam dificuldades quanto ao agendamento de consultas no bairro de origem, seja pela demora, seja pela falta de profissionais na especialidade desejada. As mulheres entrevistadas nesta pesquisa eram

---

<sup>2</sup>... que entre el que habla y el que escucha se crea un círculo de cercanía, una sensación de cálida complicidad, un vínculo personal. Mientras escucha la confesión, siente la ilusión de ser si mesmo, tiene la impresion de ser alguien y no sólo uno más, de tener algo con lo que encolar los pedazos de su existencia fragmentaria .(Pardo 1996, p.26) [tradução da autora]

pacientes da clínica de ginecologia, não tinham queixas de sintomas de HIV e eram, supostamente, soronegativas.

O trabalho foi realizado através de uma pesquisa qualitativa, utilizando a técnica da história oral, que se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas que falam sobre aspectos de suas vidas, fatos que, geralmente, não são registrados como documentos. A técnica foi escolhida por ser uma forma espontânea e abrangente de colher informações e, de acordo com o nosso objetivo, poder abrigar o raciocínio das entrevistadas, captar sentimentos, representações, dúvidas e relatos de comportamentos em relação à prevenção da AIDS, assim como a vivência de sua sexualidade e o seu significado.

Seguindo a orientação desta técnica as mulheres foram entrevistadas em local reservado, segundo um roteiro de questões semi-estruturadas e previamente elaboradas de forma a permitir que relatassem a sua opinião com espontaneidade. Antes de iniciar as entrevistas expliquei que utilizaria um gravador portátil para registrar as conversas para depois transcrevê-las para o papel, pois assim teria as informações necessárias para realizar a pesquisa. Apesar de nenhuma entrevistada ter recusado a gravação percebi que no início das conversações havia um certo desconforto, manifestado através de perguntas, como: “mas não vai aparecer na televisão?” o que era superado à medida que as entrevistadas se descontraíam e falavam de si. No início da entrevista expliquei o tema do projeto de pesquisa e salientei como as experiências que viveram são desconhecidas de muitos e como podiam ser preciosas e fundamentais para se construir um documento sobre o tema. As entrevistas fluíram tranqüilamente com menor número possível de perguntas de maneira que cada informante pudesse fazer associações subjetivas, olhando em torno e enxergando a própria vida, em sua totalidade ou partes consideráveis dela. A transcrição para o papel foi realizada por mim. Tal opção foi tomada, levando-se em conta que toda transcrição é uma recriação e a participação de uma terceira pessoa nesse processo poderia reproduzir o discurso oral com menor fidedignidade.

Thompson (1992), chama a atenção para uma série de cuidados na concepção e no andamento das entrevistas: o local onde realizá-las, de preferência um lugar em que o informante se sinta à vontade, considerando-se que, em geral, o melhor é permanecerem sozinhos, entrevistador e informante, pois a privacidade pode propiciar uma atmosfera de

confiança, lembrando que a presença de outra pessoa na entrevista exerce uma sutil pressão sobre o relato. A entrevista estabelece uma relação entre pessoas, com suas convenções próprias cuja violação pode destruí-la. Espera-se do entrevistador a demonstração de interesse pelo informante e pautando esta relação, deverá existir cooperação, confiança e respeito mútuos.

Durante o registro das entrevistas procurei, também, observar como as mulheres se expressavam, como riam, permaneciam silenciosas, manifestavam pudor, medo, desconfiança, pois tais manifestações somadas ao seu discurso podiam anunciar melhor o seu modo de ser. Os discursos das entrevistadas acompanhados de gestos, sinais podem ganhar contornos reveladores (Ginzburg, 1989). Manifestações como risadas e pausas prolongadas eram freqüentes, quando a pergunta formulada, de alguma forma, envolvia a intimidade delas com o parceiro, como pode ser observado nestes fragmentos de diálogos com Maria de Jesus e Aurelice, respectivamente .

- Ele não sai com outras mulheres?

*Tenho certeza que até..... (dá uma risada exagerada) quando eu conheci ele nunca tinha tido mulher.*

*Não era agora que ele ia arrumar mulher.*

- Você recebe cantada no seu serviço?

*Bastante. Mas eu não ligo.(pausa prolongada).*

*Eu sou muito cismada.*

*Até quando eu conheci meu marido eu era cismada e para fazer sexo com ele demorou muito.*

As histórias vividas pelas entrevistadas eram lembradas de maneira diversa para uma pessoa desconhecida, em situação inusitada e a lembrança, podia ser estimulada como se fosse o reencontro com um velho conhecido, ou por uma nova visita ao cenário de um acontecimento passado. Algumas entrevistadas relatavam suas vidas como se estivessem projetando um filme em que algumas cenas eram descritas com minúcias e outras reproduzidas rapidamente.

Ao colher e analisar os depoimentos orais das mulheres não podemos nos esquecer da contribuição das práticas culturais na constituição do sujeito. As práticas representadas pelas pantomimas dos palhaços dos circos mambembes, pelos contadores de histórias e repentistas nas feiras-livres, pelas peças teatrais alternando do clássico ao popular, pelos filmes de grande audiência de massa, pelas telenovelas de profunda penetração popular.

Enfim, tudo o que é produzido por esses meios de comunicação, pode influenciar a conduta das mulheres, induzi-las a se expressarem de maneira homogênea, contribuindo assim para a constituição da estrutura do feminino. Nossas entrevistadas são produto destas construções e atuam em um cenário onde contracenam ambigualmente entre legados disciplinadores e a realidade assustadora e instável da contemporaneidade.

No correr das entrevistas era essencial, também, que fossem estimulados nos relatos, acontecimentos importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Nesse sentido foram formuladas perguntas direcionadas ao tema seguidas de silêncios que permitiam que as entrevistadas retomassem os discursos e os direcionassem para aquilo que julgassem importante. Com efeito, quando se resgata fragmentos da memória abre-se a possibilidade de se restaurar o universo em torno de pequenos fatos, passagens, ou nomes, pois a reativação de um acontecimento do passado no presente pode abrir uma janela que ilumina histórias guardadas. Os processos reflexivos recolhem lembranças, sentimentos, emoções, aspectos do passado que verbalizam imagens do consciente enlaçando o passado como uma dimensão do presente. Neste entendimento o tempo não é compreendido como aquele que passou e que, quando lembramos dele, estamos fazendo apenas uma escavação da memória, uma recordação somente. Eleger a técnica da história oral para procurar compreender o que pensam as mulheres com parceiro estável em relação às medidas preventivas ao HIV-AIDS teve como objetivo instaurar um processo reflexivo a partir de lembranças, as mais variadas, do passado que no momento do relato se tornam presentes e ressignificadas.

As análises realizadas a partir de depoimentos obtidos pela técnica da história oral, consideram o tempo perdido, o tempo que se perde, o tempo recuperado e o tempo que se recupera como maneiras de aprender ou modos de subjetivação. Deleuze (1987), quando analisa a obra de Proust “Em Busca do Tempo Perdido” entende esta procura do tempo como uma forma de aprendizado do sujeito e recupera desta obra a idéia da aprendizagem dos signos os quais se organizam em diferentes mundos e dimensões que o constituem tanto na sua unidade como pluralidade. Nesse sentido percebi que as entrevistadas, durante os depoimentos, são sujeitos aprendizes quando decifram e interpretam alguns signos ou sinais específicos de um tempo.

Cabe ainda ressaltar que neste trabalho de depoimentos orais, as perguntas dirigidas para as entrevistadas suscitam uma reflexão na medida em que problematizam concepções

pré-formadas sobre a fidelidade e a infidelidade, que são alguns dos pilares sobre os quais foram construídos conceitos e verdades sobre o amor romântico. É neste sentido que o processo de lembrar pode ser um meio de explorar os significados subjetivos da experiência vivida, tornando a memória viva e ativa e não apenas um objeto que aponta fatos a serem colecionados, ordenados e classificados.

A chamada memória involuntária, usada como ferramenta auxiliar no processo de construção do conhecimento tem sido utilizada por áreas que dirigem múltiplos olhares nos trabalhos de pesquisa histórica, ao lado da razão tão valorizada pela ciência. Os campos de trabalho da psicanálise e da psicologia dialogam com distintas áreas como a sociologia, a antropologia, a educação, as artes, constituindo redes de pesquisa diferenciadas e enriquecedoras (Thompson, 1992).

No processo de resgate de fatos vividos no passado pelas informantes, pude observar que Rita durante a entrevista, teceu sua história a partir da pergunta “Com quantos anos você começou sua vida sexual?” Ela se reportou ao tempo da adolescência e todo esse universo se iluminou, ou seja, transpareceu junto às palavras, a intensidade das emoções armazenadas de seu passado.

*Com 17, quando conheci meu marido. Aí, fiquei grávida. Dizem que você não fica grávida da 1ª vez, mas é mentira, porque eu fiquei. Você nunca imagina que você vai engravidar, pelo menos, não na 1ª relação, tá certo? Isso em setembro fez 9 anos. Eu não pensei em nada além da gravidez. Nem doença nem nada. Eu fiz sem pensar. Se eu tivesse pensado eu não teria feito.*

Hoje o que você faria?

Esta pergunta traz do passado a dimensão do presente e se oferece como espaço de reflexão:

*Não engravidaria. Usaria preservativo não só para não engravidar, mas para evitar doenças. Porque eu conheci o Manoel bem pouco, praticamente a gente nem se conhecia. Foi um ato de loucura. Coisa de adolescente. Eu vou fazer porque eu vou mostrar para fulano que eu sou capaz.*

- Que fulano?

*Na época ele tinha um monte de namoradas. Então, ficava um monte de meninas em cima dele. Aí uma amiga minha falou, “você é de menor?” Aí eu falei, sou. Aí ela falou, então usa a sua virgindade para prender o Manoel.*

*Oh que besteira. Depois eu fui pensar porque eu fiz isso, né? O Manoel ia ficar comigo de qualquer jeito. Ah porque se ele está comigo, é porque ele gosta de mim. Só pensei nisto depois quando estava grávida, antes eu não pensei. Até porque adolescente não costuma pensar muito.*

Vejo que os depoimentos da entrevistada se aproximam do gênero literário novela e me pergunto, o que se passou com Rita quando, durante os seus relatos, se remeteu ao passado, que descobertas fez em sua vida amorosa?

Deleuze (1987), ao analisar o trabalho de Proust, considera que os menores movimentos, entonações e olhares dos personagens em sua obra circulam através de espaços subjetivos específicos que se entrecruzam em certos pontos com os diferentes mundos de signos por onde transitam. Pude também entender as relações que dizem respeito aos signos do amor pois, que segundo Proust, quando procuramos decifrar os sinais do amor lançamo-nos no envolvimento com o mundo do amado e com o mundo desconhecido do amado para o amante. Amar, seria então interpretar signos não conhecidos, pois ao mesmo tempo em que os signos do amado se dirigem ao amante, os excluem do mundo que se formou *a priori* ao amante. Desta forma os signos amorosos contêm esconderijos, exprimem segredos ardilosos que, mesmo quando são revelados ao amante, contêm algo do desconhecido, quiçá do engano.

Na obra *Mil Platôs* (1996), Deleuze define esses espaços subjetivos como linhas de escrita, de vida, de sorte ou infortúnio e tantas outras e em suas reflexões analisa os traços literários que distinguem a novela, do conto e do romance.

“Pois somos feitos de linhas. Não queremos apenas falar de linhas de escrita; estas se conjugam com outras linhas, linhas de vida, linhas de sorte ou de infortúnio, linhas que criam a variação da própria linha de escrita, linhas que estão entre as linhas escritas.” (Deleuze, 1996, p.66).

Essas linhas nem sempre obedecem a movimentos de distribuição ordenados, mas são linhas secretas de desorientação ou como observa Deleuze (apud Pelbart, 1998, p.XXIII) ao considerar que o pensamento humano quando busca algo o faz de maneira desordenada, sem regras e direção “se o pensamento procura, é menos à maneira de um homem que disporia de um método, que à maneira de um cão que pula desordenadamente...”

Nessas linhas de tempo, definidas como presente, é que analiso a fala da entrevistada Rita, quando a partir de minha pergunta se remete a algo que ocorreu no passado ao falar do início de sua vida sexual. A que tempo estaria Rita se referindo, quando traz para o presente esta escavação do seu passado? Numa perspectiva deleuziana pode-se refletir que aquilo que se passou com Rita é como uma novela pois ela define o presente por algo que já aconteceu no passado e que se deu a conhecer. Ao discorrer sobre como aconteceu sua primeira gravidez o faz como algo que aconteceu e que não pode mais voltar àquele tempo, mas sua reflexão sobre o passado que se deu a conhecer resulta num aprendizado para o presente e para o futuro.

As diferenças entre novela, conto e romance são imprecisas mas Deleuze e Guattari (1996) acreditam que os indícios dos diferentes movimentos nesses gêneros literários se dão em relação ao tempo em que se passam os fatos, o acontecido ou o que vai acontecer, como indicativos desses vários gêneros, embora os autores considerem que existem outros elementos que possibilitam fazer a distinção entre romance, conto e novela. Assim:

Seria um erro, entretanto, reduzir esses diferentes aspectos às três dimensões do tempo. Alguma coisa aconteceu ou alguma coisa acontecerá podem designar, por sua vez, um passado tão imediato, um futuro tão próximo que não se distinguem das retenções e proteções do próprio presente. (...) Quanto ao romance, nele acontece sempre alguma coisa, ainda que o romance integre, na avaliação de seu perpetuo presente vivo (duração), elementos da novela e do conto. (...) Na novela, não se espera que algo aconteça, conta-se com o fato de que algo já tenha acabado de acontecer. A novela é uma última notícia, ao passo que o conto é um primeiro conto. (...) Mas não invoquemos demasiadamente as dimensões do tempo: a novela tem tão pouco a ver com a memória do passado, ou com o ato de reflexão, que ela ocorre, ao contrário, a partir de um esquecimento fundamental. (...) A novela está fundamentalmente em relação com um segredo (não com uma matéria ou objeto do segredo que deveria ser descoberto, mas com a forma do segredo que permanece impenetrável), ao passo que o conto está em relação com a descoberta (a forma da descoberta, independentemente daquilo que se pode descobrir). Além disso a novela põe em cena *posturas* do corpo e do espírito, que são como dobras ou envolvimentos, ao passo que o conto põe em jogo *atitudes, posições*, que são desdobramentos ou desenvolvimentos, mesmo os mais inesperados (1996, p.64).

Nessa perspectiva o autor caracteriza o conto em torno de algo que irá acontecer e é dessa forma que o contista prende a atenção do leitor. A novela, notícia ou novidade gira em torno de fatos que se passaram mas não de maneira restrita ao passado, pois não é

porque o fato já aconteceu que ele não poderia mais nos dar a conhecer. Já no movimento do romance, este gira em torno de um presente que se desenrola entre o que irá acontecer entrelaçado com algo que já aconteceu – estando situado entre o conto e a novela. No romance existem vários núcleos narrativos que são atualizados simultaneamente, enquanto na novela, a atualização é sucessiva. Os romances são narrativos do homem como indivíduo, como uma entidade autônoma dentro da sociedade. Neles são retratadas as pessoas, a vida e os costumes numa locação espaço-temporal onde os temas estão inseridos na problemática da vida cotidiana. O romancista busca dar a sensação de veracidade à sua estória, envolvendo o leitor como cúmplice da narrativa.

É no sentido de novela apresentado acima que tomo os relatos coletados e a partir deles procuro compreender o que leva as mulheres com um parceiro estável a não se perceberem em risco de contrair o HIV. A linguagem oral utilizada na entrevista permitiu às mulheres materializar a riqueza das transposições e reconstruções realizadas ao longo do tempo e através das experiências anteriores puderam assimilar o presente e, ao mesmo tempo revisitar o passado de uma nova maneira, sob um outro prisma.

As normas de conduta resgatadas pelas entrevistadas refletem costumes provenientes de um tempo e locais distintos e distanciados das experiências vividas no momento, mas que são mantidas como se fossem permanentes. Durante o processo de reativação da memória das entrevistadas houve oportunidades de resgate de valores pessoais importantes, observados nas entrevistas que evocavam passagens, crenças e costumes da região nordeste do país, que interferiam no seu relacionamento atual com suas amigas e companheiro. Ao estabelecer recortes no tempo e no espaço, aceitando os fragmentos da memória como significativos para a compreensão de frações da vivência possíveis de serem assimiladas, estamos realizando o trabalho de história oral (Thompson, 1992).

No processo de acolhida das entrevistadas procurei deixá-las à vontade para expressarem suas dúvidas, sensações, emoções e sentimentos para que o diálogo pudesse fluir com facilidade. Em seguida introduzia perguntas formais que não as constrangessem como idade, estado civil, para só depois introduzir questões pessoais, uma vez que o assunto abordado envolvia temáticas de foro íntimo, consideradas tabu como sexualidade, fidelidade, preservativos. Em algumas situações, quando a entrevistada discorria sobre um

assunto que a motivava falar em continuidade, procurava ficar ouvindo, calada. A utilização da história oral permite que se rompam as barreiras entre o cronista e seu público, entre a instituição educacional e o mundo exterior, entre o entrevistado e o entrevistador, revelando a natureza criativa e cooperativa desse método o qual, para ser um bom entrevistador, é necessário ter um conjunto de habilidades, dentre as quais ressalto o interesse e respeito pelos outros como pessoas, flexibilidade nas reações em relação a elas; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião delas; e, acima de tudo, disposição para ficar calada e escutar.

Podemos considerar que ao selecionar alguns fatos para relatar em suas histórias as entrevistadas podem estar escolhendo aqueles que foram, repetitivamente, trazidos à memória como um traço forte que aparecem com mais frequência em suas vidas por terem pensado muitas vezes nisso.

o que é lembrado com maior precisão é o que foi periodicamente lembrado e, em geral, isso é um material que diz respeito às pessoas; a memória é muito menos fidedigna quando relativa a eventos que não se repetiram nem foram constantemente lembrados. (Thompson 1992, p.181),

Os dados subjetivos das fontes orais fornecem pistas alternativas ao lado dos fatos concretos. Ao invés de fragilidade, como apontam alguns, tais pistas são contribuições valiosas e importantes se levarmos em conta que ao relatar um fato a entrevistada nos aponta a realidade em que acredita. O que o informante acredita é, na verdade, um fato (isto é, o fato de que ele acredita nisso) tanto quanto o que 'realmente' aconteceu. Sua história é composta de fatos dos quais se lembra e outros que se esquece. Como se refere Deleuze (1996), alguns fatos ficam como lembranças na memória, numa linha que se define como presença, embora tenha acontecido no passado. Esse resgate da memória vem como uma representação do presente. Lefebvre conceitua representação que “implica-explica a linguagem” como o intervalo ocupado entre a presença e a ausência. Assim, o fato que se esquece pode se pensar como ausência de presença.

Viver é representar, porem também transgredir as representações. Falar é designar o objeto ausente, passar da distância à ausência recheada pela representação. Pensar é representar porém superar as representações. O conceito de representação implica-explica a linguagem. Nem o suporte (conteúdo e prática) nem a relação (formal) bastam para compreender as representações, sem a palavra e a escrita. Sem dúvida, a análise das representações não parte da linguagem... As palavras, os signos, representam

a presença na ausência. A linguagem “é” uma presença-ausência, presença evocada, ausência embutida. (Lefebvre, 1983, p.100)

Quando a entrevistada relata sua experiência de iniciação sexual em que acabou engravidando, está refletindo sobre a presença do passado no presente. Mesmo a adolescência estando ausente na sua vida atual, ela evoca um fato que foi memorizado no passado para trazer a sua imagem de adolescência para o presente ao dizer: *“Até porque adolescente não costuma pensar muito.”*

O cruzamento entre as informações orais contidas nas entrevistas com mulheres e aquelas encontradas na literatura, não só auxiliaram no esclarecimento de detalhes pontuais de cada entrevista, colocando as evidências dentro de contextos mais amplos, como contribuíram para as análises que procuravam esclarecer a importância das evidências no todo da pesquisa.

Foram tomados alguns cuidados na formulação das perguntas, levando-se em conta que toda pergunta é, de certa forma, indutora de respostas. Algumas precauções foram adotadas ao se formular questões de maior abrangência, no sentido de serem menos diretivas ou indutoras de juízos de valores ou de preconceitos. O maior desafio e riqueza da história oral é tornar possível, através das informações obtidas, estabelecer a integração entre o que é singular e o que é geral.

Finalizando faço uma última, digamos, advertência. O que procuro mostrar neste trabalho não é o realmente vivido, este é inacessível. Procuro sim o que os relatos refletem confiando no que dizem minhas entrevistadas, sem me preocupar se dizem a verdade ou não, pois, não é isso que importa. Para mim, o importante, é a imagem que oferecem de mulher, e por meio de seus relatos a imagem das mulheres em geral.

Durante o trabalho de análise das entrevistas das mulheres com parceiro estável procurei cruzar seus depoimentos com outros, manifestados por alunos e professores da UNICAMP colhidos em reuniões e grupos de discussão sobre temas relacionados à sexualidade, fidelidade e amor romântico. Na prática do Centro de Referência em DST AIDS, como profissional do serviço médico e psicológico da prefeitura de São Paulo, coletei relatos de mulheres atendidas ao receberem os resultados laboratoriais confirmando sua infecção pelo HIV. Esses depoimentos foram inseridos como ferramentas auxiliares para melhor compreensão do tema .

O romance Dom Casmurro foi escolhido como analisador da fidelidade-infidelidade, assim como, as produções cinematográficas “Noites Felinas” e “Confiança”, respectivamente, como analisadores da entrega feminina e do estabelecimento da confiança no outro. Elaborei, também, um conto inspirado na fala das mulheres oferecendo ao leitor aspectos de seu cotidiano. Esses analisadores foram guias condutores para auxiliar o leitor nos caminhos e trilhas da pesquisa.



*Delineando as trilhas*  
*fidelidade, confiança, crença*

Sombras e dúvidas da infidelidade

No romance de cunho psicológico “Dom Casmurro” de Machado de Assis, Bentinho, o personagem-narrador, conta os acontecimentos de sua vida, e aponta desconfiças e dúvidas sobre a fidelidade-infidelidade de Capitu. O autor ao mesmo tempo narra e participa da trama na primeira pessoa convidando o leitor a dialogar com ele, instigando-o e fornecendo pistas dúbias que o conduzem a se posicionar quanto à existência ou não do adultério. Bentinho apresenta, no decorrer da narrativa, vários indícios, provas e até contraprovas que forçam os leitores a julgar e escolher as verdades de Capitu ou as de Bentinho, mas a dúvida sobre o adultério permanece.

Dom Casmurro narra os fatos de sua vida desde a infância ao lado de Capitu, que é descrita como uma menina meiga e ingênua e ao mesmo tempo dissimulada, esperta, capaz de elaborar artimanhas para seu eleito Bentinho executar. Através da narrativa, ela é trazida como esposa amantíssima, mãe extremada e com o passar do tempo suspeita de ser infiel. O autor descreve Bentinho como filho único obediente que ingressa no seminário em cumprimento a uma promessa de sua mãe viuva. Já adulto e casado com Capitu, mostra sinais de insegurança e ciúmes exagerados que o levam a suspeitar do adultério da esposa. A dúvida se materializa, inicialmente, aos olhos de Bentinho, por gestos, expressões, imitações e posteriormente pela semelhança da fisionomia de seu filho Ezequiel com o finado amigo Escobar. O despertar da dúvida de Bentinho, sobre a fidelidade de Capitu, corrói o relacionamento do casal e apesar das negações da mulher, mãe e filho são sutilmente desterritorializados para a Suíça.

Privilegiei para compor esta trilha uma obra clássica da literatura brasileira pela forma intimista com que o autor aborda o tema da suspeita da fidelidade feminina. Se por um lado, Bentinho aponta para a semelhança entre o filho Ezequiel e o amigo Escobar como uma das provas do adultério de Capitu, por outro, o autor sugere que a suspeita pode

não passar de casualidade de semelhança fisionômica que vem preencher os delírios de um homem ciumento e solitário. O autor apresenta várias vozes no seu discurso narrativo, e resta ao leitor ao fazer um pacto com o narrador, ser capturado pelo discurso da desconfiança, mas ao tomar uma certa distância observará que o autor participa da história e dá contraprovas que essas suspeitas podem ser frutos da imaginação de Bentinho.

Não pretendo entrar no mérito se houve ou não infidelidade por parte de Capitu, mas salientar que o relacionamento do casal foi erigido sob os pactos do amor romântico e neste pacto não está prevista a infidelidade. O regime de verdade construído na modernidade, que toma a relação fidelidade-infidelidade como uma dicotomia, vale tanto para mulheres como para homens. No entanto, a infidelidade masculina é até relevada, enquanto que a feminina é quase sempre condenada.

O romance trata da intimidade de um casal em que as incertezas, desconfianças e dúvidas acontecem mas não são problematizadas pelos parceiros. O relacionamento é desfeito, sem quase nada ser dito, pois o casal esquiva-se de tocar em um tema tabu construído social e historicamente. Quando Bentinho é cobrado por Capitu pelo seu comportamento esquivo e frio, responde por monossílabos com a convicção de que a separação é um fato sem possibilidade de argumentação e retorno.

Na fala das mulheres percebe-se que elas não abrem espaços para admitir a possibilidade de infidelidade do parceiro. Continuam acreditando na fidelidade dele, mesmo com suspeitas rondando-lhes à cabeça até que uma evidência maior desvele a realidade. Se para Bentinho, a certeza da infidelidade aconteceu lentamente com o desenvolvimento de Ezequiel, para as mulheres com parceiro estável, isto pode ocorrer pela manifestação do HIV.

Através do personagem Bentinho, podemos compreender que a constituição do masculino assim como a do feminino, aqui investigada, estão capturadas nas parcerias amorosas, produzidas segundo preceitos do amor romântico, em que a desconfiança sobre a fidelidade compromete os relacionamentos. Bentinho, um homem do fim do século XIX, período em que esses padrões são valorizados, não consegue sobreviver com a dúvida do adultério de sua amada.

Do livro “Dom Casmurro”, destaco fragmentos de alguns capítulos para ilustrar a trama vivenciada pelos personagens:

### **Imitações de Ezequiel**

- Não sai a nós, que gostamos da paz, disse-me ela um dia, mas papai em moço era assim também; mamãe é que contava.

- Sim, não sairá maricas, repliquei; eu só lhe descubro um defeitozinho, gosta de imitar os outros.

- Imitar como?

- Imitar os gestos, os modos, as atitudes; imita prima Justina, imita José Dias; já lhe dei até um jeito dos pés de Escobar e dos olhos...

Capitú deixou-se estar pensando e olhando para mim, e disse afinal que era preciso emendá-lo. Agora reparava que era vezo do filho, mas parecia-lhe que era só imitar por imitar como sucede a muitas pessoas grandes, que tomam as maneiras dos outros; e para que não fosse mais... (Assis, s/d, p.199)

### **Olhos de Ressaca**

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido e o desespero daquele lance consternou a todos... A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã. (Assis, s/d, p.215)

### **A Fotografia**

Palavra que estive a pique de crer que era vítima de uma grande ilusão, uma fantasmagoria de alucinado; mas a entrada repentina de Ezequiel, gritando mamãe! Mamãe! Restituiu-me a consciência da realidade. Capitu e eu, involuntariamente, olhamos para a fotografia de Escobar, e depois um para o outro. Desta vez a confusão dela fez-se confissão pura. Este era aquele; havia por força alguma fotografia de Escobar pequeno que seria o nosso pequeno Ezequiel. De boca, porém não confessou nada, repetiu as últimas palavras, puxou do filho e saíram para a missa. (Assis, s/d, p.236)

## Capitu que Entra

Após algumas instantes, disse-me ela:

- Só se pode explicar tal injúria pela convicção sincera; entretanto você que era tão cioso dos menores gestos, nunca revelou a menor sombra de desconfiança. Que é que lhe deu tal idéia? Diga – continuou vendo que eu não respondia nada -, diga tudo; depois do que ouvi, posso ouvir o resto, não pode ser muito. Que é que lhe deu agora tal convicção? Ande Bentinho! fale! fale! Despeça-me daqui, mas diga tudo primeiro.

- Há cousas que se não dizem.

- Que não se dizem só metade; mas já que disse metade, diga tudo.

Tinha-se sentado numa cadeira ao pé da mesa. Podia estar um tanto confusa, o porte não era de acusada. Pedi-lhe ainda uma vez que não teimasse.

Não, Bentinho, ou conte o resto, para que eu me defenda, se você acha que eu tenho defesa, ou peço-lhe desde já a nossa separação: não posso mais!

A separação é cousa decidida, redargui, pegando-lhe na proposta. Era melhor que a fizéssemos por meias palavras ou em silêncio; cada um iria com a sua ferida. Uma vez, porém, que a senhora insiste, aqui vai o que lhe posso dizer, e é tudo.

Não disse tudo; mal pude aludir aos amores de Escobar sem proferir-lhe o nome. Capitu não pôde deixar de rir, um riso que eu sinto não poder trancrever aqui; depois em um tom juntamente irônico e melancólico:

- Pois até os defuntos! Nem os mortos escapam aos seus ciúmes (Assis, s/d, p.235

## **GÊNERO, SEXUALIDADE E AIDS**

### **questões do feminino**

Quer dizer que há uma curiosa afinidade entre a literatura e a loucura...Ela não está submetida à severa regra de dizer constantemente a verdade, não mais que aquele que narra está sujeito à obrigação de permanecer sempre sincero no que pensa e ressentido. Em suma, à diferença das palavras da política ou das ciências, as palavras da literatura ocupam uma posição marginal em relação à linguagem cotidiana (Foucault 2002, p.263).

Estudos sobre o Universo Feminino trouxeram contribuições no sentido de levantar informações, construir estatísticas, apontar lacunas em registros oficiais e fundamentalmente falar do cotidiano, da família, da sexualidade, do doméstico, dos sentimentos. Tais pesquisas, muitas delas apaixonadas, buscavam na origem histórica, explicações que pretendiam clarear a situação social da mulher nos dias atuais. Algumas dessas pesquisas se ancoram nas teorias marxistas, outras nas teorias freudianas e outras, ainda, em teorias e explicações que tratam da submissão feminina, originando o “feminismo radical”. Parodiando Louro (1997) ao combinarmos o rigor das análises com o entusiasmo das lutas sociais podemos pensar que as formas de opressão e a instituição das diferenças são muito mais do que temas acadêmicos de ocasião – elas se constituem em apaixonante questão política.

Como pano de fundo dessas pesquisas reconhece-se a freqüente opressão sofrida pela mulher e se pretende o desmonte desse contexto como caminho possível para a emancipação e conseqüente melhoria de sua auto-estima. Essas pesquisas sobre o feminismo estão alicerçadas na reconhecida diferença biológica entre os sexos ou, passando a outro pólo, na compreensão do lugar e das relações de homens e mulheres numa sociedade onde é importante observar, não exatamente os sexos, mas sim, tudo o que socialmente se construiu sobre ambos.

A complexidade bio-psico-social da mulher, estudada ao longo dos tempos, tem procurado abranger suas múltiplas dimensões nas arenas da vida social (na vida familiar, no ambiente de trabalho, no cuidado com as crianças, em sua sexualidade) buscando enfatizar como se produziram as subjetividades, as identidades e o processo de identificação.

Se considerarmos que é no campo social que se constroem e se reproduzem as relações desiguais entre os sujeitos, também as justificativas para tais desigualdades devem ser buscadas nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação. Desta maneira, tal contexto relacional já não é só o da mulher, mas também o do homem. Esta perspectiva nos leva a pensar numa pluralidade de situações de identidades, uma vez que o processo de transformação se dá no interior da sociedade, considerando os diversos grupos - étnicos, religiosos, raciais, de classe - que a constituem e os momentos históricos específicos em que ocorrem.

Em meio a esse processo de apropriação, transformação e ressignificação dos estudos feministas passaram-se a empregar, nos trabalhos científicos, meios acadêmicos e na imprensa o termo “gênero”. Como foi construído o conceito de gênero? Esse conceito é entendido como constituinte da identidade dos Sujeitos, da mesma forma que o conceito de etnia, de classe, ou de nacionalidade. Apesar dos discursos sobre gênero incluírem as questões de sexualidade é importante assinalar que os sujeitos vivenciam e constituem suas identidades sexuais através das formas como vivem a sexualidade com seus parceiros, independente se são ou não do mesmo sexo. Os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero.

Ao tratar da produção da identidade, Hall (1999) procura se afastar de concepções essencialistas ou fixas da identidade, entendida como essência do nosso ser, que carregamos por toda nossa vida e que nos dá a característica de humanos. Assim, para compreendermos melhor a razão pela qual no mundo contemporâneo se questiona esta definição de identidade, chegando-se mesmo a dizer que ela está em crise, é necessário compreendermos qual o significado atribuído ao sujeito que carrega suas identidades. Nesse sentido, Hall observa que existem várias formas de compreender o sujeito nas relações que este estabelece com o mundo e, para entender a identidade na modernidade o autor destaca três concepções distintas de identidade: a do sujeito do Iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno.

O sujeito uno, formado a partir de um núcleo interior, centrado, dotado de razão, consciência e ação com o qual a pessoa nasce, se desenvolve, mas cujo núcleo permanece o mesmo ao longo da vida é entendido como a identidade do sujeito Iluminista.

No entanto, Hall considera que com a crescente complexidade do mundo moderno a identidade a partir de um núcleo interior continua sendo auto-suficiente, mas é acrescida pelas relações com outros sujeitos com os quais troca valores, sentidos, imagens e símbolos, ou seja, a cultura. Os estudos de Marx contribuíram para formar novas concepções sobre a identidade do homem em constante mudança e trocas com o social. Marx considerava o constante revolucionar da produção, o abalar incessante das relações sociais e a desarticulação das identidades. Na ótica de Marx e Engels tudo que é sólido se desmancha no ar e a identidade é um exemplo dessa volatilidade.. Desta forma houve um deslocamento da centralidade do sujeito, pois se parte da idéia de que ele interage com o mundo social e cultural, e que seu núcleo interior ou essência se modifica pelo diálogo permanente e contínuo com o mundo exterior. Daí a designação de identidade do sujeito sociológico, uma vez que suas relações sociais não se constituem de forma tão unificada e delimitada, como uma totalidade que muda a partir de si mesma, “como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo” (Hall, 1999, p.17). Esta concepção da identidade do sujeito sociológico sugere uma interação entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem seu núcleo interior, mas é formado e modificado numa troca contínua com a cultura. Nesta concepção é a identidade que preenche o espaço entre o interior e o exterior, entre o mundo pessoal e o público. A identidade faz o amálgama entre o sujeito e a estrutura social, estabilizando desta forma tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que habita, tornando-os unificados e predizíveis.

No entanto, nos diz Hall, é este sujeito unificado e predizível que hoje vem sendo visto como em constante mudança. O sujeito que era entendido como tendo uma identidade unificada e estável, hoje está sendo apresentado como fragmentado, composto de várias identidades que convivem de maneira variável, múltipla e muitas das vezes contraditória – esta é a identidade do sujeito pós-moderno.

Correspondente a essa maneira menos unificada e estável de se compor a identidade, ocorre o processo de identificação por onde projetamos nossas identidades culturais que se tornaram mutáveis, provisórias, variáveis, opostas, inacabadas e menos permanentes. E é assim que o sujeito, hoje, se encontra com identidades mobilizadas para várias direções e com seus processos de identificação em constante deslocamento. É neste sentido que a teoria pós-estruturalista discute a identidade - um processo constante de

criação, dentro de um contexto de relações sociais e culturais. Considerando-se o Sujeito como tendo identidades plurais, múltiplas, que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. é que procuramos estudar e entender as mulheres na sua relação com o seu parceiro estável frente ao HIV-AIDS, em suas várias identidades.

Nesta perspectiva as identidades estão profundamente inter-relacionadas e se produzem através da linguagem que se constitui em um código com poder evocativo. Por isso mesmo as identidades não podem mais ser pensadas da forma como convencionalmente vinham sendo compreendidas – fixas, estáveis e sólidas.

Sob esse prisma me reporto às experiências de minhas entrevistadas que, embora estivessem preocupadas com a prevenção ao HIV/AIDS manifestavam outras inquietações sociais e de sobrevivência, tão importantes ou mais do que o discurso sobre a prevenção, como por exemplo, solicitação de emprego, indicações e recomendações para trabalho. Estas mulheres acabam não só por compartilhar de uma criação cultural contraditória, instável, inacabada como também transportam dentro de si, identidades múltiplas dependentes e condicionadoras deste universo em mutação. Assim, durante as entrevistas era freqüente apresentarem posições ambíguas quanto ao seu relacionamento amoroso e o de suas colegas – situações que criticavam e condenavam em suas amigas, muitas vezes eram vivenciadas por elas mesmas.

Claudinéia que teve vários companheiros, quando se refere ao comportamento amoroso das amigas, dá o seguinte depoimento:

*Existem muitas mulheres que se desvalorizam e aí os homens aproveitam. Mas, se todas elas se dessem ao respeito de manter firme, eu duvido que algum se aproveitasse. Não adianta ficar com o seu marido hoje, achando que amanhã ele vai te dar valor. A mulher que fica nunca vai ter valor. Ele não vai dar. É só conversa, promessa. Sabe, daí as mulheres começam a se desvalorizar. Se nenhuma mulher abrisse mão da cantada desses homens, eles iam ser honestos. Porque não existe amor. E a mulher tem que estar preparada, não tem que ter uma relação correta? Eu tenho essa visão.*

Em sua fala, Claudinéia explicita sua verdade sobre os valores morais na relação amorosa das mulheres, quando constrói seu raciocínio no âmbito geral, mas em outra fala, quando relata suas experiências pessoais com um outro parceiro, contradiz o discurso dos

valores morais, e não consegue tomar distância do juízo com que censura as amigas. Ela acaba reproduzindo o mesmo comportamento, pois apesar de valorizar a virtude e defender a posição de não se deixar seduzir pelo artil das abordagens masculinas – como se todos os sujeitos se regulassem sob a ótica conquistadora de D Juan - ela mesma teve relacionamentos e foi, através dos mesmos que constituiu essa teia de produções de verdades.

Em outro momento, Claudinéia relata atritos no relacionamento com seu ex-companheiro, gerados pelas dificuldades do cotidiano:

- Antes de separar vocês brigavam muito? Por que?

*Por isso, por ciúmes. Se eu entrava na perua e sentava ao lado de alguém tinha aquela de super irritação, de quem coloca o braço e geralmente encosta e olhe que eu só pegava a condução no meio do caminho. E lá eu tinha culpa se alguém sentava perto? Sabe, era muita briga.*

A resposta de Claudinéia merece reflexão: seu trabalho fora de casa é aceito, uma vez que colabora com a renda familiar para enfrentar as despesas domésticas, mas, ao mesmo tempo, provoca atritos nas relações com seu companheiro, manifestando-se neste relacionamento identidades mutáveis, provisórias, variáveis e até mesmo opostas. Complexo mesmo é lidar com elas, pois o parceiro de Claudinéia coloca-se como seu dono, seu posseiro. É por este prisma que a mulher acaba por vivenciar suas identidades múltiplas: a da mulher que provê o sustento da família e ainda tem que dar conta do ciúme gerado no companheiro, por ela exercer uma função que lhe dá uma certa autonomia.

Com efeito, Claudinéia está em processo de significação que é entendido como a produção de sentido no âmbito das relações sociais, as quais são sempre relações de poder e decorrentes de jogos de negociações, conflitos, disputas, interesses dos sujeitos envolvidos nas mesmas relações, sejam elas grupais ou apenas entre dois sujeitos. Para Foucault tal poder não é apenas força repressiva, externa, negativa, é sim, uma prática social que se constrói historicamente, modificando-se no próprio exercício das relações. É neste sentido que me interessa mostrar neste trabalho como as práticas discursivas não são apenas mediadoras dos conhecimentos produzidos por estas mulheres, mas sim constitutivas e produtoras de suas identidades e subjetividade. É por meio destes mecanismos que os seres humanos se transformam em sujeitos, fabricando-se no interior dos inúmeros aparatos

(pedagógicos, terapêuticos,...) de subjetivação - a forma como se processa a relação do sujeito consigo mesmo – a experiência de si. Nesta perspectiva podemos considerar que o modo como nós nos vemos e vemos aos outros, bem como nós nos comportamos cotidianamente com relação a nós mesmos e aos outros é produzido histórica e culturalmente. O modo como estas mulheres se vêem bem como aos seus parceiros, seus filhos, seus pais é produzido a partir das contingências de suas experiências com elas mesmas e ao mesmo tempo produz as contingências das experiências que seus companheiros, filhos, pais têm de si, com relação à sexualidade, fidelidade, confiança, crença e prevenção ao HIV/AIDS.

Cabe considerar que ao lado dessa identidade plástica, na perspectiva pós-moderna o que dá permanência ao mundo é a linguagem e a realidade nada mais é do que um conjunto de campos de forças, intermediados pela linguagem e pelas práticas discursivas, que vão produzindo representações. Vale lembrar, aqui, Lefebvre quando trata da representação que para ele “implica-explica a linguagem”. Na tentativa de rearticular a relação entre sujeitos e práticas discursivas e ao incluí-los no novo paradigma – deslocado ou descentrado destaca a posição psicanalítica que aborda essa identidade, dividida e contraditória, tratando-a como um processo de identificação, como algo em formação, que nasce, não da inteireza, mas sim da falta que imaginamos completar com o exterior. Em contraste com essa abordagem discursiva, que vê a identificação como algo em construção e num constante processo nunca completado, a concepção naturalista produz e naturaliza a identificação a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou, ainda, a partir de um mesmo ideal. A identificação é a prática do sujeito no discurso de suas várias identidades. Nos discursos das entrevistadas percebe-se que ao lado da identidade que é contraditória, plástica, o sujeito feminino no seu processo de identificação acompanha essas características, assumindo posições múltiplas.

As identidades, em constante processo de mudança e transformação, estão cada vez mais fragmentadas e fraturadas e multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. Mais que tratar da identidade sob esta ótica, Freud, com seus estudos, trouxe as conexões da identidade com a sexualidade e revelou como tais conexões tinham uma outra lógica muito diferente daquela que supunha

um Sujeito provido de identidade fixa e unificada. Para o pensamento psicanalítico a origem contraditória da identidade vem do Sujeito sempre partido ou dividido, embora ele vivencie a sua própria identidade, como se ela estivesse reunida, resolvida ou unificada. Hoje o eu é um projeto reflexivo conduzido em meio a uma profusão de recursos terapêuticos, de manuais de auto-ajuda, programas de entrevistas na televisão com profissionais especializados e artigos de revistas de orientação sentimental, sexual, econômica. (Giddens, 1993).

Entendo que o sujeito pós-moderno, que se expressa através de várias identidades em constante mobilidade plástica com o meio relacional, é o alvo e o efeito das ações da sociedade, inclusive de organizações e serviços de saúde que procuram tornar efetivas as medidas de prevenção ao HIV. Essas campanhas exercem um papel eficaz de esclarecimento sobre a doença, através da mídia, quando são dirigidas para a área macro-social. Algumas campanhas dirigidas para segmentos específicos da população também têm uma resposta positiva, na medida que põem em evidência os grupos atingidos pelo risco da doença, como tem sido constatado em grupos homossexuais organizados, que reivindicando ações governamentais através de passeatas e congressos lograram conseguir a diminuição da doença nesse grupo social. No entanto, o efeito das mesmas torna-se relativizado quando dirigidas para mulheres com relacionamento estável. O alvo das campanhas é a mulher, mas os responsáveis, por sua difusão, por entenderem que a mulher tem dificuldade de negociar o uso do preservativo com o companheiro, acabam por direcionar a decisão de utilizar o condon ao parceiro amoroso. Entendo que esta forma de conduzir as campanhas de prevenção, voltadas para as mulheres, acaba reforçando a assimetria histórica entre gêneros. As campanhas, dirigidas aos parceiros, tendo como alvo as mulheres, acabam por fragilizar a eficácia das ações. Perguntamos então: Que discurso voltado para a prevenção do HIV/AIDS poderia colocar em funcionamento a problematização das relações da mulher - múltipla, sobreposta, contraditória do mundo contemporâneo?

Com efeito, a produção das subjetividades dessas mulheres sobre a AIDS está alicerçada em artimanhas do poder que as sujeita, através de redes de saberes que foram incluídos em seu imaginário em detrimento de outros que foram excluídos. Seus atos, atitudes, gestos, escolhas, enfim seus discursos estão permeados por todas as situações e narrativas que constituíram sua história pessoal. Se assim é, cabe então perguntar, ainda:

Que saberes estão constituindo a mulher na atualidade no que diz respeito à sexualidade e às relações sexuais com seu parceiro? Como foram construídos os discursos que produziram uma mulher que considera a fidelidade do parceiro fixo como algo natural? Que dinâmicas estão presentes nos discursos que naturalizaram a fidelidade do parceiro?

Nesse sentido é que o presente trabalho não buscou indagar sobre as relações de poder presentes nos depoimentos das entrevistadas e qual sua lógica. Procuramos desvelar como as mulheres entrevistadas estão sendo constituídas pelos diferentes discursos produzidos na modernidade.

Para entender os deslocamentos do feminino na modernidade procuro buscar os caminhos que a mulher percorre ao constituir a sua identidade. O primeiro passo nesse processo seria então entender como ela se inscreve na linguagem - família, pais, mães, amigas, vizinhos, comadres. De que forma ela se coloca como o outro do homem - quando exterioriza o que o homem diria. Como, através do discurso, vai em direção ao homem para saber o que ela não é - se desenhando em relação ao referencial masculino, subjetivando-se e constituindo-se como mulher. E assim, na exclusão, capturar o que ela é. Para ilustrar esse movimento que envolve subjetivação, identidade e linguagem tomo o texto de Clarice Lispector em que a autora fazendo o movimento de dentro para fora e de fora para dentro dela mesma expressa a procura de si:

Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu. (1999, p.23)

Cabe destacar que, na busca de compreensão de tais discursos, as questões de “como” e “por que” a mulher não se previne serão, a exemplo das análises foucaultianas, substituídas por aquelas que buscam explicitar as relações de poder presentes nesses discursos. Não serão abordadas aquelas questões classicamente problematizadas e fundamentadas na hipótese de que os fatos ocorrem da maneira como ocorrem porque algo - representado, pelo desconhecimento, pelo machismo, enfim por um “poder soberano” -, não possibilita às mulheres determinados gestos ou atos, tolhendo-lhes e reprimindo comportamentos e condutas. Também não buscamos entender por que o poder precisa instituir um saber sobre a sexualidade, a mulher, a fidelidade, o amor romântico e a AIDS ou decifrar para que ou a quem servem os discursos produzidos, qual sua regularidade e

conformidade com a epidemia da AIDS, as políticas públicas nesta área, os conhecimentos científicos produzidos. Não pretendemos, portanto, denunciar a alienação, a mistificação do homem e da ciência, a estrutura familiar, nem os interesses institucionais. Buscamos, sim, tornar claras as relações de poder mais imediatas e locais presentes nos discursos produzidos pelas entrevistadas. Ou seja, como esses discursos se tornaram possíveis e ao mesmo tempo, como serviram de suporte às relações de poder-saber aí estabelecidas, uma vez que elas são múltiplas e móveis.

Ao refletirmos sobre estas questões podemos fazê-lo de maneira dicotômica e por meio de exclusões - usar ou não usar camisinha, meu companheiro é fiel ou não – ou podemos problematizar como “este saber” foi construído “nesta mulher”: Ao problematizar é possível abrir alternativas, fazer novas composições impensáveis anteriormente. Não se trata de desprezar aquilo que compõe a mulher, mas sim, suspender os compromissos com as conotações que a expressão “mulher casada com parceiro fixo” assume, como se pode observar no breve relato de Renata, participante de um grupo de discussão, argumentando sobre as problematizações levantadas pelo não uso de preservativo entre mulheres com parceiro fixo e suas possíveis implicações no terreno da prevenção.

*Tenho 23 anos, sou desta geração, sou recém casada e adoro pensar na minha vida com o amor romântico Não posso viver sem ele e nem quero. Eu e meu marido não usamos preservativos.*

Em sua colocação Renata verbaliza um protesto eloqüente em defesa de suas construções anteriores, frente ao tema do uso de camisinha entre parceiros estáveis, mostrando-se resistente a mudanças de um referencial constituído. Considera a discussão sobre o uso de preservativo com o parceiro amoroso, como se tratasse de uma heresia, como quem, repentinamente, tivesse vislumbrado seu ideal de suprema felicidade ser colocado em dúvida. Ela se opõe a pensar que a crença sobre a fidelidade de seu parceiro é um saber, também, constituído e produzido por valores herdados. Esta reação de sobressalto também observei em várias das minhas entrevistadas que se colocavam na defensiva quando lhes era dirigida uma simples pergunta sobre seu relacionamento amoroso, revelando o quanto as escolhas íntimas da sexualidade geram sentimentos de invasão de privacidade.

A partir destas questões podem-se perceber como os saberes das mulheres, expressos em suas concepções de vida, lhes são importantes. Tão importantes que acabam por abstrair as diferenças e igualar aquilo que não é igual, dando origem a uma verdade. Foucault, desde suas primeiras investigações, procura situar a história do saber, como uma escavação arqueológica discutindo como o saber aparece e se transforma a partir de condições, de possibilidades externas aos próprios saberes.

As relações de poder podem ser analisadas através das relações de saber. Nas relações de saberes das mulheres, positivamente específicas adquirem destaque, do que foi dito e aceito e como tal foi constituído, em detrimento de outros feixes de saberes que foram excluídos, diferenciados; é nessa produção reguladora do que é ou não saber que se colocam os jogos de poder. Nesse sentido a investigação do saber remete às relações de poder que o constituem, uma vez que ao apresentar uma idéia como verdadeira se estabelecem relações de poder. É por isto mesmo que não há saber neutro.

Os textos de Foucault que transcrevo abaixo mostram a complexidade das relações de poder:

Em uma sociedade como a nossa, que tipo de poder é capaz de produzir discursos de verdade dotados de efeitos tão poderosos? Quero dizer que em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso.(...) Afinal, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder. (...) Por dominação eu não entendo o fato de uma dominação global de uns sobre os outros, ou de um grupo sobre outro, mas as múltiplas formas de dominação que podem se exercer na sociedade (...) não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder (...) não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. (1979, p.179-185)

Recapitulando a fala de uma das entrevistadas reconheço relações de saber-poder no seu discurso sobre suas crenças e imagens naturalizadas de família e do papel da mulher nesta produção de saberes. Ao refletir sobre o que nos impulsiona a pensar sobre a família e

as imagens valorativas que acompanham essa idéia e que são passadas como um bem desejável e natural, não se lembra que, na verdade trata-se de uma reconstrução ou uma construção imaginativa baseada no nosso comportamento em relação às experiências passadas. Quem nos ensina a reconhecer como deve ser uma família, já selecionou em fatos passados o que deveria ser identificado com os traços relevantes de alguns padrões tradicionais familiares. Nesse contexto é estabelecida a naturalização dos conceitos em que se aprende a reconhecer em experiências presentes semelhanças com as experiências passadas.

*Ah, eu tenho medo de ficar marcada com essa imagem. Eu acho que é muito importante para o seu filho, para o seu amanhã. Eu tenho medo, o que você vai cobrar dele mais tarde se você não der exemplo? Não é? eu mesma tenho ouvido dos meus pais. Até quando. pra eu me separar, olha que eu fiquei assim, dez anos naquela. Eu não me separava pela imagem da minha família. Porque eu tinha muito cuidado com isso. Porque eles realmente são pessoas bem tradicionais, então a pessoa tem medo de fazer passar vergonha. Essas coisas todas.*

Em seguida Claudinéia passa a falar como ela mesma se constituiu.

Então eu acho importante uma boa imagem de você mesma. É muito importante. E o pessoal não cuida disso mesmo. Muitas pessoas acham que a vida é assim:  
*E eu não tenho mais nada a perder mesmo, então vou lá...*

Neste conjunto de forças Claudinéia não só recebe, como passa de uma geração para outra um enunciado de verdade. Acredita e se apoia nele como se fosse um saber permanente e independente da realidade.

Outra maneira de se constituir a intimidade entre homens e mulheres pode ser encontrada na personagem feminina construída por Émile Zola em seu romance naturalista Naná. O autor retrata Paris, a capital do século XIX, e lança um olhar minucioso para a sociedade decadente e para a intimidade dos seres que povoam o obscuro mundo do teatro de variedades. Neste universo circulam prostitutas, alcoólatras ao lado da burguesia parisiense onde os destinos são determinados pelas leis da hereditariedade social e biológica. Naná é descrita como mulher fatal, devoradora de homens, preguiçosa, indolente, atriz que não sabe cantar nem atuar. A Vênus roliça despedaça os corações dos nobres e ricos parisienses levando seus amantes a humilhações e à ruína. Em meio à luxúria Naná

abandona tudo e todos passando a viver com um ator pobre, se entregando, apaixonadamente, aos maus tratos que este lhe imprime. Seguindo a linha determinista do autor, a personagem Naná tem um final trágico como consequência do seu meio social e de sua hereditariedade. Cabe salientar o contraste existente entre esta imagem de mulher fatal, representada pela personagem e aquela de algumas mulheres que entrevistei, que se inscrevem como vítimas no relacionamento amoroso. Naná, é narrada como uma mulher que circula entre vários ambientes de sua vida podendo assim experimentar várias subjetivações, mas nem assim escapa de uma vitimização ou de um final trágico. Já as entrevistadas parecem se circunscrever num contexto em que lhes são passados valores e padrões classificatórios que acabam por constituírem-nas.

Tendo como foco da minha dissertação “A AIDS e a Constituição do Feminino” e procurando entender porque mulheres com parceiros fixos colocam-se em risco de contrair o HIV em suas práticas sexuais, pude me deparar com o desafio de perceber, por um lado, a perspectiva micro sociológica da interpretação das culturas e por outro, a questão mais subjetiva da estruturação do Sujeito. Assim, procuro pensar o discurso das mulheres sobre suas práticas sexuais em diálogo com suas contradições para entender se há uma lógica própria, quiçá sobre uma ótica diferente e inesperada. Procurando remontar dados que aparentemente podem ser negligenciados, acredito que eles poderão fornecer pistas, rastros que auxiliem minhas análises.

O minucioso reconhecimento de uma dada realidade, obtida pela fala das minhas entrevistadas, talvez possa ajudar a descobrir pistas no comportamento feminino que revelem um novo sentido para esta mesma realidade. Ginzburg (1989) em seu livro “Mitos, Emblemas, Sinais”, cita que, existem algumas analogias entre métodos de procedimentos de estudiosos de diferentes áreas tais como Sherlock Holmes, Freud e Morelli (Giovanni Morelli, italiano famoso pelo “método Morelliano” de distinguir obras de arte originais das cópias), que nem sempre são perceptíveis a um primeiro olhar. Segundo os três autores citados, pistas, talvez, infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, não observável quando processada de uma outra forma. Essas pistas são mais precisamente sintomas no caso de Freud, indícios no caso de Sherlock Holmes e signos pictóricos no caso de Morelli.

Na tentativa de analisar e sintetizar as narrativas colhidas, transcrevo um pequeno trecho da entrevista realizada com Márcia que passa um discurso politicamente correto com relação a prevenção das DST/AIDS desde o início de sua vida sexual, mas quando relata a expectativa do resultado de vários exames incluindo o HIV por conta de umas pústulas que lhe apareceram nas coxas declara:

*Foi por causa daquelas feridas, era coisa feia no meio das pernas. Eu tinha que ficar com as pernas abertas. Depois que passava a menstruação, sumia. No dia do resultado eu fiquei preocupada mesmo. Pronto, pensei, para eles mandarem os exames para cá, e essa ferida que não sara nunca. Você não pensa como você pegou nem nada. Você fica lá naquele ambiente muito triste. Quando a doutora disse. Você não tem nada de HIV. Você tem um problema de Herpes, eu vou te encaminhar agora para um dermatologista especialista.  
Saí da sala tremendo.*

- Mas você ficou preocupada?

*Fiquei. Na época que pediu os exames ela achou que a pele tava muito feia. Na hora eu fiquei com medo. Lá, eu fiquei conhecendo umas pessoas tipo uma mulher que tinha pegado HIV, do marido. Depois tratei e não precisei mais ir lá.*

A dúvida, o medo, a tremedeira se instauram como um sinal, uma indicação de que aparentemente todas as precauções elencadas e utilizadas por Márcia nas questões de sexualidade foram desafiadas e fizeram surgir uma outra realidade contraditória, inesperada. Que caminho é este, desconhecido, singular e que provoca mal-estar e desconforto no Sujeito?

Esses indícios sugerem novos processos de conhecimento para sustentação da identidade, produzindo efeitos como a sensação de insegurança e outros sinais de uma identidade em crise. Na coreografia amorosa, assim como no viver, as certezas deslizam, fazem e se refazem e podem, inclusive, se desfazer e se desenhar como incertezas, dúvidas como na situação relatada por Márcia. Embora a mulher relute em aceitar mudanças, incertezas no relacionamento, o início do encontro amoroso provoca, desafia, lança-a para diferentes e novos lugares que não aqueles já codificados e formulados. Nesta movimentação é que as certezas dão lugar às incertezas e desconfianças. A confiança, a fidelidade e a infidelidade apesar de fazerem parte da vida e do cotidiano das mulheres não são capturadas como fluidas e como riscos inerentes. Elas não se dão conta de que não existem garantias para a própria vida, o que se dirá para as relações amorosas.

Outra faceta das relações amorosas é a territorialização que se estabelece entre os parceiros, isto é, os pactos combinados no relacionamento, que supõe dedicações integrais e exclusivas, que se restringem à relação a dois, pois ambos se complementam. Esses pactos de fidelidade, incorporados pela cultura, supõem também que o casal deverá ficar junto para sempre. Além disso, a sociedade contemporânea promove espaços que são sugestivos para a circularidade da mulher, como fazer compras em supermercados, cuidar dos filhos, trabalhar em jornada dupla, sair com a família no final de semana, acrescidos de incentivos que são determinantes para que a mulher incorpore esses espaços em seu território, que são as revistas, os filmes, as propagandas, programas de TV. São formas de aprisionamento do espaço feminino. Desterritorializar o lugar em que a mulher vivência o relacionamento amoroso, no contexto das entrevistas, significa que a dúvida pode ser incorporada à incerteza, à desconfiança, à possibilidade de infidelidade do parceiro. Enfim a possibilidade de contrair o HIV. Esse estado de desagregação feminina é descrito por Guattari e Rolnik (1993) quando analisa o relacionamento amoroso entre Penélope e Ulisses:

Penélope se nega à aventura, porque é na aventura que se evidencia para ela a desterritorialização, objeto do seu pânico. Fervorosas adeptas e propagadoras, a seu modo, da fé no absoluto, as Penélopes não se reconhecem na descontinuidade dos contornos e não a reconhecem como inelutável. E a cada vez que sentem o descontínuo, consideram-no mero acidente – e, enquanto tal, passageiro – acidente atribuído à falta do outro dentro delas. A desterritorialização é traduzida como sensação de estar se desagregando de tanto que Ulisses lhe falta. E, melancolicamente, Penélope o acusa: “você me destrói com a sua vontade de ausência”. (1993, p.285)

Não se pode esquecer que a produção da subjetividade da mulher no mundo contemporâneo é entrecruzada com uma multiplicidade de forças que passam pelas várias dificuldades do cotidiano que atravessam sua vida, esgarçando suas referências identitárias. Nesse meio conturbado em que a relação amorosa continua sendo cultivada nos códigos e clichê do amor romântico, ela convive com a mobilidade social e tecnológica advindas da modernidade que lhe propicia maior liberdade sexual, relacionamentos abertos, contatos via internet, agências de matrimônio. Em meio a tantos confrontos a mulher tenta inventar modos de conviver com esses paradoxos procurando dar um significado para seu território amoroso.

No Centro de Referência, quando trabalhava no setor de acolhimento, me chamou a atenção uma paciente que havia feito o teste de HIV e estava perplexa ao se saber soropositiva. Chorava convulsivamente e em meio a falas entrecortadas com suspiros foi tecendo sua história. Trabalhadora da área da saúde não desconhecias as informações e o significado daquela soropositividade, e isso não parecia ser a sua preocupação inicial. Era casada há algum tempo e sua agonia consistia em como, quando, de que maneira e para quem deveria dar a notícia, como se essa notícia fosse espalhar a poeira que estava debaixo do tapete sagrado da convivência conjugal. Ela parecia ter perdido o chão e nessa transmutação a terra movediça, em que se encontrava, dizia respeito ao não lugar com relação à família, vizinhos, marido, colegas de trabalho mais do que com a própria doença. Naquele momento, se mundo anteriormente construído nos anos de casamento, foi ressignificado e as histórias de infidelidade, que haviam sido relegadas a um outro plano, para que o relacionamento continuasse nos moldes homogêneos dos preceitos conjugais, afloraram desse modo trágico. Assim dizia:

*Vou falar depois que passar a festa de casamento de minha irmã. Vou contar primeiro à minha mãe que tem uma saúde precária e não quero que ela saiba por outro. Como vou dizer isto a ele (marido)?*

A paciente chorava e resvalava para um lugar de culpa, sem se dar conta da imensa gama de possibilidades que envolvem a transmissão do HIV. Esse modo de se relacionar com o parceiro na contemporaneidade e o medo de perder esse lugar fazem com que as mulheres agarrem fortemente os valores identitários quando percebem que algo ameaça a manutenção de um território conhecido.

\*

\*            \*

Que outros fatores, além dos abordados anteriormente, estariam envolvidos na constituição do feminino, na relação amorosa que poderiam dar conta da contradição em decidir sobre o próprio destino nesta exposição ao risco de contrair o HIV? Seriam fatores emocionais, culturais, biológicos?

Pensando nos assuntos relacionados aos aspectos biológicos envolvidos nas questões de gênero, homens e mulheres guardam diferenças. Nesta direção destaco os

trabalhos de Gruppi, que relata que a mulher vê uma relação direta entre o ato sexual e a procriação, o mesmo não ocorrendo com o homem. Segundo o autor é neste aspecto que reside a especificidade da mulher na relação amorosa. Mais além, ele diz que “Esta especificidade terá profundas e particulares repercussões na atitude psicológica da mulher em relação ao amor e, historicamente falando, na atitude em relação à vida amorosa da mulher” (s.f.). Neste sentido, segundo Gruppi, os determinantes dessas repercussões seriam encontrados nos fundamentos biológicos do corpo feminino.

Na busca de outros fatores que compõem o universo feminino destaco os trabalhos de antropologia estrutural de Levi-Strauss, sobre experiências relatadas na tribo dos Cuna. Trata-se da descrição da atuação do xamã que, através do canto, auxilia um trabalho de parto difícil. Levi-Strauss afirma:

Que a mitologia do xamã não corresponda a uma realidade objetiva, não tem importância: a doente acredita nela, e ela é membro de uma sociedade que acredita. Os espíritos protetores e os espíritos malfazejos, os monstros sobrenaturais e os animais mágicos, fazem parte de um sistema coerente que fundamenta a concepção indígena do universo. A doente os aceita, ou, mais exatamente ela não os pôs jamais em dúvida... ela não se resigna apenas: ela sara. (1975, p.228)

Nesta passagem do texto o autor lembra as diferenças existentes entre a cultura indígena e a do mundo ocidental.

E nada disso se produz em nossos doentes, quando se lhes explica a causa de suas desordens, invocando secreções, micróbios ou vírus. E não obstante a relação entre micróbio e doença, ser exterior ao espírito do paciente, é uma relação de causa e efeito; ao passo que a relação entre monstro e doença é interior a esse mesmo espírito, consciente ou inconsciente: é uma relação de símbolo à coisa simbolizada, ou, para empregar o vocabulário dos lingüistas, de significante a referente. Neste sentido a cura xamanística se situa a meio-caminho entre a medicina orgânica e as terapêuticas psicológicas.

A tentativa de compreender a maneira como a mulher utiliza a informação sobre o risco de exposição ao HIV em sua conduta, dispensando a camisinha com seu parceiro estável me faz questionar se existem sinais, pistas que revelem relações de ordem subjetiva que levam a mulher a desprezar os conhecimentos científicos existentes sobre prevenção ao HIV. Haveria relações de ordem subjetiva entre a crença das mulheres das tribos indígenas submetidas à cura através do canto do Xamã e a concepção mágica do manto de proteção

interior que o parceiro imaginariamente confere às mulheres? O que está presente nessas relações tão impregnadas de símbolos e significados? Que relações existem entre a crença das mulheres das tribos indígenas, submetidas à cura xamanística e a mulher pós-moderna representada pela personagem feminina do filme *Noites Felinas*, que se expõe conscientemente em nome do amor ao risco de contágio ao HIV.

Corrêa, desde 1984, vem analisando a História da antropologia e se defrontou com questões que sugerem que

a trajetória de algumas personagens feminina dessa história, esposas de pesquisadores renomados, põe em xeque a suposta impermeabilidade das categorias masculino/feminino no sistema de classificações de gênero (Corrêa, 1995, p.109).

Todas adotaram o nome do marido ao casar, a ponto de ser muito difícil redescobri-las com seu próprio nome, quando descasadas. Todas estiveram participando da pesquisa de campo e parecem ter sido auxiliares de pesquisa inestimáveis, segundo o relato de seus próprios maridos. Ao se casarem as mulheres, assim renomeadas, passam a ser consideradas esposas, perdendo não só o nome, como o personagem que acaba sujeito à desapareição, já que seu nome próprio é o nome de outrem. Em sua busca Corrêa teve dificuldades de encontrar Dina Levi-Strauss, pois esta, ao se separar retirou seu sobrenome de casada. Este fato, observa Correa, deixou claro como o renome adquirido a partir de um certo momento, pode iluminar a vida inteira de um personagem diferente da vida das pesquisadoras-esposas que se tornaram personagens secundárias. Sendo assim, segundo Corrêa, perdendo o nome é impossível manter a ilusão de uma “identidade social constante e duradoura” para a mulher. Através do relato sobre a vida de esposas de pesquisadores famosos, temos uma mostra de como a problematização a respeito de gênero e identidade é uma produção fortemente estabelecida e veiculada nos vários segmentos das estruturas sociais.

No seminário realizado em Paris, dedicado ao tema da identidade Levi-Strauss (apud. Corrêa, 1995), refere-se a esta como: “uma espécie de foco virtual ao qual é indispensável nos referirmos para explicar um certo número de coisas, mas sem que nunca tenha uma existência real”, Corrêa faz uma abordagem que se aproxima das análises de Levi-Strauss, quando no estudo deste pequeno grupo de pesquisadoras, esposas de

pesquisadores de renome, mostra que talvez seja ilusório estabelecer padrões de feminino, constituindo-se mais, como seres de “natureza imaginária”.

Com efeito, ao refletir sobre a crença da mulher indígena na cura xamanística, sobre a posição e conduta de risco da mulher com seu parceiro estável e sobre as mulheres de pesquisadores renomados, estou falando das subjetividades que as constituem, dos regimes de verdades que produzem subjetividades e constituem as mulheres.

A constituição do feminino na passagem para a modernidade foi tratada, inicialmente, por Freud e resignificada por Lacan sendo que para ambos o inconsciente tem uma lógica. Para Lacan o inconsciente é estruturado como uma linguagem, ou seja, ele é o conjunto de regras estruturais da linguagem que dão forma ao pensamento. A fala é viva, móvel e relacional e se por um lado, as práticas falantes são sempre estruturadas pela linguagem, por outro lado, na qualidade de ação, como todas as outras manifestações humanas, são marcadas pela história. Sendo seres de cultura os falantes são, necessariamente, seres de história. O masculino e o feminino são construídos simbolicamente pela linguagem.

Lacan trata dos padrões da estrutura feminina de uma maneira diversa. Segundo Lacan, “a mulher não existe”, e isto só pode ser entendido com a condição de se aceitar que a diferença sexual não é biologicamente determinada, mas simbolicamente produzida. Sua posição é diferente da defendida por Gruppi, quando afirma que um homem é o resultado da identificação do sujeito - seja ele masculino ou feminino - com um significante que representa o falo. A questão é que não há no universo simbólico falocêntrico lacaniano, um elemento que simbolize o sexo feminino. Lacan se apóia em Levi-Strauss para lembrar que as mulheres aparecem na ordem simbólica como objetos de troca, e não como sujeitos agentes. Nesta maneira de entender, só há lugar na estrutura simbólica para aqueles que se submetem à identificação fálica. O que acaba fazendo com que a posição feminina possa aparecer “fora” da ordem simbólica. Nesta vertente, Deleuze (1997) traça um paralelo entre a mulher e a escrita na condição de devir ao dizer que, assim como a escrita, o feminino procura uma linha de fuga, sempre escapa, foge do previsível e do determinado. Se a linguagem caracteriza o ser humano e se nossa linguagem tem várias dimensões, dentro da relação amorosa temos a linguagem simbólica e suas várias dimensões de amor e ódio, este é o espaço onde se dá o campo do prazer intermediado pela linguagem.

Lacan (1992) coloca a questão do gozo como uma questão do ser humano, assim como a linguagem. Para o autor o gozo é limitado e organizado através da articulação da linguagem e considera o saber como meio de gozo. O gozo está para além do princípio do prazer e sempre indica processos de transgressão de limites que tocam o sofrimento e a morte. O gozo marcaria o encontro do sujeito com a pulsão de morte. O que tem Lacan a nos dizer? Para ele o gozo sexual se confunde com o sintoma e coloca a mulher em uma posição mais próxima do místico, aberta a um gozo mais próximo da verdade inominável do desejo. Curiosamente, pode ter muito sofrimento no gozo que muitas vezes exige renúncias, sacrifícios que conduzem até a riscos de vida como, por exemplo, mulheres com parceiros fixos que não só não se protegem do HIV, como nem se percebem em risco.

Adriana, uma paciente, casada, evangélica, com instrução elementar, procurou o serviço de saúde para se inscrever no programa de planejamento familiar em busca de contraceptivos, uma vez que ela já possuía três filhos.

*Você gostaria de utilizar preservativos para evitar gravidez?  
Gostar eu gostaria, mas o meu marido não vai concordar.  
Você sabe, né? Ele chega em casa depois que passou lá no barzinho.  
E aí ele fica violento. Os meninos lá de casa correm para a minha vizinha.*

Em seguida relata uma vida de renúncias e sacrifícios mas com um certo regozijo pelas dificuldades que já passou e ainda passa. Relata que antes do desemprego seu companheiro era mais atencioso, mas depois disso passou a maltratá-la. Hoje ela trabalha em casa de família para ajudar no orçamento doméstico, abandonando o sonho de voltar a estudar mas gostaria que ele voltasse a trabalhar ou melhor, que tudo voltasse a ser como antes. Sente-se impotente para fazer algo pela sua família e se preocupa com os filhos caso aconteça algo com ela, pois o marido já a ameaçou de morte. Adriana busca na religião uma linha de escape para seus infortúnios. A partir da perspectiva de análise que estou propondo pode-se considerar que Adriana constrói sua realidade através da linguagem e, na linguagem as realidades internas e externas se misturam, não dando acesso ao mundo real a não ser pelo imaginário e pelo simbólico, onde, do ponto de vista de quem escuta, se supõe encontrar os compromissos, os contratos, os pactos de Adriana e seu par amoroso. Esta fala parece a expressão da realidade de alguém que vive sem limite, no excesso, para além do

bem estar e do equilíbrio. Ao invés de uma situação paradisíaca podemos imaginar que é algo mais próximo da morte.

Gustave Flaubert descreve em seu romance *Madame Bovary* a vida de uma mulher que busca no excesso, uma forma de escape da sua realidade, tentando dar sentido ao seu cotidiano. Emma Bovary representa uma figura feminina envolta no centro de um redemoinho de forças que por um lado expressa o desejo de manter a estabilidade do cotidiano e por outro procura na paixão e na aventura a forma de romper com a monotonia. Flaubert expõe a asfixiante sociedade dos fins do século XIX descrevendo com cores fortes como se dá a intimidade nos complexos mecanismos de uma sociedade dividida entre costumes arcaicos e a acelerada modernização social e tecnológica. Emma Bovary é a jovem esposa de um pacato médico do interior que não consegue se satisfazer com o que é e nem com o que possui. Busca no marido e em relacionamentos extra conjugais, a completude que julga encontrar no outro. Ao procurar vivenciar as palavras que preencheriam sua existência como amor, paixão, felicidade na vida conjugal monótona e tediosa, inerente aos estreitos limites do cotidiano, Emma se envereda em aventuras de infidelidade e situações frustrantes, culminando em desenlace trágico. A personagem busca a morte como maneira de preencher a sua insatisfação com a vida ao sentir-se incapaz de desempenhar o papel que havia criado e produzido para si mesma. Para ela a morte estaria mais próxima da verdade inominável do gozo.

Pardo (1996), denuncia a existência de uma outra dimensão da expressão da realidade, onde o importante na intimidade, não é o que se diz, mas o que se quer dizer e isso significa não o poder das palavras, mas justo a sua impotência. Nesse sentido, a linguagem humana falada tem duas dimensões distintas<sup>3</sup> e não separadas em que o homem se sustenta sobre o fio da língua, entre o que se fala e o significado das palavras. O autor se expressa desta maneira ao abrir a possibilidade para um duplo da linguagem em que, ao lado do significado da palavra que é acessível ao público, se alberga em uma dobra<sup>4</sup>, a

---

<sup>3</sup> Para o autor a linguagem tem uma dimensão pública quando se refere ao significado social e transparente que a faz acessível a todos os usuários, mas não pode ser falada sem segregar uma dimensão íntima - a ação da linguagem sobre si mesma - um sentido opaco e singular inacessível para todos exceto para quem fala.

<sup>4</sup> “Dobra: Conceito desenvolvido por Gilles Deleuze, em sua teorização sobre o processo de subjetivação. Com o conceito de “dobra”, Deleuze busca evitar a referência a qualquer noção de interioridade, de subjetividade prévia ou de sujeito estável, evitando, ao mesmo tempo, qualquer dicotomia ou separação entre interior e exterior, entre “fora” e “dentro”. Deleuze concebe o processo de subjetivação como uma “dobra” –

intimidade. Este espaço do indizível da linguagem é justo sua impotência. O caso é que ao acessar a linguagem o fazemos com a nossa voz e nossas palavras nos deixam um resíduo em nossa língua, amargo ou doce, bom ou mau, doce amargo como diria Safo, que só ao falante é possível saborear.

A intimidade aparece na linguagem como aquilo que a linguagem não pode dizer, ela é feita de silêncios, a intimidade é o que calamos quando falamos. Não temos intimidade pelo que dizemos e sim pelo que calamos. Com efeito, quando as mulheres entrevistadas, narram suas histórias e as circunstâncias em que se relacionam com os parceiros, produzem uma linguagem que é exteriorizada. É através dessa linguagem que entendemos como se constrói a realidade, mas colada em suas palavras, ao suspirar ou rir, tem algo além, intimidade a que só elas têm acesso, só elas sabem o que quer dizer.

Blikstein (1989), ao procurar compreender o personagem do filme “O Enigma de Kasper Hauser”, traz a partir da lingüística uma outra ótica sobre a construção ou fabricação da realidade. Sua leitura do filme é feita através do olhar enigmático e perplexo do personagem Kaspar Hauser ao ser apresentado ao mundo, depois de 18 anos de isolamento. Conhecer o mundo das palavras, dos signos e da linguagem é suficiente para deixar o personagem atônito diante das pessoas, dos movimentos, do pensamento, da fala. Apesar da aquisição da linguagem ele não tem conhecimento das práticas sociais<sup>5</sup> e não consegue captar o mundo, assim como o faz a sociedade que o cerca. Ao analisar a maneira aberrante como o personagem apreende a significação do mundo, das coisas e da realidade, o autor reconhece a existência de uma experiência perceptiva, como um processo de cognição e de ordenação do universo, anterior à própria linguagem. A realidade é capturada através do referente<sup>6</sup>, que ao significá-la, ele a representa. Blikstein pondera que não percebemos o real e sim o referente que pode se constituir no real fabricado. Desprovido

---

tal como uma dobra numa folha de papel ou num tecido, ou, ainda, uma invaginação corporal, como a vulva, por exemplo -, por meio da qual o “fora” torna-se “dentro” sem deixar de ser “fora” e sem tornar-se simplesmente “dentro”. Como tradução do francês “pli”, pode-se pensar na “dobra” também como “prega”, “invaginação”, “involucração”, “plissado”, “bainha”” (Silva, 2000, p.45).

<sup>5</sup> Blikstein (1989: 60) supõe que o homem cognoscente desenvolve, para existir e sobreviver, mecanismos não verbais de diferenciação e de identificação: para mover-se no tempo e no espaço de sua comunidade, o indivíduo estabelece e articula traços de diferenciação e de identificação, com os quais passa a discriminar, reconhecer e selecionar, por entre os estímulos do universo amorfo e contínuo do “real”, as cores, as formas, as funções, os espaços e tempos necessários à sua sobrevivência.

<sup>6</sup> Coisa ou objeto lingüístico.

dessa prática social Kaspar Hauser se aproxima da realidade diretamente, sem operações na realidade fabricada. Neste processo de interação de práticas discursivas e práticas sociais se instaura todo um universo de referentes e realidades fabricadas. O autor, considera a subversão de Kaspar Hauser, ao usar a linguagem, como um desafio a percepção imposta pela sociedade, ou ainda, como uma prática libertadora da função estereotipada e aprisionante da linguagem. Propõe ainda a poesia, como uma digressão, espaço criativo e libertador de uma realidade paralela.

Refletindo sobre as reações de espanto e sobressalto das entrevistadas, ao responder uma pergunta sobre seu relacionamento amoroso, questiono de que maneira práticas libertadoras poderiam desafiar a imposição da realidade fabricada pela linguagem, na intimidade das relações amorosas dessas mulheres, para que elas pudessem usufruir o benefício da dúvida em se perceber em exposição ao risco de contrair o HIV, no lugar da certeza na crença da fidelidade de seu parceiro.

Acredito que ao responder as entrevistas e reelaborar, através de suas falas as verdades sobre os relacionamentos amorosos, as mulheres estão criando espaços de subversão e de dúvida possíveis de serem canalizados para uma provável realidade paralela. A subjetividade da mulher pós-moderna convive com uma multiplicidade de forças entre a realidade fabricada na crença da fidelidade, nas certezas, na confiança no parceiro, como um território que não permite a dúvida, as incertezas, as possibilidades de infidelidade. A intimidade como um terreno onde a linguagem não alcança, vai possibilitar o espaço do indizível, espaço inacessível pela linguagem que abre a possibilidade de um deslize para o campo do invisível, onde embora não seja visto ou nomeado, pode se pressentir indícios, tanto nas falas das entrevistadas quando relatam suas trocas amorosas, como na crença das mulheres das tribos indígenas submetidas a cura xamanística.

*Percorrendo as trilhas*  
*fidelidade, confiança, crença*

Chovia muito naquela manhã de quarta-feira e Marilda teve que esperar bastante tempo embaixo da marquise do Posto de Saúde, antes de poder sair em direção ao ponto de ônibus. Daquele posto central até sua casa era um longo caminho. Mesmo assim, era melhor se consultar ali do que no postinho mais próximo de casa, onde não havia médicos suficientes e as pessoas ficavam meses esperando uma vaga para serem atendidas.

Marilda recostou o corpo na parede da velha construção e ficou observando as poças de água formadas pela chuva na rua à sua frente. “Se este dilúvio continuar, logo logo a cidade vai estar debaixo d’água. Preciso chegar em casa antes disso”, pensava ela.

No bairro de Marilda não havia rede de água, esgoto, nem asfalto nas ruas. Nos dias de chuva era aquele Deus nos acuda. O córrego que serpenteava as casas enchia e espalhava toda aquela água fedorenta. A criançada, na vizinhança, corria para brincar no meio daquele barreiro. E não adiantava nada as mães darem bronca, puxão de orelha, e avisarem que ali tinha muita doença e micróbio. Quando viravam as costas e saíam para trabalhar, os pestinhas voltavam a nadar de braçada na correnteza do “corguinho”, que virava riacho.

Marilda não se conformava com aquilo. Tanta doença, tanta coisa ruim aqueles meninos podiam pegar brincando naquelas águas. “Meu menino não fará isso. Ah... não mesmo. Com ele vai ser bem diferente”, pensava ela, que acabara de receber o resultado positivo do exame de gravidez. Quanta felicidade, aos 23 anos, dentro de sua barriga, crescia seu filhote. Ela estava muito emocionada com a descoberta. O dia teria sido perfeito, se não fosse a ponta de dúvida que aquela moça que conversou com ela e se apresentou como psicóloga, deixou em sua cabeça. “Será que ela tinha razão?”.

Perdida naqueles pensamentos, Marilda avistou o ônibus que vinha se aproximando. Deixou suas lembranças de lado e saiu correndo até o ponto debaixo da chuva forte, para não perder a condução. O ônibus estava lotado e ela percorreu o trajeto até o centro em pé,

observando o movimento do lado de fora pela janela. Desceu no ponto final e logo viu que sua segunda condução estava quase saindo para o bairro onde morava. Desta vez, com o ônibus menos lotado, Marilda conseguiu um lugar para se sentar. “Que bom, estou com as pernas doendo”.

Ali, bem acomodada, ela poderia voltar a lembrar os acontecimentos da manhã. Até sua casa, a viagem era longa e Marilda teria muito tempo para pensar em uma maneira de contar ao marido que estava grávida de dois meses. De repente, aquele aperto no coração e a lembrança da conversa com a psicóloga.

“Poxa eu estava tão feliz com o resultado do exame, porque fui aceitar dar aquela entrevista. Ela me abordou no corredor e explicou que estava fazendo um trabalho sobre AIDS e outras doenças que a gente pega quando transa. Eu aceitei falar, mas nunca podia imaginar que esta história iria ficar martelando na minha cabeça.”

“Ela queria saber porque eu estava no Posto, se era casada, se tinha filhos. A conversa estava boa, animada, mas aí ela me fez uma pergunta que foi igual a levar um choque elétrico.”

- Você usa camisinha com seu marido?

- Não, claro que não. No começo a gente usava para prevenir filho e porque eu não o conhecia direito. E sabe como é homem né, adora um rabo de saia.

- E agora, você confia nele? Vocês conversam sobre o assunto?

- Confio sim. Ele me disse que, se um dia me trair, vai usar camisinha.

“Meu Deus. Será? Disse para ela que nós conversamos, que eu confiava nele. Mas será que eu posso confiar? Quando a gente namorava, eu sabia que ele saía com outras duas biscatinhas do bairro. Uma vez até dei um escândalo por causa disso. Mas, agora, acho que ele não faz mais isso. Eu sou a mulher dele, porque me trairia? Tenho que confiar.”

Estava Marilda perdida nestes pensamentos quando o ônibus deu uma freada brusca e jogou longe alguns passageiros que estavam em pé. “Ainda bem que estou sentada pois grávida, com esta chuva e este trânsito, se o motorista não for cuidadoso, pode haver um acidente” - pensava ela. Passado o susto, o ônibus continuou seu caminho e Marilda voltou a se concentrar na conversa com a psicóloga.

“Poxa, ela falou de usar camisinha. Mas como eu vou conversar sobre camisinha com ele. Pedir para usar é a mesma coisa que dizer: - Olha benzinho, como você sai com um monte de mulheres eu quero transar com camisinha a partir de agora”.

Marilda se lembrou de Cláudia, uma antiga amiga do bairro. Ela sempre usava camisinha. Pegava aos montes no postinho. Cláudia era muito desconfiada. E jurava só usar preservativo com os namorados. Ela dizia que não queria pegar doença, porque o preconceito das pessoas é muito grande com quem tem AIDS.

Cláudia tem um amigo que foi expulso do bairro porque é soropositivo. Ninguém o queria por perto. Os homens diziam que sua presença era um risco para todos, ainda mais num bairro onde não há saneamento básico. Marilda não entendia bem o que e se o saneamento básico tem que ver com AIDS, mas de qualquer maneira, nunca chegou perto do rapaz.

A Cláudia era amiga dele, tentava explicar a todos que aquilo era preconceito. Mas não houve negociação. Tanta pressão foi feita, que só restou a ela ajudar na mudança do pobre do homem.

- Tá vendo Marilda, porque é importante se preservar. Eu não durmo de toca. Conversar é necessário, mas a gente precisa se prevenir também e na prática, só podemos fazer isso usando camisinha.

- Ah!! Você diz isso Claudia, porque não tem marido e está sempre de namorado novo. Eu sou casada e não tenho que me preocupar mais com isso.

“Sempre pensei assim, que ser casada me livrava desta preocupação. Mas hoje, aquela psicóloga perguntou se eu confiava no meu marido. Será que eu confio? Nunca tinha parado para pensar. Como eu posso perguntar estas coisas para ele. Imagina, o homem vai ficar fulo da vida.”

Marilda olhou novamente pela janela e viu que a paisagem havia mudado e estava chegando perto de seu ponto. Teria que enfrentar uma caminhada de 15 minutos debaixo de chuva e com lama nos pés até chegar em casa. Levantou, apertou a campainha e se dirigiu a porta. “Melhor esquecer esta conversa de fidelidade, confiança e traição. Vou pensar na minha gravidez que é importante. O resto se vê depois.”

Com a cabeça protegida pela velha sombrinha, Marilda desceu do coletivo e seguiu em direção a sua casa. De longe, pode ver os meninos brincando no “corguinho” que havia inundado novamente. “Filho meu não vai brincar nesta água podre...não vai mesmo!”

Depoimentos orais, gestos, risos e olhares inspiraram as falas deste conto.

## **OCORRÊNCIA DO HIV/AIDS ENTRE MULHERES**

### **“verdades” do discurso amoroso**

A partir do Renascimento estabeleceu-se como objetivo a ser alcançado pelo homem todo um conjunto de práticas que procuravam ordenar e classificar o mundo. Nessa perspectiva, conceitos e termos ambivalentes, imprecisos, inesperados foram abolidos dos textos, da linguagem, do cotidiano para que dessem lugar à ordenação das coisas. A classificação passou a ser aplicada ao mundo natural e social e o que existisse fora desta classificação passou a ser visto como anomalia e entendido como um problema a ser resolvido. A paixão pela razão, a vontade de atingir a ordem e identificar o que estava fora dela possibilitou que a racionalidade moderna introduzisse a noção de caos como contrário ao ordenamento. Assim, a razão moderna não só explica a realidade, mas nela intervém modelando-a, classificando-a. Com efeito, a partir de Copérnico, Newton, Galileu, Linneu e todos os outros denominados homens da ciência e inventores dessa época, até os dias atuais, na figura dos tecnocratas da economia, computação e todo o maquinário estabelecido pela química, física, biologia, gravura, música foram produzidos para o mundo e modelados por traços determinados pela razão na busca de ordenação do conhecimento. E a ciência que tem a observação como sua prática diária, acredita que o homem deve descobrir evidências e significados que se encaixem num conjunto organizado que se ordena como num quebra-cabeça. Dessa naturalização da ordem resulta, também, que a própria natureza precisa ser ordenada e, para tanto, deve ser dominada, subjugada e nessa perspectiva o homem e a mulher também passam a ser entendidos numa ordem classificatória. As verdades estabelecidas pela ciência tal como entendidas no racionalismo são atribuições de ordem através da prática sistemática de conjuntos de operações a serem seguidos de forma lógica. Assim, aos descobrimentos náuticos, astronômicos e mecânicos do renascimento, foram acrescentados novos inventos e teorias das ciências humanas, naturais e exatas que consolidaram a racionalidade moderna como uma nova e revolucionária estrutura de produção de verdades sobre o homem e a natureza.

A análise desta racionalidade sistemática revela que ao lado destas construções de conceitos e teorias despontam afirmações de saber que se caracterizam como enunciados de verdade, através de uma série de conjunturas específicas como instituições e práticas sociais ganhando, pouco a pouco, a força de norma e de discursos disciplinares que alcançam o estatuto de verdade a partir de um regime discursivo que estabelece regimes de verdade. Nesta produção específica de enunciados de verdades, as regras da produção de verdade são mais importantes que a própria veracidade.

Os enunciados de verdade são considerados apenas como convenções, que podem ser alterados e, portanto passíveis de serem substituídos por outros. Nesta condição mutável, uma verdade ou um conceito quando deixa de ser útil para estabelecer um determinado juízo e essa verdade instituída causa incomodo, ela é descartada, pois ao se tornar inútil e não aceita pelos interesses do momento ela é expressa e divulgada como uma falsidade e em seu lugar uma outra verdade é produzida. Numa perspectiva foucaultiana os regimes de verdade instituídos no racionalismo possibilitaram estabelecer todo um conjunto de práticas, cujo alvo era elidir a ambivalência, a indefinição, o desenquadramento, o imprevisível.

É sob este prisma de regimes de verdade instituídos pelos discursos das ciências que entendo as campanhas de prevenção, quanto ao que se pensa e diz sobre o HIV, sobre a fidelidade do homem e da mulher, sobre a relação amorosa.

Vivemos em uma sociedade que em grande parte marcha ao compasso da verdade - ou seja, que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detêm por esses motivos poderes específicos. (Foucault, 1979, p.231).

O estudo das entrevistas realizadas com mulheres com parceiro estável revela que elas acreditam que estão livres da contaminação pelo HIV, supondo que a convivência, o conhecimento, o amor romântico idealizado que dedicam ao parceiro exerce um efeito protetor nas relações sexuais que as resguarda e protege da infecção. O estudo tem revelado, também, que a existência de uma relação estável do casal representa para a mulher o compromisso de fidelidade do tipo “até que a morte nos separe”, não havendo espaço para conversas sobre desconfianças, incertezas, infidelidade entre os parceiros e não se colocando, assim, a possibilidade da contaminação pelo HIV.

As reflexões teóricas de como foram produzidos os ideários de verdade sobre amor, paixão, sexualidade, fidelidade no feminino, também presentes nos discursos das mulheres entrevistadas, me remeteram para a leitura de textos que me auxiliaram a compreender a produção destas verdades.

Busquei na obra de Foucault, aquilo que diz respeito as questão da sexualidade, - palavra moderna que surgiu no século XIX. Em seu projeto histórico iniciado nas concepções platônicas de Eros e dos filósofos gregos, procurou construir uma rede que permitisse entender porque a palavra sexualidade ocupa um lugar privilegiado na sociedade contemporânea. Para entender o sentido do discurso amoroso do Sujeito nas sociedades modernas os estudiosos deslizaram pela sociedade da corte, passando pela cristã racionalista do amor caritas, até chegar na modernidade e nas conseqüentes contradições intrínsecas que ela transporta ao longo das mudanças sociais. Engajada nessa perspectiva procurei analisar a fala da mulher moderna com parceiro estável e que, por isso, nem cogita da possibilidade de se contaminar com o HIV. Costa (1999) analisou a delicada questão do amor, tão presente na vida moderna que vem acompanhado do pesado tributo do amor idealizado e sua contrapartida - a frustração desse amor. A idealização do sentimento amoroso tem raízes na concepção do amor romântico presente nos fins do século XVIII que o visualizou como um sentimento pessoal, pleno, mágico, estático e superior em intensidade e gozo a qualquer outra experiência emocional do indivíduo.

No mundo contemporâneo, quando se emprega a palavra amor, esquece-se de que o sentimento aceito como modelo de todas as relações amorosas encarna uma forma de ligação afetiva entre o homem e a mulher orientada por normas sociais e pessoais (Elias, 1987). Esta forma de relação afetiva tem raízes na aristocracia, na côrte, onde o imaginário amoroso do Sujeito produziu a crença no amor como virtude privada e íntima, sem compromissos com ideais públicos. A dessimetria entre os parceiros amorosos era aceita e sempre havia um que amava incondicionalmente e outro que se deixava amar. A felicidade estava no culto ao sofrimento e na aceitação da renúncia. Esta forma de cultivar a dama, típica do amor cortês, era uma alternativa aos costumes de viver das casas e linhagens nobres em que os casamentos eram celebrados para conservar o prestígio e poder dos senhores aristocráticos e perpetuar o equilíbrio político.

A mulher e o homem da modernidade guardam essa forma interiorizada de visualizar o amor como algo privado e íntimo. Esta interiorização do sentimento é analisada, também, por Pardo (1996) ao tratar das intimidades. Observa o autor que, na modernidade, o homem acredita ter uma *verdade essencial*, interna como se tivesse um capital depositado em um banco. Cada sujeito guarda, em uma caixa forte, suas intimidades que podem ser entendidas como uma poupança e somente o próprio sujeito pode acessá-la quando dela necessita. Pardo, mencionando Ortega, que compara crenças ao capital depositado em bancos, faz a seguinte afirmação:

...o homem íntima e autenticamente acredita, constituiria sua verdade essencial, poderia dizer-se que é como cada um se depositasse a si mesmo em uma caixa forte de sua intimidade (cuya combinación secreta sólo él conoce) e depois, confiando no crédito que ele outorga esse capital, se pusesse a rodar pelo mundo. Homens prudentes, sem duvida, vão de vez em quando ao banco para comprobar o saldo: desfazer-se de seu entorno, desentender-se dele, e submetendo sua facultade de atender a uma torção radical - incompreensível zoológicamente -, voltar-se de costas para o mundo e colocar-se dentro de si, atender a sua própria intimidade ou, o que é igual, ocupar-se de si mesmo e não do outro, das coisas.... (Pardo, 1996, p.132)<sup>7</sup>

A idéia me faz perguntar: Que verdade essencial leva a mulher, hoje, a acreditar no seu parceiro? O que a faz confiar nele e a achar que ele é fiel? O que permite a ela ter a convicção dessa condição de imunidade?

Podemos compor, na linha bancária de Pardo, que através de práticas discursivas que se constituem em regimes de verdade, a mulher na modernidade acredita na *verdade essencial* que foi produzida e lhe foi outorgada, em que as relações amorosas estabeleceriam o crédito da crença e da confiança e também da fidelidade. Assim, os pactos amorosos se assentam nessa construção de verdade em que o efeito de poder dessa visão de verdade é a certeza sobre o seu papel e o de seu companheiro no relacionamento amoroso.

---

<sup>7</sup> No es casual que Ortega, autor de la cita anterior, comparase a menudo las creencias con un capital depositado en el Banco. Y, puesto que es eso, lo que el hombre íntima y auténticamente cree, lo que constituiría su verdad esencial, bien podría decirse que es como si cada uno se depositase a sí mismo en la caja fuerte de su intimidad (cuya combinación secreta sólo él conoce) y después, confiando en el crédito que le otorga ese capital, se echase a rodar por el mundo externo. Es de hombres prudentes, sin embargo, acudir de vez en cuando al Banco a comprobar el saldo: “el hombre puede, de cuando en cuando, suspender su ocupación directa con las cosas, desasirse de su derredor, desentenderse de él, y sometiendo su facultad de atender a una torsión radical – incomprensible zoológicamente -, volverse, por decirlo así, de espaldas al mundo y meterse dentro de sí, atender a su propia intimidad o, lo que es igual, ocuparse de sí mismo y no de lo otro, de las cosas... traducción da autora)

O amor romântico torna-se mais um meta-relato do ideário moderno como transcendente, verdade absoluta, inerente ao ser humano.

Nos dias atuais as relações fidelidade-infidelidade, confiança-desconfiança, crença-descrença permanecem, mas são vivenciadas com uma outra racionalidade, pois se vive entre o mundo das sensações e a saudade do tempo dos sentimentos em que o amor era tido como imortal. A multiplicidade e a velocidade de opções oferecidas pelo mundo contemporâneo vem dando outros contornos ao amor romântico, inventado no século XVIII. E o amor romântico como meta-relato vem configurando formas de amar que são mediadas pelos meios de comunicação. Os novos contornos que estão sendo dados ao amor romântico podem ser percebidos nos versos do poeta Vinícius de Moraes, quando ao cantar o amor diz: “Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure.” A frase do poeta retrata bem as transformações em curso conferindo ao amor contemporâneo plasticidade e volatilidade.

Ao buscar compreender o amor romântico inventado no século XVIII e as transformações que estão em curso recorri aos trabalhos de Foucault, quando analisa os saberes desenvolvidos pelo homem, acerca de si mesmo. Considera o autor que em nossa cultura os saberes são jogos de verdade que estão relacionados com técnicas específicas utilizadas pelo homem para entender-se a si mesmo. Entre estas técnicas Foucault se dedica mais especificamente à história do modo como o indivíduo atua sobre si mesmo - as tecnologias do eu,

que permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com ajuda de outros, certo número de operações sobre o corpo e sua alma, pensamentos, condutas, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmos com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade. (Foucault, 1990, p.48)<sup>8</sup>

O autor busca entender as razões das transformações dos princípios morais da sociedade ocidental desde Platão passando pela tradição de moralidade cristã, que pregava a prática do cuidado de si de maneira diferente daquela cultuada pelos ideais platônicos.

---

<sup>8</sup> que permiten a los individuos efectuar, por cuenta propia o con la ayuda de otros, cierto número de operaciones sobre su cuerpo y su alma, pensamientos, conducta, o cualquier forma de ser, obteniendo así una transformación de sí mismos con el fin de alcanzar cierto estado de felicidad, pureza, sabiduría o inmortalidad. [tradução da autora]

Hoje o homem é herdeiro de uma tradição cristã em que o "conhece-te a ti mesmo" refere-se a um movimento de preocupação com o outro e a um sentido de renúncia de si mesmo em nome da confiança em Deus e na crença da salvação. Em suas análises Foucault sugere ao sujeito o cuidado de si. Assim,

É difícil fundar uma moralidade rigorosa e princípios austeros no preceito de que devemos ocupar-nos de si mesmos mais do que qualquer outra coisa no mundo. Nos inclinamos a considerar o cuidar-nos como uma imoralidade e uma forma de escapar a toda possível regra. Herdamos da tradição da moralidade cristã que converte a renúncia de si em princípio de salvação. Conhecer-se a si mesmo era paradoxalmente a maneira de renunciar a si mesmo. (Foucault, 1990, p.54)<sup>9</sup>

Creio que a relação amorosa antevista nas falas das entrevistadas passa pela matriz do pensamento cristão, que exige do sujeito conhecer-se para ser capaz de renunciar a si mesmo e a tudo que é carnal, em favor da confiança e crença em um paraíso supremo e inalcançável.

Maria de Jesus, uma de minhas entrevistadas, relata que “seu marido foi o seu primeiro namorado e que foi criada lá no norte de antigamente” e se inclui entre as mulheres antigas porque elas são muito mais reservadas que as moças de hoje:

*que um dia estão com um e outro dia estão com outro.*

Em seu discurso, a entrevistada selecionou e transportou para o presente um sentimento constituído por sua história passada, em que as mulheres devem se comportar de acordo com regras morais e segundo crenças de imagens produzidas ao longo de sua vida.

O credo amoroso, dominante no mundo contemporâneo, funciona como um currículo de competência exigido daqueles que amam segundo três pilares:

1) o amor é um sentimento universal e natural, presente em todas as épocas e culturas; 2) o amor é um sentimento surdo “à voz da razão” e incontrolável pela força da vontade e 3) o amor é a condição *sine qua non* da máxima felicidade a que podemos aspirar. Costa (1999, p.12)

---

<sup>9</sup> Nos resulta difícil fundar una moralidad rigurosa y principios austeros em el precepto de que debemos ocuparnos de nosotros mismos más que de ninguna otra cosa en el mundo. Nos inclinamos más bien a considerar el cuidarnos como una inmoralidad y una forma de escapar a toda posible regla. Hemos heredado la tradición de moralidad cristiana que convierte la renuncia de sí en principio de salvación. Conocer-se a sí mismo era paradójicamente la manera de renunciar a sí mismo.

Reafirmo que esse amor é universal quando, por diferentes artifícios retóricos, me reporto a experiências emocionais difundidas e imortalizadas como as de Romeu e Julieta, ou os contos de fadas em que o príncipe, o herói, as heroínas são capazes de dar tudo ao parceiro, inclusive a vida. Nesses mitos são reconhecidas semelhanças ou identidades com nossas experiências amorosas presentes. No entanto, tais sentimentos são aprendidos, assim como outros. Ato como falar e comer são necessários para concretizar o nosso potencial humano, mas acreditar no amor romântico envolve uma opção passível de escolha. De outra forma, se digo que o amor é natural estou querendo dizer que ele não é construído de maneira histórico-cultural e, portanto, é preexistente à minha vontade ou escolha. É bom que se reafirme que não se é obrigado a amar romanticamente, sob pena de traição às questões da natureza ou da história cultural. Afirmar que o amor é universal e natural é ressaltar suas características, mas não significa que se ame dessa maneira porque assim a natureza o exige.

Aprender a exaltar o amor romântico como um bem desejável é também valorizá-lo como universal e natural. Seria o amor tão natural quanto respirar e comer? Assim aprende-se, incorpora-se e valorizam-se as experiências amorosas atuais, reconhecendo-as como iguais ou semelhantes às experiências de outros casais que povoam as histórias e lendas do imaginário romântico, afastados no tempo e no espaço. Através desses personagens aprendemos a ver o amor como algo grandioso, avassalador e mágico com a força de um bem extra-humano e neste movimento se idealizam o parceiro amoroso. (Costa, 1999)

Claudinéia - uma das minhas entrevistadas - prefere estar só, enquanto não encontra um relacionamento que inclua afeto, conhecimento, atração, alguém que queira estar com ela em todos os momentos.

- E vocês não voltaram a conversar depois da separação?

*Não. Não dou chance, não tem essa de marido fazer visita para o filho e ficar com a mulher. Acho que isso não existe. Homem que se separa quer amizade.*

- Amizade como?

*Amizade no amor. Ele fala para mim: o que você acha de ser amante? Isso não existe. Se separou, se separou. Se gosta, gosta, ninguém é forçado nada com ninguém. Eu acho que tem que existir uma atração. Não é só olhar para você e vamos ficar. Não existe isso. Não existe isso. Você tem que ter atração, você tem que ter afeto, você tem que ter conhecimento. Por isso que eu estou sozinha. Por que essas coisas de ficar não são comigo. Vai num*

*bailinho, dorme com um rapaz hoje, fico, acabou naquele momento e pronto. Isto não existe, não sei porque o pessoal leva isso, sabe, ficar é melhor do que ter um relacionamento. Eu não, eu penso em ter um relacionamento um dia sim. Mas um relacionamento com uma pessoa que esteja comigo todos os momentos. Senão estou sozinha. Essa é minha opinião.*

- E você diz que teve um relacionamento nesse tempo?  
*É eu tive um relacionamento. Também essa pessoa não teve perspectiva de vida. Eu acho que eu tenho uma visão muito maior, além.*

- Não era ficar?  
*Não era ficar. Ai eu vi que as coisas estavam ali naquele âmbito só do sexo. Ai eu falei, que sabe? Fica no seu canto que eu fico no meu,*

- Porque você achou que era só naquele âmbito do sexo?  
*Porque você vê que a pessoa não liga para saber como você esta. Liga para marcar um lugar para a gente se encontrar. É diferente. Sabe, existe mesmo uma diferença. É o que o meu marido às vezes falava: Eu tenho você como mulher e é você que eu tenho na hora que eu quero.*

Claudinéia fala da relação que teve com o pai de seu filho como uma relação de posse e não define essa convivência, nem como o “ficar” que permanece só no âmbito do sexo nem como a relação que almeja, romantizada, como se só pudessem existir formas polarizadas de se relacionar. Ela desqualifica suas experiências amorosas em nome da busca de um amor idealizado que lhe proporcionaria a felicidade suprema.

Outro preceito do mito amoroso, apontado por Costa (1999), é que o amor é um sentimento surdo à “voz da razão” e incontrolável pela força da vontade. Embora a imagem do ideário romântico exalte a fraqueza da racionalidade e da vontade, os amantes são atraídos sexualmente e afetivamente por certas pessoas sabendo “quem” ou “o que” deve ser eleito objeto de amor. Existe uma atração ou excitação erótica que circula numa variação de objetos e valores em torno do sujeito e dentro destes limites o impulso amoroso se acomoda, se aconchega, produzindo desejos internalizados no processo de subjetivação.

Para Costa (1999) numa sociedade dividida em classes com interesses conflitantes o amor - esse maravilhoso Deus trabalhador que nos ajuda a superar as dificuldades da vida cotidiana - tem a missão conformista de nos reconciliar uns com os outros. A relação do amor com a felicidade no romantismo amoroso foi e é uma prática da cultura ocidental deixando de ser um meio de acesso à felicidade para ser a condição de felicidade suprema a que podemos aspirar. O imaginário do amor típico do romantismo é que nada substitui a

felicidade do amor mútuo; nada traz o alento do amor-paixão romântico correspondido. Realizar o amor sonhado tornou-se uma obsessão e os deserdados da paixão buscam, incansavelmente, a cura para seus males. No mundo contemporâneo são incontáveis as ofertas para resolver questões amorosas que vão desde as lições de vida de personagens de telenovelas, passando por livros de auto-ajuda, conselhos de amigos, parentes e opiniões de psicanalistas e muitos outros peritos em resolver tais problemas.

o amor foi inventado como o fogo, a roda, o casamento, a medicina, o fabrico do pão, a arte erótica chinesa, o computador, o cuidado com o próximo, as heresias, a democracia, o nazismo, os deuses... Tudo pode ser recriado, se acharmos que assim deve ser, em função do que julgarmos melhor para todos e cada um de nós. Costa (1999, p.12)

Para o autor nossas convicções amorosas devem ser melhoradas e conforme queiramos até aperfeiçoadas, de acordo com o nosso ponto de vista. Sob o ponto de vista do autor, a separação entre sexo e amor pode não significar hoje o que significou ontem e talvez a via mais promissora de investigação neste campo seja tentar decifrar as regras de gramática do convívio humano, centrado na interação sexual e amorosa. Imaginar que só se realiza afetivamente quando se está empatado na contabilidade dos ganhos e perdas amorosas é um hábito da modernidade e tal concepção de reciprocidade era inconcebível no jogo amoroso da vida na Corte, onde quanto maiores os empecilhos, as barreiras, maior era o amor. A história amorosa entre Tristão e Isolda é exemplar para ilustrar o significado do amor romântico repleto de paixões, renúncias e desencontros.

Na mesma linha afetiva plena de percalços, contradições e de amor romantizado me recordo da história de Lena, uma paciente do CRDST/AIDS. Lena era uma profissional do sexo que dizia ter vindo ao Centro de Referência em busca de preservativo e aproveitava para fazer o teste de HIV. Tinha longos cabelos negros cuidadosamente penteados à moda rastafari e era bastante expressiva. Em nossos encontros contou com minúcias que viera do nordeste para onde mandava dinheiro para sua mãe, descreveu a decoração de seu quarto todo cheio de bichinhos de pelúcia que não dividia com ninguém - ali era o seu santuário - local preservado onde recebia apenas seu parceiro fixo, de quem sonhava ter um filho, mas, enquanto isso não acontecia, mimava seus bichinhos de pelúcia. Toda sua fala sobre essa intimidade era muito romântica e muito semelhante àquela de uma mulher com parceiro

fixo, justo o oposto da difícil “vida fácil” que exercia nas ruas. O resultado positivo do teste de HIV acionou uma série de dispositivos que a fez engravidar do parceiro, trocar de profissão e se afastar do acompanhamento de saúde oferecido pelo Centro de Referência. Quando foi localizada, soube-se que já havia tido o bebê e que este estava sob a guarda do parceiro. Lena foi afastada dele, pois havia sido presa ao ser apanhada como aviãozinho na distribuição de drogas. Enquanto profissional do sexo, Lena dizia fazer uso de preservativo, mas com seu parceiro estável não, assim como acontecia e ainda acontece com outras prostitutas que freqüentavam e ainda freqüentam o Centro de Referência. Nessa história dramática se percebe que mesmo entre mulheres que fazem de seu corpo um ganha pão, a idéia de amor romantizado é preservada. Assim me pergunto, como agir em relação à prevenção ao HIV sabendo da existência entre mulheres, de regras extremamente fortes que pautam o convívio amoroso? Que estratégias as mulheres com parceiro fixo poderiam constituir no sentido de problematizar a tirania das normas, que insistem em dicotomizar a fidelidade-infidelidade que estão presentes nos pactos amorosos e que as coloca em risco de contrair o HIV?

Na perspectiva moderna as coisas, os conceitos passam a se organizar em conjuntos de dualidades que são colocadas uma frente à outra, díades, ou seja, uma operação diática que oculta o poder que a determina, como nos apresenta Veiga-Neto,

De fato, não deixa de ser um pouco estranho que as díades que se criam a partir de uma operação de ordenamento são sempre naturalizadas. Mas não é difícil compreender que a naturalização daquilo que a vontade de ordem produz resulta do ocultamento do poder que está na gênese das operações de ordenamento (2001, p.112).

Neste contexto as práticas e os conceitos são vistos de maneira dicotômica e no cotidiano aprende-se a conviver com as coisas de maneira polarizada. Elas se apresentam como forças opostas em que ao sim, sempre se enxerga no horizonte, a contrapartida do não. No entanto, entre o sim e o não, há uma gama descontínua de variabilidade que, poucas vezes, se dá conta quando se está diante de um problema. Ao desconsiderar a existência desta variabilidade acaba-se por naturalizar conceitos como o bem e o mal, o branco e o preto, o certo e o errado, o doente e o sadio, o fiel e o infiel, a relação monogâmica e a poligâmica.

É preciso estar atento ao fato que ao se estabelecer as dualidades e ao escolher uma delas, em realidade, se está selecionando uma opção expressa nas relações estabelecidas em que o exercício do poder se mostra ativo, ao camuflar nesta relação assimétrica inúmeras outras possibilidades de entendimento. Ao analisar as decisões que orientam as escolhas, chega-se ao mundo dos enunciados dessas ações e pode-se perguntar: o que elas dizem? Ou ainda, como um conceito é estabelecido e utilizado no cotidiano?

Assim, ao refletir sobre o que nos impulsiona a realizar determinadas ações como assistir um filme, viajar, nos divertir, trabalhar, rezar, cozinhar, filosofar ou quando amamos, pode-se pensar que o fazemos de uma maneira espontânea. Alias, sobre essas ações, muitas vezes se diz que, quanto mais espontâneas melhor, mas na verdade elas são uma reconstrução ou uma construção imaginária baseada no nosso comportamento em relação às experiências passadas. Considero que isto ocorre com todos os conhecimentos, as convenções, os códigos sociais e as pressuposições culturais de toda espécie que se produziram e foram acumuladas ao longo da vida (Costa, 1999). O que se pode inferir dessas colocações é que não somos totalmente livres nas escolhas que fazemos, pois nossa liberdade também é definida por normas que, embora necessárias, são sempre arbitrárias e políticas. Não são nada naturais e sim historicamente determinadas. Considerando essa presença de arbitrariedade nas nossas ações cotidianas é possível colocar em questão a legitimidade de nossas escolhas com relação ao amor, aos relacionamentos e ao próprio prazer.

Maria, uma das entrevistadas relata sua experiência cotidiana na qual demonstra ter problemas em conciliar o relacionamento entre ela, suas filhas e o companheiro. O amor manifestado pela filha se apresenta de forma exclusivista, mas não foi construído apenas por ela. Ao nomear que tem ciúmes da mãe em relação ao parceiro, a filha está reproduzindo uma imagem sobre as relações amorosas apreendidas em sua história de vida.

- Tuas filhas sabem de seu companheiro?

*Sabem.*

-E o que elas acham?

*A mais velha não gostava muito no começo. Inclusive nem mora mais comigo.*

*Tinha ciúmes e achava que eu gostava mais dele do que delas.*

*Bobagem, né?*

*Porque amor de mãe é diferente, né? É amor de mãe para filho.*

*Aí ela ficou de maior e quis viver a vida dela, né?  
Ela faz faculdade de história, né?*

Em outro momento Maria narra o seu relacionamento amoroso em que estão presentes códigos e convenções apreendidos ao longo de sua vida. Ela emite opiniões baseadas em sua história de vida passada e estabelece comparações com o presente podendo se perceber a reprodução de conceitos e idéias construídas historicamente.

- Você sente dificuldade de conversar sobre prevenção com seu parceiro?  
*Não. É como eu falo para a senhora, acho que não tem perigo, né? Assim, se ele tá só comigo e eu só com ele.*

- Você nunca teve nenhum outro além do seu marido?  
*Meu marido e agora este. Meu marido foi praticamente meu primeiro namorado. Sabe, criado no norte aquele de antigamente. Não é como hoje que as moças tão hoje tá com um e amanhã tão com outro. Nós mais antigas já somos mais reservadas, né?. (risos). Eu mesmo sou muito quadrada nesse ponto. Mesmo que não seja casado tem que respeitar, né?. Não é porque não tem papel assinado que não vai respeitar, né?. Eu falo isso para a minha filha.*

-O que é ser quadrada?  
*Ser quadrada é não aceitar as coisas de hoje a modernidade de hoje. A senhora vê, pouca moça que é casada que tem o sonho que eu tinha de antigamente casava de véu e grinalda. Não tinha esse problema de ficar mãe solteira, acho que é por isso que eu sou quadrada. Eu não aceito essas coisa, entende?. A moça hoje tá com um namorado e amanhã tá com outro. Eu não aceito essas coisas. Ai eu acho que eu sou quadrada.*

\*

\*       \*

Ao analisar o poder e estudar as suas relações, Foucault (1979), preocupou-se não em fundar uma teoria que se instituisse como uma lei e que dessa forma se tornasse enrijecida. Utilizou-se do conceito de dispositivo para entender a manipulação que acontece entre as relações de força, seja para desenvolvê-las em determinada direção, seja para bloqueá-las, para estabilizá-las ou até utilizá-las. Foucault, se vale do termo dispositivo para nomear um conjunto heterogêneo constituído por discursos, instituições, organizações, leis, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer nesses elementos entre os quais existe uma relação discursiva ou não, um tipo de jogo com uma variabilidade de posições muito diferentes e que tem uma função estratégica dominante. “Em suma, os elementos do dispositivo são o dito e o não dito”. (Foucault, 1979, p.244). O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder,

estando no entanto, ligado a uma ou a várias configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. Esse movimento forma um círculo em que a cabeça morde a própria cauda. É neste sentido que as visões de verdade circulam ligadas a sistemas de poder que as produzem e apoiam e a efeitos de poder que elas induzem e reproduzem (Gore, 1999). Nesta perspectiva foucaultiana, Gore ressalta que os regimes de verdade não funcionam apenas vindo dos dominadores sobre os dominados, como pretendem alguns pensadores, mas estão presentes em todos os discursos que circulam socialmente.

Dessa forma, eu argumento que não é apenas em relação aos discursos “dominantes” ou “dominadores” de qualquer sociedade, que faz sentido falar de regimes de verdade. Se o poder e a verdade estão “ligados numa relação circular”, se a verdade existe numa relação de poder e o poder opera em conexão com a verdade, então todos os discursos podem ser vistos funcionando como regimes de verdade (p. 10)

Foucault no texto “O dispositivo da sexualidade”, propõe uma forma de análise das relações do poder, observando que elas não se aplicam apenas ao campo específico das relações entre o poder e o sexo, mas para toda e qualquer relação. Entre as proposições gerais que o autor apresenta, destaco aqui “A instância da regra”, como um dos instrumentos de análise política do poder através da qual ele busca compreender como “o poder age pronunciando a regra: o domínio do poder sobre o sexo seria efetuado através da linguagem. O ato do discurso - a linguagem - criaria um estado de direito” (1985, p.81).

Desconstruir a relação binária entre os gêneros significa problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um. Ao perguntar: “Como você se previne da AIDS?” acredito ter problematizado uma relação amorosa fundada na pretensa dicotomia fidelidade-infidelidade. Como tal problematização foi acolhida pela entrevistada, tendo-se em vista, a mulher internamente fragmentada e dividida entre ser solidária, cúmplice ou opositora? A desconstrução sugere que se busquem os processos e as condições que estabeleceram os termos da polaridade, supõe que se historicize a polaridade e a hierarquia nela implícita. As questões sobre relações amorosas dirigidas às entrevistadas desencadearam um processo desconstrutivo do discurso montado sobre a convivência entre parceiros estáveis. No processo elas puderam revisitar as verdades produzidas e nessa reconstrução pode-se abalar a noção simplista e reduzida de homem dominante e mulher dominada, dicotomia instaurada historicamente como já apontei acima.

A questão da produção da verdade foi abordada por Foucault (1979) ao estudar a sexualidade e as relações sexuais. Seus estudos lhe permitiram considerar que o homem ocidental fabrica e reproduz verdades enunciadas pelo discurso científico. Assim ele não vai simplesmente fabricar prazer, ele vai fabricar verdade. Para o autor, muitos são os fatores e interesses que determinam que um conceito ou enunciado se institucionalize e se incorpore no dia a dia de uma sociedade. Com efeito, o universo dos conceitos tem sua importância, pois sem eles as coisas não teriam a identidade e a permanência para se estabelecerem como tal. Como se estabelecem esses conceitos? O que dá existência e permanência às coisas no mundo da realidade é a linguagem. E, partindo da perspectiva de que a realidade é móvel, inconstante, mutável, como posso considerar que existem afirmações absolutas? Cabe ressaltar que no terreno das análises consideram-se os conceitos absolutos e naturais, apesar deles serem relativos e fabricados. No entanto, pensar sob uma perspectiva foucaultiana não significa que se pode viver sem conceitos. Ou seja, enquanto não se constituem novos conceitos que possam substituir aqueles pré-existentes continuamos a pensar com os existentes, questionando-os e problematizando-os permanentemente, ou dizendo de outra maneira: os conceitos não devem ser tomados como terminais.

Ao problematizar o discurso da fidelidade, penso contribuir para a prevenção do HIV, na medida que ao levantar questões sobre a intimidade amorosa coloco em cheque o discurso de verdade dessas mulheres com parceiro estável. Assim, ficam abertas algumas perguntas: Como foi produzida em mulheres com parceiro estável a fidelidade na constituição da relação amorosa? Como foi instaurado o pacto de fidelidade entre os pares? É possível medir a durabilidade desse pacto? Ou de outra maneira, como as conversas na intimidade costuram os contratos amorosos ao longo da relação? Esse pacto é estabelecido acreditando-se em relações amorosas com regras rígidas e pré-determinadas? Será a confiança recíproca entre os parceiros uma carta de crédito no contrato de fidelidade?

Ao abordar a prevenção da AIDS em mulheres com parceiros fixos como uma questão genérica – Como você se previne da AIDS? – a própria pergunta enuncia o discurso da desconfiança entre os parceiros e de certa forma abala o discurso amoroso. Durante o trabalho de campo pude observar que a pergunta formulada sobre a prevenção e a possibilidade de contrair a doença era recebida pelas entrevistadas com reserva, pois, de

uma certa forma, trazia uma semente de desconfiança, pequena, mas significativa para questionar a relação amorosa, abrindo assim alternativas de produção de outras subjetividades.

Deleuze & Parnet (1998), tratam das nuances que envolvem fidelidade-infidelidade e traição. Eles contrapõem a traição à trapaça considerando que o trapaceiro atua antevendo uma forma de se apropriar de novas conquistas, com intenções prévias de uma nova ordem. Já o traidor trabalha na incerteza dos fatos, se arrisca em busca de uma linha de fuga e desconhece o que poderá advir no seu trajeto de escape. A traição é a forma pela qual o ser humano aposta na aventura, imaginando que os riscos serão mais compensadores do que a estabilidade atual. Para o autor, o traçado de uma linha de fuga utilizado na traição é uma maneira de não se deixar cooptar pelo sistema, é um traçado novo, ainda em criação, não havendo nada mais criativo do que um processo de fuga. A traição não é constituída, estando sempre em movimento, diferente da fidelidade e infidelidade que são regimes de verdade montados pela sociedade como símbolos do vínculo amoroso. No senso comum, freqüentemente, se faz um paralelo entre infidelidade e traição e tal paralelo também foi estabelecido, inúmeras vezes, pelas entrevistadas. Quando as mulheres se referem a traição do parceiro, em verdade elas estão se referindo à quebra do cumprimento do contrato de fidelidade e do esgarçamento da rede de confiança estabelecidos no início do relacionamento. Assim, nota-se na fala de Rita,

-Seu marido não vai à festa sozinho ?

*Não vai a lugar nenhum sozinho .Além do que nós estamos em pleno século 21.Acabou essa história de ficar a dondoquinha em casa lavando e passando. Bom na minha casa isto não acontece, mas. Eu tenho uma cunhada que ela é tão santa tão santa que ela vai para o céu com o zíper e tudo. Meu irmão sai, meu irmão trai, ela não faz nada.*

- O que você acha disto ?

*Acho um absurdo. Se é eu, ele não entra mais em casa. Se eu descobrir que ele me traiu...*

Deleuze & Parnet vêem a fidelidade como algo exterior à determinação de ser fiel, é um pacto, é um acordo que está fora da própria relação mas que pauta a relação, enquanto que a infidelidade, entendida como traição, pode ser uma linha de fuga nas relações insatisfatórias entre os parceiros. Permeando a relação fidelidade-infidelidade encontra-se a idéia de lealdade, algo que está muito mais perto da ética, do valor da subjetividade, do

princípio de vida, onde não é preciso um agente e nem um motivador externo para cultivá-la. Enquanto que a fidelidade supõe uma fixação de conduta entre o par amoroso, a lealdade pressupõe a espontaneidade, a reciprocidade, a igualdade e a ausência de normas e regras externas entre amigos. Ortega (1999) infere uma analogia entre a amizade e a relação amorosa dizendo que a amizade perdura e está pautada na lealdade, enquanto que a relação amorosa está pautada na fidelidade. A amizade é um elo de ligação entre a elaboração individual e a subjetivação coletiva. Ela possibilita experimentar e pensar novas relações sem estar atrelada a formas de relacionamento mais rígidas e desgastadas e como ela é da ordem do inesperado, ela traz algo da transgressão, do risco e do perigo.

As reflexões de Foucault sobre a amizade localizam nela um elemento transgressivo. (...) Ele não se interessa tanto pela função compensatória de amizade quanto pela alternativa que ela representa a formas de relacionamento prescritas e institucionalizadas. Falar de amizade é falar de multiplicidade, intensidade, experimentação, desterritorialização. (...) A amizade representa hoje em dia uma possibilidade de utilizar o espaço aberto pela perda de vínculos orgânicos, de experimentar a multiplicidade de formas de vidas possíveis (Ortega, 1999, p.157).

No desenvolvimento deste trabalho percebi o quanto é difícil tratar temas da intimidade amorosa sem isenção, pois quando as pessoas se envolvem emocionalmente com as paixões do amor estabelecem, nesta relação amorosa, um pacto de confiança e de crença na fidelidade do parceiro e procuram fazer ajustes no cotidiano de suas vivências amorosas para justificar a crença no amor. Não questionam como, em que circunstâncias fidelidade-infidelidade foram traduzidas como um binômio e para que. Continuam vivendo num universo dicotômico e frente ao pacto estabelecido acreditam na fidelidade do parceiro. Foi em um encontro sobre “Intimidades e a Relação Amorosa”, realizado em uma instituição de ensino, que Heloisa trouxe a sua experiência:

*Se eu chegar em casa e falar para o meu marido o que conversamos aqui, primeiro ele vai abrir um bico por um ano achando ou desconfiando de mim, e depois vai passar mais um ano bravo comigo, porque passou pela minha cabeça desconfiar dele.*

Com esse depoimento, Heloisa estava colocando na roda de discussão a impossibilidade de mudança em sua vivência amorosa cotidiana. O fato de ela abrir para discussão, naquele momento, a sua dificuldade de dialogar com o parceiro sobre o assunto

pode ser compreendido como uma forma de problematizar a relação dicotômica historicamente produzida: fidelidade-infidelidade e, ao mesmo tempo, procurar escapar de tal dicotomia, redimensionando os conceitos aprendidos e padronizados em nome da manutenção da felicidade no lar estruturado segundo os padrões sociais.

Claudia, outra participante da reunião, revela que veio quase que por acaso no encontro e que ficou surpresa ao se inteirar da direção que o tema intimidades tomou, pois a infidelidade estava, recentemente, acontecendo em sua vida.

*Fui traída pelo meu marido e estou separada a poucos dias. Ainda estou em trauma, mas tudo que ouvi aqui fez sentido para mim, acho que vim no lugar certo.*

Nas entrevistas com as mulheres pude verificar que a lógica que transforma fidelidade-indidelidade numa relação dicotômica, submete o relacionamento amoroso a uma oposição binária dificultando pensar, ou melhor, problematizar este mesmo relacionamento, como por exemplo, discutir o uso do preservativo, pois esta simples questão gera dúvidas no pacto de fidelidade estabelecido. Assim é que Rita produz uma verdade para sua vida amorosa quando diz que não fica com o companheiro se descobrir que ele foi infiel;

*Ou fica comigo ou está com todas. Porque eu sou fiel. Não é que eu sou dona, nem ninguém é dono de mim. Mas quando você dá fidelidade você tem que receber fidelidade. Quando você se dedica a uma pessoa alguém tem que se dedicar a você. Porque eu tenho que me dedicar a ele e ele a todas? Então, eu penso assim.*

Já Claudinéia no relato sobre seu relacionamento amoroso nem se permitia ter alguma desconfiança a respeito da possibilidade de infidelidade do parceiro, pois como ela define:

*Ar de desconfiança é você ficar desconfiado, e isso é coisa de mulheres e homens que não tendo nada para fazer ficam inventando. Não sei. A gente nunca teve ato de traição, essas coisas todas e também os conhecimentos. Conhecimento sobre traição não tinha.*

- O que você chama ar de desconfiança?

*Ah, você ficar desconfiado. Será que está me traindo? Essas coisas que mulher que não tem o que fazer fica procurando. E homem também.*

Quando a entrevistada Rita, duas filhas e uma relação estável de 10 anos de convivência com seu parceiro, afirma que não usa camisinha em suas relações porque acredita que ele é fiel. Por um lado, ela está sendo regulada por uma construção elaborada a partir da idéia de fidelidade e por outro, ao afirmar que em homem nenhum se pode confiar, ela está regulada por uma outra lógica, construída pela cultura que considera que nenhum homem é fiel. Ambas são regimes de verdade construídas nos pactos do amor romantizado. Em sua fala Rita transfere aos seus 10 anos de casamento e permanência no relacionamento amoroso, o cuidado de si, e mesmo problematizando a fidelidade do homem não faz uso de métodos preventivos em relação ao HIV/AIDS, colocando-se em posição de risco. Parece que a dificuldade em problematizar a relação amorosa está justamente na naturalização da fidelidade num relacionamento estável e, ao mesmo tempo, da infidelidade dos homens como um todo.

A entrevista de Rita reafirma esses elementos contraditórios ao falar sobre a prevenção:

*Não uso nem um método para evitar a AIDS até porque eu sou casada há 10 anos e acredito que o meu marido seja fiel. ....é porque nos homens, não dá para acreditar mas às vezes você cai na besteira de acreditar. A gente tem família, a gente não tem que estar saindo por aí. Além de estar traindo ainda estar arrumando problema. Não sei se entra muito na cabeça dos homens. Porque um homem, ele nunca vai pela razão, ele vai pela emoção.*

Cabe analisar a contradição presente no discurso da entrevistada a partir das idéias de Foucault (1987), ao sugerir que a contradição deve ser trabalhada e descrita como diferentes espaços de divergência no discurso e por isto mesmo não deve ser tratada como um resíduo a ser suprimido para dar coerência aos enunciados ou aparecer sob a forma dicotômica e incompatível. Assim, o saber de Rita quando se refere à fidelidade, acredita que seu homem seja fiel, mas diverge quando se refere à categoria homem em geral, sem rosto. A fala de Rita mostra que a contradição existe enquanto campos de forças e que um não se sobrepõe ao outro e nem deve ser substituído. Foucault aponta para o risco de reconstituir as proposições incombináveis, encarregando-se de dar uma ilusão de unidade coerente ao discurso ao invés de tensionar o campo discursivo, fazendo aparecer as alternativas de saberes.

Tal contradição, longe de ser aparência ou acidente do discurso, longe de ser aquilo de que é preciso libertá-lo para que ele libere, enfim, sua verdade

aberta, constitui a própria lei de sua existência: é a partir dela que ele emerge; é ao mesmo tempo para traduzi-la e superá-la que ele se põe a falar; é para fugir dela, enquanto ela renasce sem cessar através dele, que ele continua e recomeça indefinidamente, é por ela estar sempre aquém dele e por jamais poder contorná-la inteiramente, que ele muda, se metamorfoseia, escapa de si mesmo em sua própria continuidade. A contradição funciona, então, ao longo do discurso, como o princípio de sua historicidade (Foucault, 1987, p.173).

Pode-se também analisar a contradição do discurso de Rita a partir das prescrições de prudência propostas por Foucault, quando fala da regra da polivalência tática dos discursos. Para ele, o discurso do poder é constituído por uma série de segmentos descontínuos, cuja função não precisa ser obrigatoriamente estável e nem coerente, isto é, pode ser muitas vezes contraditório. Existem discursos ambivalentes na fala das mulheres, existem os ditos (o que ela diz) e os não ditos - os silêncios (sentimentos que passam pela cabeça e não são explicitados durante a entrevista). Ao mesmo tempo em que Rita é tolerante com seu homem, se mostra bastante intolerante com o homem genérico. Esse processo de construção aponta como uma mulher casada legítima a fidelidade do parceiro que foi constituída em conformidade com os códigos do amor romântico, os regimes de verdade. Esse comportamento pode ser olhado como produto do discurso historicamente construído da idealização do relacionamento amoroso no ocidente. Cabe-nos perguntar: qual é a lógica que foi construída nessa produção de saber que a faz se sentir segura numa situação de possível exposição ao HIV? Qual é o campo das correlações de força presentes quando se instituiu esse discurso contraditório? A característica do discurso de segurança sinaliza a coexistência de regimes de verdades em que o parceiro é tido como fiel em contraposição aos homens que são considerados, *a priori*, como infiéis. A lógica do amor romanceado, potencializando a fidelidade do parceiro se justapõe ao regime de verdade constituído pela cultura que trata a infidelidade masculina como natural, verdades que foram evidenciadas durante a entrevista, tensionando o campo dos saberes.

O relacionamento amoroso de Rita foi constituído por um discurso – um regime de verdade – baseado no tripé: crença, confiança e fidelidade. Então, pergunto por que o discurso da desconfiança fica mascarado na situação de infidelidade? Seria porque entra em choque com os códigos do amor inseridos num regime de verdade pautado na confiança, uma vez que a desconfiança abala esse discurso?

Várias outras entrevistadas evidenciaram a questão contraditória com relação ao par fidelidade-infidelidade. Claudinéia, se por um lado, enquanto foi casada (10 anos), afirma nunca ter transado com preservativo, depois da separação, quando teve outro relacionamento, passou a fazer uso desse contraceptivo, argumentando não conhecer bem o parceiro. Nesses dois discursos justapostos o que conta é o tempo de relacionamento, como se o tempo estabelecesse um manto de proteção, preservando a mulher da possível contaminação. Se o relacionamento é longo ele é considerado fiel e confiável. Na linha da relação amorosa o tempo de convivência é reconhecido como o crédito de um investimento contábil do passado resgatado para a dimensão do presente como se a quantidade temporal do relacionamento fosse avalista na constituição da fidelidade do parceiro.

Uma outra forma de compreender a confiança que as mulheres depositam em seus relacionamentos pode ser entendida quando elas compõem, não apenas o par fidelidade-infidelidade, mas, também, a tríade lealdade-fidelidade-amizade. A confiança expressa nesta tríade pode ser um dos paradigmas que permeia a fala de Claudinéia, e possivelmente de muitas outras que não entrevistei.

Cabe então a pergunta: O que é confiar? O filme “Confiança”, de Hal Hartley pode nos ajudar a entender essa idéia. O filme apresenta a história do relacionamento entre uma mulher e um homem – Maria e Mattew - para abordar aquilo que o diretor entende por confiança. Mattew, um jovem americano controverso, engenheiro, morando em uma pequena cidade do leste americano, anda literalmente com uma granada no bolso do casaco e Maria, uma garota tipicamente americana, considerada rebelde pela comunidade que pertence. Logo no início do filme somos colocados diante de uma situação cheque: a protagonista Maria, após contar que está grávida do namorado vê seu pai cair morto de enfarto. Maria é expulsa de casa, abandonada pelo namorado e nesse momento cruza com Matthew, que havia perdido o emprego. Nesse desmoronar de garantias na vida os dois jovens começam um relacionamento, no início com desconfianças, mas à medida que suas vidas cotidianas vão se entrecruzando os jovens se defrontam com vários movimentos conflituosos tanto exteriores como interiores. Nesse campo tenso, Maria e Mattew experimentam uma convivência em que vai se constituindo a confiança entre eles, mostrada pelo diretor, numa cena em que Maria se lança perigosamente de um muro e é imediatamente amparada por Mattew. Ela lhe agradece pela conquista da confiança que

passou a ter e pede a ele que também experimente essa confiança. O rapaz manifesta este sentimento ao entregar a Maria a granada que carregava todo o tempo. Rolnik (não publicado) ao fazer uma leitura do filme, aborda o entrelaçamento de forças que são colocadas ao longo da trama; a mesmice dos personagens e seu medo de sair desse lugar caracterizado pela força da homogeneização que move as pessoas. Este pólo tem seu suporte na fé em um futuro hipotético que dá idéia de estabilidade. Mas Rolnik analisa que no filme, em um outro pólo está a crença em um devir, movido pela perda de fé no futuro idealizado. É no desencanto das soluções do senso comum que se viabilizam forças para se criar uma linha singular, a da confiança e coragem para sair do lugar comum e assim poder decidir. Maria e Matthew, que se encontram no fundo do poço nas relações sociais, ao se conhecerem, desenvolvem a confiança em meio a buscas de saídas do seu cotidiano.

No caso das entrevistadas e com relação à prevenção ao HIV acredito que a estabilidade que representa o casamento, idéia recorrente tanto entre homens como entre mulheres, muitas vezes impede o diálogo mais íntimo entre os parceiros para os quais qualquer suspeita pode quebrar a confiança neste relacionamento, uma vez que esta foi construída a partir de padrões sociais pré-estabelecidos, dificultando encontrar novos caminhos e subjetividades.

Outro aspecto que o diretor aborda no filme é a decisão de alguém que perdeu a fé na ordem estabelecida e que não vê soluções no devir e nesta força difusa acaba por ser comandado por uma vontade ativa de destruição, já que não há nada a ser colocado no lugar de uma fé idealizada. Assim, Hartley destaca a decisão de confiar, na linha da crença e ligada à idéia de instabilidade daquilo que pode advir pela frente.

Pode-se ilustrar nessa linha da fé citada por Rolnik, num futuro hipotético e que dá idéia de estabilidade, a fala de Claudinéia quando, comenta a respeito do medo de se expor ao *ficar num relacionamento* e que a despeito de suas desconfianças, espera encontrar um parceiro com atributos que confirme sua fé:

*As vezes a imagem acaba mascarando muitas coisas, né?  
Porque muitas mulheres não sabem que os parceiros andam com  
outras mulheres. E eles têm uma imagem de parceiras, não tem  
isso?*

*- É, não sei. Você fala que não se pode confiar nos parceiros?  
Ah, eu ainda acredito que há casais honestos.*

- Sim, eu não estou dizendo que não há.

*Eu ainda posso encontrar essa pessoa. Que você possa se completar. Porque se você se completa, você tem uma convivência legal ta! Um relacionamento que você tem vontade de estar junto, acho que não tem necessidade da pessoa ir lá para fora. Mesmo que as outras pessoas venham, ela sabe, se controla, porque tem uma pessoa. Eu acho que ainda existe isso. Lógico que tem que procurar muito intensamente, mas existe isso. Eu acredito que existe.*

Em alguns momentos as mulheres usam de preceitos excludentes para se expressar, sobre prevenção ao HIV, como o faz Maria de Jesus:

*...para se prevenir da AIDS tem duas formas: transar usando sempre camisinha ou não transar com ninguém, pois é aí que mora o perigo.*

No entanto ela se desvia dessa fala ao relatar que o parceiro não usa preservativo porque tem certeza de que ele não mantém outras relações sexuais:

*...quando eu o conheci ele nunca tinha tido mulher. Não era agora que ele ia arrumar mulher.*

Maria de Jesus acredita que a virgindade antes do casamento representa atestado de fidelidade pós-matrimônio. Esta maneira de tratar a questão do risco de AIDS nas experiências sexuais, foi ilustrada em Pimenta (2003) quando uma das mulheres, de um grupo de discussão que organizou, para também colher seus depoimentos, diz que “aliança não é camisinha”, ressignificando assim, como proceder com o companheiro em relação ao casamento.

A questão da fidelidade-infidelidade também está presente na fala de Roseli, mãe de um casal de filhos de 23 e 13 anos. O primeiro filho foi fruto de um namoro eventual na juventude e o segundo nasceu após um relacionamento amoroso temporário de alguns anos. Ela está com o atual parceiro há cinco anos e já havia sido noiva dele, anteriormente. Quando Roseli fez exame de papanicolau na UBS Paulo Eiró, foi detectada uma infecção e por isso foi encaminhada para exames de colposcopia e colonoscopia. Estava amedrontada e receosa sobre o que poderia advir desse resultado, levantando suposições que talvez pudesse ter contraído alguma doença grave, estabelecendo uma cadeia de contágio da ex-mulher do atual parceiro para ele e na seqüência para ela própria. Ela diz:

*...eu nunca tive nada, eu sempre me cuido..... por mim usaria preservativo, porque mulher nenhuma confia em homem, mas acaba usando só de vez em quando, pois nenhum homem gosta, não só o seu.. Porque mulher nenhuma confia em homem, né? Ta para nascer mulher que confia no seu homem, né? É os homens que não gostam de camisinha, não é a gente. A gente fala para usar camisinha, tem que usar, tem que usar e eles não. Eu uso, mas de vez em quando, mas o certo é usar, né? Eu tava pensando isso essa semana. Mas ele não gosta. Homem nenhum gosta de camisinha. É difícil falar que gosta. Quando é parceiro, que mora junto, eles não gostam. “Porque usar camisinha sou seu marido? Eu não vou usar camisinha, sou seu marido”. Assim que eles falam. Não é só o meu, os das minhas amigas, todos falam.*

Esse depoimento mostra que as mulheres conversam entre si e com seus maridos sobre a utilização de contraceptivos, mas as pessoas que estão à sua volta também estão sobre o código do amor romantizado e da mesma forma acreditam que estão sob a proteção desse sentimento, não problematizando a questão.

No emaranhado de controvérsias, contradições, ambivalências, dicotomias, descontinuidades do discurso da mulher sobre as relações sexuais podemos refletir

Acontece que a vida é infidelidade a normas e disso não escapa nenhum engenho humano. Insistindo em ser o mesmo em um mundo que se tornou outro, o ideal amoroso fez explodir contradições latentes em sua história cultural. Costa (1999, p.18).

\*

\* \*

Pensar na possibilidade de mudança na vida sexual amorosa ou sentimental da mulher com o objetivo de exercitar a prevenção ao HIV/AIDS, entendo ser necessário refletir sobre o amor-paixão romântico, inventado e idealizado no ocidente, como mito da máxima felicidade a que se pode almejar. Esse amor romântico, inventado no final do século XVIII, está associado a práticas disciplinadoras e repressoras do sexo na medida que estabelece padrões de sofrimento que direcionam as práticas amorosas.

A questão da repressão sexual, vista por Foucault em sua genealogia, é trabalhada como objeto de controle. Ele mostra como no ocidente o sexo não só é visto como uma produção de prazer, mas também como fabricação de verdade e de uma prática de produções de discursos de verdade que de tanto serem repetidos, seus significados não são mais debatidos e muito menos o contexto em que surgiram. Nos discursos e falas as

entrevistadas acreditam que o parceiro diz a verdade, assim como elas dizem a verdade a ele, confiam nele e são fiéis a ele, exigindo em troca, fidelidade.

Estudando a produção do sujeito na modernidade, Foucault dissocia a relação entre amor e sexo e desloca a questão do sexo para uma reflexão sobre a amizade como estratégia alternativa para as pessoas escaparem das regras e normas de aprisionamento do amor paixão romantizado, elaborando novas escolhas criativas (Foucault apud Costa, 1999). A partir dessa reflexão, Foucault pensou numa nova forma de existência com relação à sexualidade que permitisse uma alternativa mais dinâmica, mais livre para as tradicionais e desgastadas formas de relacionamento.

A ética da amizade aponta para a intensificação da experimentação. A experimentação como fundamento ético concentra-se na percepção e no aumento do prazer próprio e do outro (do amigo), em vez de numa hermenêutica do desejo. Para Foucault, a amizade representa uma relação com o outro que não tem a forma de unanimidade consensual nem de violência direta. Trata-se de uma relação agonística, oposta a um antagonismo essencial, uma relação que é ao mesmo tempo incitação mútua e luta, tratando-se não tanto de uma oposição frente a frente quanto de uma provocação contínua. Relações agonísticas são relações livres que apontam para o desafio e para a incitação recíproca e não para a submissão ao outro (Ortega, 1999, p.168)

O padrão de felicidade associada ao prazer construído pela sociedade ocidental também pode ser considerado uma metanarrativa na medida em que a felicidade torna-se uma obrigação a ser perseguida, pois quando não é atingida acaba gerando infelicidade. A felicidade se tornou uma contínua escalada comandada pelo desejo de posse, passando de um objeto para o outro. No mundo contemporâneo o amor expresso a partir da cultura cristã saiu do topo da pirâmide e cedeu lugar ao desejo.

A época moderna opera um duplo movimento em que o amor passa de filho do desejo para produto do prazer. O amor é visto como algo que, naturalmente, nos constitui, estando dentro, porém, independente de nós e acima de nossa vontade. É algo que se procura constantemente e nunca se alcança, processo que contribui para a sensação de frustração, capa vestida pelo homem tecnológico, solitário, individualista do final do século XX. Acredito que nos dias atuais as imagens do amor e do sexo são montadas sobre os preceitos do amor romantizado e ao mesmo tempo, superpostas às necessidades forjadas

pela pós-modernidade, e expressas sob a forma de esculpir o físico, aparentar jovialidade, considerar os bens descartáveis, valorizar o instante, ignorar a morte.

Na sociedade contemporânea não se mantém a idealização do amor e não se dá tempo para lamentar ou imaginar amores sofridos, semelhantes àquele cultuado pelo romantismo amoroso ou pelo amor cortês. Nem por isso desistimos de fazer grandes empenhos e investimentos em nossa vida por conta do ideal de amor inventado no passado e adotado como uma salvação para os males da vida moderna. As mulheres atuais almejam amores romantizados, duráveis, protetores, eternos, mas ao mesmo tempo esperam gozar de liberdade para escolher o que lhes agrada desacomodadas de compromissos engessadores, divididas entre a vontade de independência e o desejo de fusão ideal.

Conforme Radway

as mulheres das novelas românticas modernas são, na sua maioria, independentes e corajosas e têm sido consistentemente retratadas deste modo. A heroína encontra e entenece o coração de um homem que inicialmente se mostra indiferente e distante dela, ou ainda abertamente hostil. A heroína então ativamente produz amor. O seu amor faz com que ela seja amada, dissolve a indiferença do outro e substitui o antagonismo por devoção. (apud Giddens, 1993; XXX),

No início do relacionamento amoroso a mulher, embora se coloque aparentemente passiva expressa grande capacidade de criação no cenário onde articula situações que possam levá-la ao seu objetivo - conquistar seu parceiro. Quando me reporto às mulheres entrevistadas constato como elas também são contraditórias nos seus discursos e ações, mostrando-se independentes e decididas em algumas situações, mas ao mesmo tempo frágeis, dependentes não só do parceiro como do meio social em que vivem. Diante desses contrastes entre poder e submissão, encontram-se mulheres que ao mesmo tempo em que procuram parecer belas aos olhos do parceiro sentem dificuldade de negociar com ele o uso de métodos contraceptivos em nome de uma menor erotização do ato sexual, sem se dar conta que podem ser alvo de um vírus sexualmente transmissível que posteriormente pode lhes tirar a beleza e talvez a vida.

A história da sedução não é só uma história de violências sofridas e de sujeição à fantasia dos homens. É também a história de como, nas margens das fábricas e dos escritórios, as mulheres conseguiram resguardar um tempo e um lugar para as paixões ou para as vontades marotas. O preço da sedução,

do espartilho ao silicone, não é só o preço pago pelas mulheres submissas ao desejo masculino é, também, o custo de um projeto, o preço que elas pagam por querer que a vida seja diferente, menos pobre e menos aborrecida. Calligaris (2004, F.S.P.I p. 8).

Quando as mulheres desta pesquisa falam das razões pelas quais não usam preservativos com seus parceiros estáveis na prevenção do HIV, procuro entender como se produziu nelas o pensar e agir segundo as regras do amor romantizado. Nesse trabalho de escavação, questionando as mulheres entrevistadas por meio de perguntas pontuais pude perceber como seu saber e fazer foram produzidos. Ao introduzir a pergunta: Você usa preservativo com seu parceiro amoroso? suscitei uma problematização da sua vida amorosa. Lancei dúvidas antes insuspeitáveis para elas e penso que essa pode ter sido uma forma delas ganharem liberdade, porque tais questões podem ser geradoras de práticas e significações diversas, produzindo novas identidades e novas relações de poder, uma vez que os questionamentos podem tirá-la do equilíbrio estático e deixá-la no limite. Limite que permite sempre estar se modificando ao estar aberta para o entendimento da produção dessa forma romanceada de amar.

Hunt (apud Costa, 1999) analisa o romantismo americano que denomina de prosaico, reverso do amor romântico, e vai desconstruindo cada um dos quatro preceitos idealizados sobre ele. O primeiro deles ilustra a teoria que só existe uma pessoa certa no mundo à espera do candidato à paixão amorosa, mas pondera que tal pessoa certa pode ser encontrada na vizinhança. Imaginar que a pessoa que se ama é uma pessoa do mundo pode até tornar a emoção amorosa mais forte e dramática, mas o encontro é freqüentemente uma causalidade nas proximidades de onde as pessoas moram, estudam ou trabalham. Pude observar essa possibilidade de encontro entre dois parceiros amorosos que são vizinhos em um bairro de São Paulo. Maria de Jesus, uma das entrevistadas, riu ao ser indagada sobre como conheceu o parceiro atual e disse que era uma longa história...

*Eu era inquilina dele, quando meu marido era vivo. Meu marido faleceu depois de um ano e três meses, aí a gente começou a se gostar. Só que a gente não mora junto. Ele mora na mesma casa que morava com o pai e uma irmã porque ele é solteirão e eu moro na casa que é dele.*

O segundo preceito fala do apaixonar-se como algo intempestivo. Hunt avalia que existe uma série de tateios, rodeios, conhecimentos preliminares e anteriores que permitem que se estabeleça uma confiança recíproca entre os enamorados. Continuando seu relato, Maria de Jesus afirma que só começou a gostar do parceiro porque, além dele, conheceu o pai, a família, e também porque ele tinha qualidades que ela admirava, como ser pessoa caseira, gostar do serviço de casa e ser ordeiro.

O terceiro preceito fala que o amor é cego às imperfeições do amado. Hunt.(apud Costa 1999) em suas pesquisas diz que o americano em suas escolhas amorosas busca o companheirismo, mais apropriado a suprir suas necessidades, do que alguém semelhante a um mito idealizado. Como podemos perceber através da fala reflexiva de Rita ao nos contar sobre a história do seu relacionamento com seu marido que ocorreu em paralelo a sua trajetória de migração da Bahia para S.Paulo, com idas e vindas, até se estabelecerem na cidade de S.Paulo.

- Você fala de bens materiais?

*Isso mesmo. Hoje em dia quase ninguém tem casa própria. A pessoa que consegue uma casa própria tem que ser aqui, porque na Bahia não tem como conseguir nada. Por isso que eu digo se eu tivesse pensado bem eu teria ficado aqui na época. Se eu não tivesse ficado tão mimada.*

- Você acha que você é mimada?

*Não é que eu sou, eu fui mimada. Porque minha vida antes do Manoel não foi tão fácil assim, porque a minha mãe teve 7 filhos, meu pai a abandonou com as crianças, metade da gente ainda era pequeno. Então quando eu conheci o Manoel ele passou a me mimar muito. Fazia as minhas vontades. Na gravidez da Gabriela ele não me deixava fazer nada. Não pode fazer isso, não pode fazer aquilo. Falava que eu não podia lavar roupa, fazer comida coisa assim. Como ele sempre falou, ele me pegou para criar.*

- Ele é muito mais velho que você?

*Só 9 anos, eu não acho muito. Então ele sempre me mimou. A minha mãe sempre falou: você vai acabar estragando a Rita porque ela vai querer sempre ser mimada. Ai ele falava que não. Eu nunca trabalhei fora. Ele não me deixa faltar nada do básico, o necessário. Então quer dizer, aqui dá para viver, agora lá não dá. Por isso que eu digo, se fosse hoje eu não teria voltado. Teria continuado aqui e teria conseguido me estabelecer mais cedo. Não teria ficado um longe do outro, essas coisas é muito complicado.*

Neste pequeno relato Rita descreve seu parceiro como um protetor, um amigo, um companheiro que procura poupá-la das dificuldades da vida. Alguém que a ama. Ela considera o marido como um companheiro diferente de seu pai, que abandonou a família, a

mãe e os filhos, deixando-os em situação difícil. No entanto, ela não deixa de apontar os excessivos mimos que recebe, e que refletem como complicadores em seu cotidiano.

Hunt acrescenta um quarto preceito em que diz que o amor tudo vence, mas, quando ocorrem os desajustes o que sucede mesmo é que qualquer coisa vence o amor. Por esses motivos muitos estudiosos invocam o amor conjugal como substituto, contrário ao amor romântico;

O amor apaixonado é marcado por uma urgência que o coloca à parte das rotinas da vida cotidiana, com a qual, na verdade ele tende a se conflitar. O envolvimento emocional com o outro é invasivo - tão forte que pode levar o indivíduo, ou ambos os indivíduos, a ignorar as suas obrigações habituais... Difícilmente surpreende que o amor apaixonado não tenha sido em parte alguma reconhecido como uma base necessária ou suficiente para o casamento, e na maior parte das culturas tenha sido refratário a ele....Evidentemente, isto jamais esteve relacionado ao casamento. A maior parte das civilizações parece ter criado histórias e mitos que carregam a mensagem de que aqueles que buscam criar ligações permanentes devido a um amor apaixonado são condenados Giddens (1993 p.48-49).

Claudinéia em sua entrevista parece acreditar num amor que tudo vence quando diz:

*Eu ainda posso encontrar essa pessoa que possa me completar.  
Ter uma convivência legal, um relacionamento que você tem vontade de estar junto, acho que não tem necessidade da pessoa ir lá para fora.  
Mesmo que as outras pessoas venham, ela se controla, porque tem uma pessoa. Eu acho que ainda existe isso. Lógico que tem que procurar muito intensamente, mas existe isso. Eu acredito que existe.*

Mas a resposta à pergunta de por que ela e o marido se separaram, mostra que as diferenças de objetivo de vida podem acabar com o relacionamento.

*Ele é muito sossegado. Sempre trabalhei, sempre tive perspectiva de vida.  
Ele não, é uma pessoa muito sossegada. Ganha hoje, come hoje, não pensa no amanhã, e está tudo bem. Não pensa em crescer, estudar, batalhar.*

Por fim, conclui Hunt,

o amor romântico pode não ser a última e melhor maneira de escolher um parceiro, mas é a única de que dispõe o homem moderno (...) a despeito de suas tolices e desilusões, divórcios e infidelidades, todos supostamente tidos como conseqüências do amor romântico, sem ele o homem e a mulher moderna não encontrariam um no outro aquela única, frágil e difícil mistura de protetor e protegido, pais e filhos, conforto e tentação, amigo e amante que é atualmente implícita na palavra marido e na palavra mulher. (apud Costa, 1998, p.151)

Com relação às mulheres entrevistadas não pretendo ditar normas de conduta, mas questionar em que medida os traços do amor romantizados, presentes ainda na sociedade pós-moderna, contribuem para que mulheres com parceiro fixo não se previnam sexualmente do vírus.

Pesquisar a relação amorosa das entrevistadas com parceiro fixo e as práticas preventivas em relação ao HIV é também investigar a questão do amor com seus emblemas vinculados aos padrões do amor romantizado, apesar das transformações voláteis capturadas pela vida moderna. Foi produzida ao longo dos tempos, uma verdade essencial, como padrão de felicidade na vida amorosa: realizar-se afetivamente supõe a herança da moralidade cristã na crença e confiança na fidelidade do parceiro. Estas fabricações de verdade estão enlaçadas nos discursos das entrevistadas, às vezes em superposição e outras vezes em contradição, com as vicissitudes que o cotidiano da vida moderna imprime. O preço a pagar por essa maneira de renunciar a uma maneira mais solta e livre de trocar amorosamente com o parceiro, nos dias atuais, é o risco de nesta cegueira nem se perceber em risco de contrair o HIV. Ao questionar nas entrevistas, sobre o uso de preservativo nesta relação estável, adentro em uma zona de não território, aberta a novas alternativas mais livres para pensar estas relações.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estratégias das campanhas de prevenção ao HIV-AIDS dirigidas às mulheres com parceiro estável, não têm atingido plenamente essa parcela da população o que me levou a caminhos investigativos sobre o imaginário feminino, a sua relação com o amor e as formas de envolvimento amoroso que constituem seu cotidiano. Acredito que um dos motivos que levam a dificuldade da aplicação dos conhecimentos sobre a forma de transmissão do HIV em mulheres está relacionada a outros fatores que não aqueles envolvidos com a AIDS “real”, ou seja fatores como os preconceitos e a maneira excludente de se perceber em risco.

Ao procurar outros caminhos, para entender esses fatos, encontrei fronteiras que envolvem a relação amorosa – fidelidade-infidelidade, questões de gênero e relações dos códigos do amor – que podem ajudar a compreender o aumento crescente de casos de AIDS na população do sexo feminino nos últimos anos.

Os relatos de mulheres com parceiro fixo e supostamente soronegativas permitiram levantar algumas reflexões a respeito do universo feminino em relação à AIDS. Reflexões que cruzadas com o referencial teórico iluminaram os caminhos da análise como lanternas para compreender as trilhas da mulher na sociedade pós-moderna.

A subjetividade da mulher pós-moderna convive com uma multiplicidade de forças e se encontra pressionada pela realidade fabricada na crença da fidelidade, pelas certezas na confiança no parceiro, como um território que não permite a dúvida e pelas incertezas e possibilidades de infidelidade. A intimidade é um terreno que a linguagem não alcança, mas possibilita o espaço do indizível, espaço inacessível a linguagem que abre a perspectiva de um deslize de que se podem pressentir indícios, nas falas das entrevistadas. A opção de olhar as relações entre parceiros estáveis pelo ângulo da subjetividade feminina possibilitou resvalar pelo território da intimidade para entender as dinâmicas implicadas no risco de contrair o HIV com o companheiro amoroso.

A análise do discurso amoroso e a forma como foi se constituindo através dos tempos mostrou que, na sociedade atual, a experiência amorosa se transformou numa

contabilidade das perdas e ganhos entre os parceiros e o amor romântico tal como era vivenciado no século XVIII não existe mais. No entanto, atribuir crença e confiança na fidelidade do parceiro à maneira romântica, é fato que ainda persiste e convive lado a lado com situações decorrentes dos tempos modernos, como, por exemplo, a incidência do HIV em mulheres com parceiros estáveis.

A questão do controle das paixões aparece em pensadores ocidentais como um pêndulo que oscila entre as nossas possibilidades de dominar e orientar nossos afetos e a impotência da razão e vontade diante delas. O amor romântico inventado no século XVIII, que traz a fidelidade como regime de verdade, embora tenha sido utilizado e banalizado pelos meios de comunicação, ainda hoje é uma expectativa no relacionamento amoroso. A manutenção desse regime de verdade na era da Internet e dos relacionamentos fluidos, virtuais, se constitui em um paradoxo difícil de ser compreendido, admitido e discutido pelos parceiros e acaba contribuindo de maneira indireta para a disseminação do HIV nos relacionamentos estáveis. Padrões sociais pré-estabelecidos como confiança e crença na fidelidade entre casais parecem não estimular diálogos sobre o tema entre os parceiros, inibindo a produção de outras subjetividades. Nessa relação amorosa o subjetivo feminino pressupõe confiança em seu parceiro e renuncia à prevenção em nome do amor. É pertinente lembrar que as relações amorosas são vias de duas mãos e o parceiro masculino, embora de um outro lugar, também está capturado neste contexto relacional.

Trazer o discurso do HIV ou a pergunta sobre o uso de preservativo é também problematizar a intimidade da relação. Nos discursos das entrevistadas sobre o relacionamento amoroso encontrei com frequência falas incisivas, confiantes e ao mesmo tempo inseguras que me fizeram refletir sobre espaços que permitem pensar maneiras mais criativas de vivenciar a relação amorosa. Na coreografia amorosa, assim como no viver, as certezas deslizam, fazem e se refazem e podem, inclusive, se desfazer e se desenhar como incertezas, dúvidas. Embora a mulher relute em aceitar mudanças no relacionamento é nesta movimentação que as certezas dão lugar às incertezas e desconfianças. Tal mobilidade lança os parceiros amorosos a lugares e experiências da singularidade que lhe permitam constituir novos pactos.

As entrevistas também mostraram o quanto, simples colocações sobre o uso da camisinha suscitavam dúvidas e desconfianças sobre a fidelidade e também assumiam um

caráter invasivo, provocando reações de abalo na relação amorosa. Tais reações revelam como é ameaçador, frágil e ao mesmo tempo protegido esse regime de verdade. Ao questionar esse jeito de amar na nossa sociedade, penso contribuir na prevenção de contrair o vírus do HIV.

Uma maneira de se pensar as relações amorosas estáveis nos tempos incertos da contemporaneidade poderia ser a concepção de vazio proposta por Foucault ao pautar a ética da amizade como possibilidades de experimentar outras maneiras de relacionamento mais criativas, outras invenções de convívio com o outro, e trazer para a intimidade do casal a percepção da infidelidade.

A idéia de programa “vazio” tem uma central importância na ética foucaultiana. Propor um programa traz consigo a normatização de determinados modos de existência. A noção de “programa vazio” é interessante porque conserva somente a forma, a idéia (neste caso a invenção possível de novos tipos de relações), criando uma “cavidade” que pode ser preenchida em cada caso, segundo o indivíduo, de forma diferente. Ortega (1999, p.167)

Espero que este trabalho possa adicionar questões e dúvidas mais do que respostas sobre como se prevenir do HIV nas relações amorosas, fornecendo ao leitor, um instrumento de reflexão e análise. Que o caminho seja, a exemplo do que coloca Rolnik, uma desterritorialização das certezas e verdades herdadas de uma forma de amar que já não cabe em tempos de HIV/AIDS, possibilitando relações amorosas mais criativas como brechas para experimentação. Uma cumplicidade criadora de um campo de intimidade. “Em vez de segredinhos para serem falados e interpretados, uma intimidade articulada à fidelidade com os processos e movimentos da vida.” Chillemi 2003 p.172

No mundo contemporâneo, há que se correr riscos na vivência de outras formas de relação amorosa que permitam rever pactos e que o elo de confiança na fidelidade possa se deslocar e aproximar de uma relação de lealdade, que não pressupõe pactos tão enrijecidos. Neste insólito mundo contemporâneo estamos cercados de incertezas, no trabalho, na vida e também na relação amorosa, mas como as entrevistadas, recorreremos e investimos na relação como sendo um território protegido de engodos, distante das mudanças da vida moderna transitória. Trata-se de buscar outros paradigmas, do que significa se relacionar e assim capturar novas possibilidades de amar.

Pensando assim, não proponho desfazer ou negar os sentimentos de intimidade amorosa e confiança estabelecido ou de instaurar um outro discurso, e sim refletir sobre tais sentimentos em um mundo que já não é o mesmo de quando foi inventado o amor romântico.

Este trabalho pretende perturbar a maneira de pensar a crença e confiança na fidelidade do parceiro ao colocar esse território das intimidades para reflexão, e assim, deslocar o equilíbrio conhecido para outras combinações de intimidades singulares que possam incluir a percepção do risco de contrair o HIV. É nesta singularidade que se podem abrir perspectivas narrativas onde o casal possa inventar novas constituições.

Minha experiência ao trilhar esta pesquisa, possibilitou viajar por territórios desconhecidos e estrangeiros à minha formação me proporcionando um aprendizado multidisciplinar e me lançando questionamentos a respeito das formas de amar. Certamente quando dei o mergulho para entender “A Constituição do Feminino e a AIDS”, pretendia abordar um mundo de observações e perguntas que pululavam a minha frente e que faziam parte da minha subjetividade e da minha formação. Hoje, após este percurso, em busca das palavras que pudessem melhor traduzir aquilo que eu queria dizer, percebo que muitas vezes elas escapam e voam, parecendo ganhar liberdade própria em contato com o leitor. O que posso dizer da minha experiência com a escrita é que ela me possibilitou ser uma incansável observadora de mim mesma e que junto com o mergulho no tema houve um mergulho para dentro de mim, em minha vida, meus filhos, meus amores, minhas possibilidades de amar. Certamente pensar na subjetividade feminina é também pensar na minha subjetividade.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. São Paulo: Círculo do livro, s/d.
- AYRES, J.R.C.M. Vulnerabilidade e prevenção em tempos de AIDS. In: BARBOSA, R.M. e PARKER, R. (org.) **Sexualidades pelo avesso**: Direito, identidades e poder. Rio de Janeiro: IMS/UERJ Editora 34, 1999, p. 49-72.
- BARBOSA, Regina. M. Feminismo e AIDS. In: PARKER, R. e GALVÃO, J. (org.) **Quebrando o silêncio** – mulheres e AIDS no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará – ABIA, IMS/UERJ, 1996, p. 153-168.
- BARBOSA, Regina M. e VILLELA, W. A trajetória feminina da AIDS. In: PARKER, R. E. GALVÃO, J. (org.) **Quebrando o silêncio** - mulheres e Aids no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará – ABIA, IMS/UERJ, 1996. P. 17-33.
- BARBOSA, Regina M. Negociação sexual ou sexo negociado? Poder, gênero e sexualidade em tempos de Aids. In: BARBOSA, R.M. e PARKER, R. (org.) **Sexualidades pelo avesso**: Direito, Identidades e Poder. Rio de Janeiro: IMS/UERJ Editora 34, 1999, p.73-88
- BLIKSTEIN, Isidoro. **Kaspar Hauser ou a fabricação da Realidade**. São Paulo: Cultrix, 1985
- BORGES, Nina.R.A.C. **Mulheres e Aids**: refletindo sobre o risco. Campinas, SP: Faculdade de Educação da UNICAMP, 1999. (Dissertação de Mestrado)
- BRITO, I. **Desafios da prevenção do HIV/AIDS no contexto transcultural**. In: Boletim Epidemiológico – AIDS – Ministério da Saúde . Ano XI, nº2 , maio, 1998.
- BUTLER, Judith. **Fundamentos Contingentes**: O feminismo e a questão do pós-modernismo. Cadernos Pagú (11) 1998: p.11-42.
- CALLIGARIS, Contardo. **Admiráveis Mulheres**, Folha de São Paulo - Ilustrada, 25-03-2004.
- CAMARGO, Ana M.F. **A AIDS e a sociedade contemporânea**: estudos e histórias de vida. São Paulo: Letras e Letras, 1994, p. 15–25.
- CHILLEMI, Margaret M. **Tirando a Poeira da Palavra Amor**: Experimentações no cinema e na clínica, Tese de Doutorado, PUC, São Paulo: 2003.
- CORRÊA, Mariza. A Natureza Imaginária do Gênero na História da Antropologia –Texto de Introdução da pesquisa Antropologia e Antropólogas no Brasil. In: **Cadernos Pagu** Campinas: UNICAMP, 1995, p. 109-130.
- COSTA, Claudia L. O sujeito no feminino: revisitando os debates. **Cadernos Pagu** (19) 2002: p. 59-90.
- COSTA, Mariza V.(org.) **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- COSTA, Jurandir. F. O sujeito em Foucault: estética da existência ou experimento moral? **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 6(1-2); 121-138, outubro de 1995.

- COSTA, Jurandir. F. **Sem fraude nem Favor: estudos sobre o amor romântico.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- COSTA, R.G. De Clonagens e de Paternidades: as encruzilhadas do gênero. In: **Cadernos Pagu – Trajetórias do gênero, masculinidades.** Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1998.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica.** Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Editora 34, vol. Três, 1996.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Kafka** Por uma Literatura Menor. Tradução: Julio Castañon Guimarães. R.J.: Imago Editora, 1977.
- DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos.** Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- DREYFUS, Hubert L. **Michel Foucault, Uma Trajetória Filosófica:** Para além do estruturalismo e da hermenêutica Hubert Dreyfus, Paul Rabinow; tradução: Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte,** Lisboa: Editorial Estampa, 1987.
- FONTES, Joaquim B. **Poética do Fragmento:** Safo de Lesbos. Belém: Cadernos IAP, 8, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade (I):** A vontade de saber Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade (2):** O Uso dos Prazeres. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade (3):** O Cuidado de Si. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Tecnologias Del Yo.** Barcelona: Ediciones Paidòs Ibérica, 1990.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas. Tradução: Salma Tannus Muchail. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Problematização do Sujeito:** Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Tradução: Vera Lucia Avellar Ribeiro; organização e seleção de textos, Manoel Barros da Motta.- coleção Ditos & Escritos I. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 8ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002

FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud** Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

GINZBURG, Carl. **Mitos, Emblemas, Sinais**: Morfologia e História. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOLDSTEIN, D. O lugar da mulher no discurso sobre AIDS no Brasil. In: Parker, R. e Galvão, J. (org.) **Quebrando o silêncio** – mulheres e AIDS no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará – ABIA,IMS/UERJ, 1996, p.137-152.

GORE, Jennifer. Michel Foucault e educação: fascinantes desafios. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999, p. 9-20

GRANJEIRO, A. O perfil sócio econômico dos casos de AIDS da cidade de São Paulo. In: Parker, R. et all (org.) **AIDS no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

GUATTARI, Félix. Linguagem, Consciência e Sociedade. In: Lancetti, Antonio. **SaúdeLoucura 2**. São Paulo: Hucitec, 1990.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Sueli. **Micropolítica. Cartografias do Desejo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

GUIMARÃES, C. D. “Mas eu conheço ele!”: Um método de prevenção do HIV/AIDS. In: PARKER, R. e GALVÃO, J. (org) **Quebrando o silêncio mulheres e AIDS no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará – ABIA, IMS/UERJ, 1996, p.169-179.

GUIMARÃES, C. D. Mulheres, Homens e AIDS: O visível e o invisível In: PARKER, R, BASTOS, C., GALVÃO, J e PEDROSA, J. S. (org) **A Aids no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará-ABIA, IMS –UERJ, 1994, 217-230.

GUIMARÃES, Katia. Nas raízes do silêncio: A representação Cultural da Sexualidade Feminina e a prevenção do HIV/AIDS. In: PARKER,R e GALVÃO, J. (org) **Quebrando o silêncio mulheres e AIDS no Brasil**, Rio de Janeiro: Relume-Dumará-ABIA, IMS/UERJ, 1994, p.89-113.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**, tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade In: SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes 2000.

HIILMAN, James. **Entre Vistas**: conversas com Laura Pozzo sobre psicoterapia, biografia, amor, alma, sonhos, trabalho, imaginação. Tradução Lúcia Rosenberg e Gustavo Barcellos. São Paulo: Summus, 1989.

- JOFFE, H. “Eu não, o meu grupo não”: Representações Sociais Transculturais da AIDS. In: GUARESCHI, P.A. e JOVCHELOVITCH, S. (orgs.) **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais In: GUARESCHI, P.A. e JOVCHELOVITCH, S. (orgs.) **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- LACAN, Jacques. **O Seminário XVII. O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**. tradução de Alfredo Veiga neto, Belo Horizonte, Autêntica, 2000.
- LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia**. Contribucion a la teoria de las representaciones. México: Fondo de Cultura Econômica, 1983.
- LESBOS, Safo. **Poemas e Fragmentos**. Tradução de Joaquim Brasil Fontes. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Tradução Chaim Samuel Katz e Reginaldo Pires, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1975.
- LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LOURO, Guacira L. A emergência do “gênero”. In: **Gênero, Sexualidade e Educação**. Uma Perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira L. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. **Educação e Realidade**. Vol. 20 (2), jul/dez, 1995.
- LOURO, Guacira L. Teoria Queer – Uma Política Pós-Identitária para a Educação. In: **Estudos Feministas**. Ano 9, 2º semestre de 2001, 541-553.
- LOYOLA, M.A. Percepção e prevenção da AIDS no Rio de Janeiro. In: **AIDS e Sexualidade**. Rio de Janeiro: UERJ/Relume-Dumará, 1994.
- LUZ, Madel Therezinha. **Natural, Racional, Social**; razão médica e racionalidade científica moderna. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- MACHADO, Lia Z. **Gênero, um novo paradigma?** cadernos pagu (11) 1998: p. 107-125.
- MARTIN, D. **Mulheres e AIDS**: uma abordagem antropológica. São Paulo: Depto. De Antropologia da USP, (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social) 1995.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE – Programa Nacional de DST/AIDS – Coordenadoria de prevenção. **Diretrizes e Políticas de Prevenção e Controle das DST/AIDS entre mulheres**. Relatório de trabalho do Grupo Assessor, Brasília, março de 1997.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL. CNDST/AIDS - **Boletim Epidemiológico - AIDS**. Brasília: Ano XI, nº 02, maio 1998.

- MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL. CNDST/AIDS - **Boletim Epidemiológico - AIDS**. Brasília: 1999
- MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL. CNDST/AIDS - **Boletim Epidemiológico - AIDS**. Brasília: 2002
- MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL. Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS. **Boletim Epidemiológico 2001- AIDS**. AnoXV, nº1, 2002.
- O'LEARY, S. e CHENEY, B., Inglaterra: Panos Institut Ltd 1990. **A T Tripla Ameça: mulheres e AIDS**. Tradução Ana Dourado. Rio de Janeiro: ABIA & SOS CORPO, 1993.
- ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- PARDO, José L. **La Intimidad**. Valência: Pré - textos, 1996.
- PARKER, R.G. e GALVÃO, J. (orgs.) Introdução. In: PARKER, R. e GALVÃO, J. (ORG.) **Quebrando o silêncio – mulheres e AIDS no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará – ABIA, IMS/UERJ, 1996.
- PELBART, Peter Pal. **O Tempo não Reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- PERROT, Michelle. Escrever uma história das Mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu** (4) 1995: p.9-28.
- PIMENTA, Sônia A. **Educação em Saúde: Um Estudo de Caso na Prevenção da AIDS**. (Tese de Doutorado), UNICAMP, Campinas: 2003.
- PLATÃO **O banquete**. Trad. J. Cavalcante de Souza, 8 ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- POMMIER, G. –**A ordem sexual: perversão, desejo e gozo**. Rio de Janeiro: JZE, 1992.
- ROLNIK, S. Guerra dos gêneros e guerra aos gêneros? **Entretextos Entresexos**, UNICAMP, Campinas: Faculdade de Educação/UNICAMP-GEISH, n.1 1997.
- SANTOS, N.J.S. A AIDS entre as mulheres do Estado de São Paulo. In: PARKER, R. e GALVÃO, J. (org.) **Quebrando o silêncio – mulheres e AIDS no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará – ABIA, IMS/UERJ, 1996, p. 33– 59.
- SECRETARIA de Estado da Saúde S.P, **Boletim Epidemiológico - AIDS**. São Paulo: Ano XVIII, nº 1, abril 2000.
- SERRA, J. Apresentação In: **Aids no Brasil: um esforço conjunto governo**. Coordenação Nacional de DST e AIDS. Brasília: Ministério da Saúde, 1998.
- SILVA, Tomaz.T. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SOLER, Collete. – **Variáveis do fim de análise**. Campinas: Papius, 1995.
- SONTAG, S. **Aids e suas Metáforas**. Tradução Paulo Henriques Britto, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SOUZA, Regina M. & GALLO, Silvio. Por que matamos o barbeiro? Reflexões preliminares sobre a paradoxal exclusão do outro. In. **Educação & Sociedade**; Revista Quadrimestral de Ciência da Educação - CEDES. Campinas: n 79, 2002, p. 54

THOMPSON, P., **A Voz do Passado**: História Oral, São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TRONCA, Ítalo A. (org.) **Foucault Vivo**. Campinas:Pontes, 1987.

VEIGA- NETO, A. Incluir para excluir. In. Larrosa J. e Skliar C. (org.) **Habitantes de Babel**: Políticas e poéticas da diferença; tradução Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

WANDERLEY, C. M. **O Paradoxo da Prevenção**: A discursividade da AIDS Campinas: Instituto de Estudos da linguagem da UNICAMP, 1999.

ZOLA, Émile. **Naná**. Tradução: Fonseca, Eduardo N. São Paulo: Hemus Editora, 1982.